

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

**O ACENTO PRIMÁRIO EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL: UMA PROPOSTA  
DE ANÁLISE UNIFICADA À LUZ DA TEORIA DA OTIMIDADE**

Letícia Mena Alves

Orientadora  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Dissertação apresentada como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Letras

Pelotas, março de 2004

Este trabalho é dedicado à minha família pelo amor, pelo apoio e pela amizade.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pela orientação cuidadosa, pelo exemplo de profissionalismo, pela paciência, pelo incentivo e, principalmente, pela amizade.

À minha mãe amada por estar ao meu lado de forma incondicional, zelando e acreditando no meu sucesso.

Ao meu marido Luciano, ao meu irmão Caio Marcelo e à minha irmã Karina pelo amor, pelo apoio, pelo carinho, minha eterna gratidão.

Aos meus amigos Luciene Brisolara e Raymundo Olioni, por compartilharem cada etapa deste trabalho, dividindo angústias e alegrias e, também, pela amizade que conquistamos.

A Deus por trazer ao meu lado essas pessoas admiráveis.

À FAPERGS por tornar este trabalho possível.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	vi
ABSTRACT.....	vii
1 INTRODUÇÃO.....	01
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	04
2.1 Modelos para o tratamento do acento.....	04
2.1.1 Fonologia Métrica.....	05
2.1.1.1 Halle e Vergnaud (1987).....	08
2.1.1.2 Hayes (1995).....	12
2.1.1.3 Halle & Idsardi (1995).....	15
2.1.2 Teoria da Otimidade.....	24
2.1.2.1 A atribuição do acento em Teoria da Otimidade.....	26
2.1.2.2 Alinhamento Generalizado.....	30
3 BASE DE ANÁLISE.....	36
3.1 O acento do Latim, do Português Brasileiro e do Espanhol.....	36
3.1.1 Propostas para o acento do Latim.....	36
3.1.1.1 Hayes (1995).....	37
3.1.1.2 Jacobs (1997).....	39
3.1.1.3 O Latim Vulgar.....	41
3.1.2 Propostas para o acento do Português Brasileiro.....	42
3.1.2.1 Bisol (1992).....	42
3.1.2.2 Lee (1994).....	44
3.1.2.3 Massini-Cagliari (1999).....	45
3.1.2.4 Lee (2002) em Teoria da Otimidade.....	48
3.1.3 Propostas para o acento do Espanhol.....	55
3.1.3.1 Harris (1983).....	56
3.1.3.2 Harris (1995).....	58
3.1.3.3 Lipski (1997).....	63

3.1.3.4 Roca (1988).....	66
3.1.3.5 Hammond (1995) em Teoria da Otimidade.....	69
4 UMA REANÁLISE DOS FATOS.....	74
4.1 O acento primário do Português e do Espanhol.....	74
4.1.1 A distribuição do acento no léxico do Português e do Espanhol.....	77
4.1.2 Os heterotônicos.....	79
4.2 Os parâmetros acentuais para o Português e o Espanhol.....	81
4.2.1 O pé métrico.....	81
4.2.1.1 O pé métrico e os padrões de acento marcados.....	86
4.2.2 O peso silábico.....	89
4.2.3 O domínio.....	93
4.3 As propostas em Teoria da Otimidade.....	95
5 UMA PROPOSTA UNIFICADA PARA O PORTUGUÊS E O ESPANHOL.....	98
5.1 Implicações para a análise do acento secundário.....	109
6 CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
ANEXOS.....	121

## **RESUMO**

A presente pesquisa investiga a atribuição do acento primário nas línguas Portuguesa e Espanhola, com referência específica aos não-verbos. A base de investigação é a revisão de propostas existentes para ambos os sistemas de acento com fundamento em diferentes modelos teóricos, bem como a observância da distribuição dos padrões de acento no léxico de cada língua. O estudo analisa as semelhanças encontradas no comportamento do acento primário do Português e do Espanhol e traça relações que possibilitam construir um único algoritmo de acento para os dois sistemas lingüísticos. Para tanto, a pesquisa embasa-se nos pressupostos da Teoria da Otimidade.

## **ABSTRACT**

This research investigates the primary stress assignment in Brazilian Portuguese and Spanish, focusing specially on the non-verbs. The investigation is based on the review of current analysis for the stress system of both languages in the light of different theoretical frameworks, as well as the observance of the distribution of the stress pattern in these language's lexicon. The study discusses the similarity found in the behavior of primary stress in Brazilian Portuguese and Spanish and to establishes relations that enable the construction of a single stress algorithm for the two language systems. The research was based on the Optimality Theory framework.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem, como objeto de estudo, a atribuição do acento primário nas línguas Portuguesa e Espanhola com referência específica aos não-verbos. A literatura na área registra diversos estudos sobre o sistema acentual de ambas as línguas sem que, no entanto, haja referência especial ao estudo conjunto dos dois sistemas.

É sabido que o Português e o Espanhol têm origem latina e apresentam similaridades incontestáveis. Geograficamente unidas lado a lado em dois continentes – europeu e americano –, as línguas Portuguesa e Espanhola mantiveram-se em contato durante todo seu percurso diacrônico.

Sincronicamente, as duas línguas em estudo têm sido objeto de relevantes pesquisas lingüísticas, dentre as quais recebem destaque, neste trabalho, as investigações referentes aos sistemas de acento.

Os estudos sobre o acento objetivam revelar as regularidades de seu comportamento a partir de um algoritmo para cada língua natural. Segundo a Fonologia Métrica, o algoritmo de acento primário deriva das relações existentes entre a sílaba, o pé métrico e a palavra fonológica. Esses constituintes prosódicos possuem uma relação hierárquica, que pode ser representada através de um diagrama arbóreo ou por uma grade métrica, propostos, primeiramente, por Liberman e Prince (1977).

Para a Língua Portuguesa, os algoritmos visam a descrever as regularidades do acento primário, tais como o fato de o acento recair somente nas três últimas sílabas da palavra, sendo, portanto, inexistentes vocábulos como *\*tártaruga* e *\*ámidade*. As palavras do Português são, em sua maioria, paroxítonas, quando terminadas em vogal, e oxítonas, quando terminadas em consoante. Para a Língua Espanhola, valem as mesmas regularidades apontadas para o Português.

Detectadas as primeiras similaridades, tornou-se instigante analisar até que ponto podemos traçar semelhanças e diferenças entre os dois sistemas. A análise conjunta pode propiciar conclusões importantes para a compreensão do funcionamento do acento em cada



língua em particular, bem como contribuir para os estudos sobre os sistemas acentuais em geral, tendo em vista a busca por universais lingüísticos.

Nesse sentido, a Teoria da Otimidade, modelo com base em restrições, tem importante papel na análise comparativa dos dois sistemas, uma vez que a Teoria da Otimidade tem a universalidade de restrições como basilar em seus pressupostos.

O objetivo desta pesquisa resume-se em verificar se os sistemas de acento primário das línguas Portuguesa e Espanhola em não-verbos decorrem de um mesmo algoritmo de acento, através dos pressupostos da Teoria da Otimidade, tendo em vista sua aplicação ao ensino de Espanhol como língua estrangeira.

Os objetivos específicos são os que seguem:

- pesquisar propostas métricas apresentadas para os sistemas de acento primário em não-verbos das línguas Portuguesa e Espanhola, estabelecendo coincidências e discordâncias;
- relacionar as propostas métricas do Português e do Espanhol com seu sistema acentual de origem, o acento latino;
- apresentar o ordenamento de restrições envolvido na atribuição do acento primário em não verbos, comum as duas línguas, com base na Teoria da Otimidade;
- buscar evidências para o ranqueamento de restrições compartilhado pelas duas línguas em análise.

Acrescentamos aos objetivos específicos desta pesquisa a contribuição para o ensino de Espanhol como língua estrangeira a falantes nativos de Português, devido ao nosso engajamento com a Lingüística Aplicada.

Particularmente, em se tratando do ensino de Espanhol como língua estrangeira para falantes nativos de Português, muito se tem discutido sobre a necessidade de estudos contrastivos e/ou comparativos entre as duas línguas, a fim de embasar métodos e metodologias de ensino de línguas semelhantes. É de consenso, entre os professores de Língua Espanhola, que não se podem ignorar as peculiaridades do contato entre as duas línguas na sala de aula durante a escolha de métodos e metodologias de ensino.

O presente trabalho está organizado em seis capítulos, sendo o primeiro destinado à introdução, o segundo à fundamentação teórica, o terceiro às propostas acentuais para o Latim, o Português e o Espanhol, que compõem a base de investigação deste trabalho, o

quarto à análise do comportamento do acento primário nas línguas em pesquisa, o quinto à apresentação da proposta de acento unificada para as duas línguas e o sexto às conclusões.

A fundamentação teórica constitui-se na revisão da literatura referente à Fonologia Métrica e à Teoria da Otimidade, concebendo as bases em que se desenvolveram os estudos sobre o acento primário de cada língua aqui objeto de investigação. A divisão do capítulo destina uma seção para cada modelo: Fonologia Métrica e Teoria da Otimidade.

O terceiro capítulo traz as propostas métricas para o Latim; propostas métricas e em Teoria da Otimidade para o Português e propostas métricas e em Teoria da Otimidade para o Espanhol.

O quarto capítulo é constituído pela análise das principais questões introduzidas pelos modelos teóricos e pelas propostas de acento selecionadas pela presente pesquisa. São também observados a distribuição do acento no léxico do Português e do Espanhol e os heterotônicos. Após, são discutidos os parâmetros acentuais para as duas línguas, destacando uma subseção para cada parâmetro: pé métrico, o peso silábico e o domínio de aplicação da regra de acento. Finaliza o capítulo a análise de propostas existentes em Teoria da Otimidade para as duas línguas.

O quinto capítulo apresenta a proposta unificada para as duas línguas, expondo as bases da proposta e os argumentos que justificam a sua pertinência. Dentre estes, estão os argumentos referentes à atribuição do acento secundário. O sexto e último capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Modelos para o tratamento do acento

Os primeiros estudos sobre o acento, no modelo gerativo, definiram-no como um traço fonológico pertencente à vogal, com comportamento equivalente ao de outros traços, como [±nasal] ou [± arredondado].

Nos pressupostos da Fonologia Métrica, o acento passou a apresentar propriedades especiais que o caracterizam como unidade rítmica e também o distinguem como unidade fonológica. Tais propriedades são sistematizadas por Hayes (1995) e derivam de estudos anteriores, como os de Liberman e Prince (1977) e Selkirk (1984). Podemos defini-las, brevemente, seguindo Hayes (1995, p. 24-26):

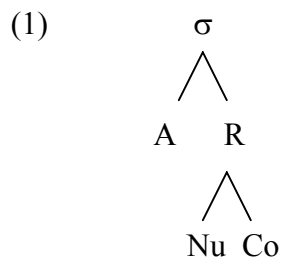
- i. culminatividade: o acento é normalmente culminativo, ou seja, cada palavra ou frase tem um único elemento mais proeminente, que carrega o acento principal;
- ii. distribuição rítmica: o acento tem distribuição rítmica. Há uma tendência das línguas naturais a distribuírem o acento com alternância regular. Podemos encontrar, portanto, palavras com acentos distribuídos como em  $\sigma\acute{\sigma}\sigma\acute{\sigma}\acute{\sigma}$ , mas não de forma irregular como em  $\sigma\sigma\sigma\acute{\sigma}\acute{\sigma}$ ;
- iii. hierarquia de acento: o acento é hierárquico e, assim, temos vários graus de acento, como acentos primários, secundários, terciários, que refletem essa hierarquia;
- iv. ausência de assimilação: o acento não sofre processos de assimilação.

Para Hayes (1995), essas propriedades do acento exercem influência na sua atribuição, o que vem a justificar seu modelo para análise do acento de base fundamentalmente rítmica. As mesmas propriedades definidas aqui para o acento são compartilhadas pelos demais modelos métricos, apresentados na seção seguinte.

### 2.1.1 Fonologia Métrica

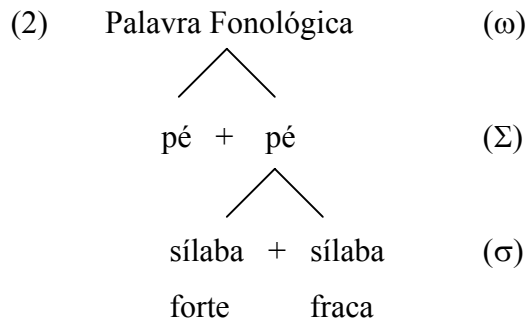
A Fonologia Métrica, com base em pressupostos da Fonologia não-linear, concebe o acento como uma propriedade relacional, ou seja, derivado das relações estabelecidas entre as unidades prosódicas. Na atribuição do acento primário, estão diretamente envolvidas as unidades sílaba, pé métrico e palavra fonológica.

Faz-se a caracterização breve dessas unidades, destacando, em relação à sílaba, que se trata de uma unidade constituída de um ataque (A) e uma rima (R), sendo esta composta de núcleo (Nu) e coda (Co) (Selkirk, 1982). A sílaba formada por uma rima simples, no caso o núcleo porque este é o elemento obrigatório, é designada sílaba leve e a sílaba formada por uma rima ramificada, composta de núcleo e coda ou de núcleo complexo, é designada sílaba pesada. Essa estrutura silábica podemos observar em (1).

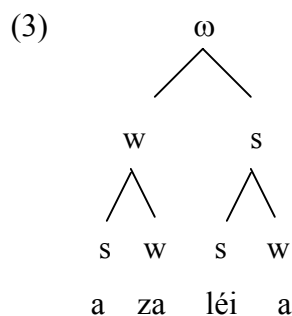


O pé métrico é a unidade prosódica hierarquicamente superior à sílaba. É formado por constituintes que podem ser binários, ternários ou ilimitados, sendo a menor unidade parentetizada da teoria métrica. Há uma relação de proeminência entre os elementos constitutivos do pé métrico, sendo o mais proeminente denominado *o cabeça* do constituinte.

A palavra prosódica é hierarquicamente superior ao pé métrico e é nessa unidade prosódica que se dá a interação entre componentes fonológicos e morfológicos. Observemos, em (2), a hierarquia prosódica dos três constituintes considerados na atribuição do acento primário, apresentada em Matzenauer-Hernandorena (2001, p. 76).



O primeiro modelo métrico para representação do acento com base em constituintes prosódicos (Lieberman e Prince, 1977) propõe a representação do fenômeno por um diagrama arbóreo. Nesse diagrama, as sílabas constituem formações binárias com um elemento forte (*strong*) e outro fraco (*weak*). O modelo permite caracterizar a estrutura interna das palavras e as relações de proeminência das quais derivam o acento, conforme pode ser visto em (3).

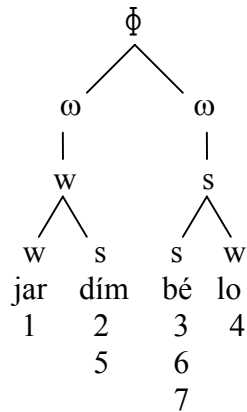


Pelo exemplo em (3), observamos que a sílaba dominada somente por nós fortes recebe o acento, a sílaba *léi*. Há uma alternância rítmica entre as sílabas fortes e fracas que não é explicitada pela árvore métrica. Com esse objetivo, foi incorporada ao modelo *a grade métrica*.

A grade métrica numera os segmentos em linhas. Na primeira linha, todos os segmentos que possam portar acento recebem um algarismo; na segunda, são numerados apenas os mais proeminentes e, na terceira, é numerado o mais proeminente da palavra. A representação em grade métrica permite estabelecer relações entre as proeminências dos segmentos e, também, permite demonstrar o ritmo das seqüências prosódicas.

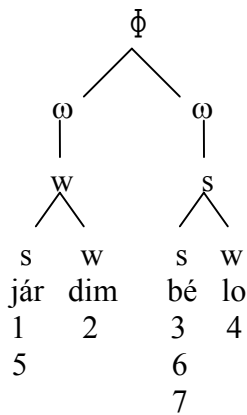
O poder explanatório da grade métrica é evidenciado também através do tratamento de choques de acento. Um choque de acento é gerado quando duas sílabas adjacentes são acentuadas, conforme o exemplo em (4).

(4)



Há um choque de acento entre a última sílaba de *jardim* e a primeira de *bélo*. A grade métrica demonstra que o acento mais à esquerda se move para a sílaba anterior, a fim de evitar o choque, como em (5)<sup>1</sup>.

(5)



O poder explicativo da árvore métrica em relação à formação de constituintes e o da grade métrica em relação ao ritmo complementam-se na análise do acento. No entanto, separadamente, tornam-se pouco explicativas. Com a finalidade de sintetizar as duas formas de representação do modelo métrico, Halle e Vergnaud (1987) propõem incorporar à grade métrica a informação de constituintes, antes indicados pela árvore métrica, delimitando-os com parênteses, chamada, por isso, *grade parentetizada*.

Posteriormente, Hayes (1991,1995) propõe que a construção da grade se dê através de pés métricos definidos pelo autor em três tipos. Esses pés representam os três ritmos encontrados na atribuição do acento das línguas naturais. O objetivo é evidenciar a relação

<sup>1</sup> Segundo Bisol (comunicação pessoal), no Português Brasileiro, o choque de acento é mais fortemente evitado dentro da palavra. Na frase, pode-se encontrar variação entre o deslocamento do acento ou a manutenção do choque.

existente entre acento e ritmo e restringir as possibilidades de representação do modelo métrico de forma que sistemas incomuns às línguas naturais não possam ser gerados.

Halle e Idsardi (1995) propõem que a construção da grade seja mais sintetizada, podendo ser os constituintes delimitados por um único parêntese. Algumas das implicações geradas são a existência de constituintes abertos em acentos derivados de peso silábico ou morfemas marcados, a redução do número de parâmetros necessários para a descrição dos sistemas acentuais e a ausência da extrametricidade da forma como é constituída nos outros modelos, ou seja, como um recurso métrico.

Os três modelos citados serão apresentados nas próximas seções com o objetivo de contemplar o tratamento dado ao acento pelo modelo da Fonologia Métrica e embasar a discussão sobre as propostas de acento do Latim, do Português e do Espanhol, que constituem a base de nossa pesquisa.

#### 2.1.1.1 Halle e Vergnaud (1987)

O modelo de grade parentetizada segue, em sua base, a grade proposta por Liberman e Prince (1977). As diferenças quanto à representação consistem na indicação dos elementos proeminentes através de asteriscos e na delimitação de constituintes através de parênteses. As indicações de cada língua para a construção da grade dão-se através de regras parametrizadas. Os parâmetros resumem-se em *head terminal right/left*, *bounded*, e direcionamento de construção de constituintes<sup>2</sup>.

*Head terminal*<sup>3</sup> estabelece se o cabeça é adjacente às bordas de seu constituinte [+HT] ou se é medial [-HT]. Sendo [+HT], a informação da borda na qual se localiza o cabeça é expressa em direita ou esquerda junto ao parâmetro.

*Bounded*<sup>4</sup> estabelece se o constituinte formado é limitado [+BND], ou seja, se o cabeça é separado da borda de seu constituinte por, no máximo, um elemento ou se é ilimitado [-BND], isto é, apresenta mais de um elemento separando o cabeça da borda do constituinte. Para exemplificar, apresentamos os parâmetros para o sistema acentual do Francês, segundo os próprios autores em (6) (Halle e Vergnaud, 1987, p. 12). É sabido que o

---

<sup>2</sup> Durante a exposição dos modelos, optamos por manter as nomenclaturas e citações originais, com a tradução em nota.

<sup>3</sup> Cabeça terminal.

<sup>4</sup> Limitado.

Francês tem, como padrão acentual, a localização do acento primário na última sílaba da palavra.

- (6) Constituintes da Linha 0 [+HT, -BND, direita]  
 Marque as fronteiras dos constituintes na Linha 0  
 Localize os cabeças de constituintes da Linha 0 na Linha 1.

. . . . . \*  
 ( \* \* \* \* \* )  
 originalité

Para que os parâmetros *head terminal* e *bounded* permitam a formação de constituintes sem ambigüidades, uma primeira condição é apresentada pelos autores – *recoverability condition*<sup>5</sup>.

Segundo essa condição, através da informação da localização do cabeça do constituinte, deve-se poder recuperar a localização das fronteiras do constituinte em questão e, da mesma forma, através da informação da localização das fronteiras do constituinte, deve-se poder recuperar a localização do cabeça a ele pertencente. Isso significa que pelo menos um dos valores dos parâmetros deve ser positivo, para que a informação de construção do constituinte não seja ambígua, como em (7), cujos dois parâmetros recebem valores negativos.

- (7) [-HT, -BH] . . \* . . . ou . . . \* . .  
 ( \* \* \* \* \* ) ( \* \* \* \* \* )

Em (7), vemos que as indicações dos parâmetros podem derivar duas representações diferentes. A teoria prevê a restrição *recoverability condition* para que ambigüidades como essa sejam evitadas.

Três outras condições gerenciam a regra de construção de constituintes – *exhaustivity condition*; *maximality condition* e *faithfulness condition*<sup>6</sup>. A primeira, *exhaustivity condition*, estabelece que as regras de construção de constituintes sejam aplicadas exaustivamente. Dessa forma, um determinado constituinte deve ser construído iterativamente até incluir todos os segmentos da palavra. Para línguas com um único acento, a construção iterativa de

<sup>5</sup> Condição de recuperabilidade.

<sup>6</sup> Condição de exaustividade, condição de maximalidade, condição de fidelidade, respectivamente.



constituintes pode derivar acentos secundários inexistentes. O modelo prevê, para tanto, a eliminação dos demais acentos através de *conflation line*<sup>7</sup>.

A regra *conflation line* faz a fusão de duas linhas e estabelece que somente os elementos marcados na linha superior têm preservada a sua marca na linha inferior. Dessa forma, todas as demais marcas da linha inferior que não tiverem projeção na linha acima são apagadas. No exemplo que segue, o acento primário é projetado na Linha 2. A posterior fusão desta com a Linha 1 apaga os acentos secundários, conforme em (8).

(8) a)

*	Linha 2
. * . * . * . *	Linha 1
(. *) (. *) (. *) (. *)	Linha 0

*Conflate lines 1 e 2*

b)

*	Linha 2
. . . . . *	Linha 1
(. *) (. *) (. *) (. *)	Linha 0

Temos, em (8 b), o apagamento das marcas da grade referentes aos constituintes que não tiveram projeção na Linha 2, ou seja, constituintes que geravam acentos outros que não o primário.

A *maximality condition* diz que cada constituinte construído por uma regra deve incorporar sua subsérie máxima, contanto que outras exigências sobre a estrutura dos constituintes sejam satisfeitas. Por essa condição, os constituintes iterativos devem ser construídos partindo de sua forma máxima. A condição impede a construção de pés ternários e binários concomitantemente e, também, a de pés degenerados em seqüência. Um pé degenerado é permitido apenas para cumprir *exhaustivity condition* quando a formação de um constituinte em sua forma máxima não puder ser realizada.

Por fim, a *faithfulness condition* estabelece que o *output* da estrutura métrica respeite a distribuição dos cabeças, de forma que cada cabeça esteja associado com as fronteiras dos constituintes na estrutura do *output* e que estas estejam localizadas nas posições apropriadas

---

<sup>7</sup> Fusão de linhas.

da seqüência. As fronteiras dos constituintes são apagadas no *output* quando nenhum dos elementos fechados pelas fronteiras for marcado como cabeça. Há, assim, uma relação entre o cabeça de constituinte e o próprio constituinte de forma que o apagamento de um acarreta a inexistência do outro no *output*.

Dois outros temas importantes no modelo de Halle e Vergnaud precisam ser citados. O primeiro é a extrametricidade. Na Fonologia Métrica, a extrametricidade constitui-se em um recurso segundo o qual um elemento se torna invisível à regra de acento, não sendo computado durante a análise métrica. Para Halle e Vergnaud (1987), a extrametricidade está limitada a elementos periféricos, quer finais, quer iniciais.

O segundo tema é o referente ao peso silábico. Para o modelo, sistemas acentuais governados por informações de peso silábico ou morfológicas (afixos acentuados) recebem acento pela atuação de *accented elements*<sup>8</sup>. Os *accented elements* são identificados com asteriscos diretamente na Linha 1 e formam constituintes obrigatórios (*obligatory constituents*). Esses constituintes respeitam a distribuição dos elementos acentuados, ou seja, para cada elemento acentuado é construído um constituinte. Dessa forma, morfemas lexicalmente marcados e a sensibilidade ao peso silábico recebem o mesmo tratamento dentro do modelo.

Há uma diferença importante a ser estabelecida aqui entre constituintes construídos (*constructed constituents*) e constituintes obrigatórios (*obligatory constituents*). Os primeiros são construídos através de regras – como no exemplo do Francês, em (6) –; são necessárias as informações dos parâmetros de cada língua, para que os constituintes sejam construídos e seus cabeças sejam derivados.

Os *obligatory constituents*, ao contrário, são formados através da informação dos cabeças de constituinte já estabelecidos subjacentemente; a sua construção seguirá a distribuição desses cabeças na palavra. A atuação de *accented elements* observamos, em (9), através do padrão acentual do Koya. Nele, o acento cai na vogal de sílabas fechadas ou longas e na vogal da primeira sílaba (Tyler, 1969 apud Halle e Vergnaud, 1987, p. 12). A simbologia utilizada é a de um algarismo para representar cada sílaba, sendo que o algarismo sublinhado representa sílabas pesadas.

---

<sup>8</sup> Elementos acentuados.

## (9) Regra de construção de constituintes

Marque um asterisco na Linha 1 para vogais de sílabas fechadas ou longas.

. . \* . . . \* . .  
1 2 3 4 5 6 7 8 9

Construa constituintes [+HT, - BND, esquerda] na Linha 0.

\* . \* . . . \* . .  
(1 2)(3 4 5 6)(7 8 9)

No exemplo em (9), as sílabas pesadas 3 e 7 recebem marca diretamente na Linha 1 e, após, constituintes obrigatórios são construídos na Linha 0 de acordo com a posição dos cabeças da Linha 1. Notemos que o primeiro constituinte, (1 2), difere dos demais nesse sentido, ou seja, ele não tem marca determinada subjacentemente e, a partir de sua construção, é gerado o seu cabeça; é, portanto, um *constructed constituent*.

O modelo de grade parentetizada interpreta os sistemas de acento das línguas naturais através de uma regra parametrizada. Os parâmetros postulados pelo modelo delimitam o constituinte [ $\pm$ BND], seu direcionamento de construção e localizam o cabeça que, por sua vez, pode ser inicial, final ou medial [ $\pm$ HT]. Por outro lado, a construção de constituintes deve ser sempre iterativa e as propriedades de peso silábico ou morfológicas que intervêm na atribuição do acento devem comportar-se igualmente como *accented elements*.

## 2.1.1.2 Hayes (1995)

Outro modelo com base nos pressupostos da Fonologia Métrica foi proposto por Hayes (1995). O autor fundamenta sua proposta em um inventário de pés métricos *highly restrictive and empirically sufficient*<sup>9</sup> (Hayes, 1995, p. 62).

Para o autor, o acento é ritmo (ver 2.1), o que implica um modelo também fundamentalmente rítmico. No entanto, adverte que o sistema rítmico do acento não tem a rigidez dos sistemas rítmicos musicais; isso se deve ao fato de o acento ter outras funções não só rítmicas, como fonológicas, morfológicas ou sintáticas. Logo, o inventário de pés tem uma motivação rítmica – *iambic/trochaic law* –, denominada motivação externa e, também, uma motivação fonológica.

<sup>9</sup> altamente restritivo e empiricamente suficiente.

Os pés métricos são o mais baixo constituinte métrico e sua denominação advém da métrica latina: pé troqueu e pé iambo<sup>10</sup>. Hayes (1995) propõe a existência de apenas três tipos de pés métricos, necessariamente binários, que juntos representam os ritmos encontrados nas línguas naturais: pé troqueu moraico, pé troqueu silábico e pé iambo.

O pé troqueu moraico e o iambo são sensíveis ao peso silábico, logo, se existe uma sílaba pesada, esta atrai o acento, sendo que o pé troqueu moraico tem proeminência à esquerda e o pé iambo tem proeminência à direita. O pé troqueu silábico não é sensível ao peso da sílaba e tem proeminência à esquerda. As respectivas representações aparecem em (10), sendo as sílabas leves representadas por  $\cup$  e as sílabas pesadas por  $\_$ .

(10) troqueu silábico (x .)

$\sigma\sigma$

troqueu moraico (x .) ou (x)

$\cup\cup \quad \_$

iambo (. x) (. x) ou (x)

$\cup\cup \cup\_ \quad \_$

A base rítmica do inventário de pés proposto por Hayes deriva da lei de boa formação da estrutura rítmica, *Iambic/Trochaic Law*, apresentada em (11)<sup>11</sup> (Hayes, 1995, p. 80).

(11) Iambic/Trochaic Law

- a. Elements contrasting in intensity naturally form groupings with initial prominence.
- b. Elements contrasting in duration naturally form groupings with final prominence.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Os principais pés da métrica latina são iambo ( $\cup\_$ ), troqueu ( $\_\cup$ ), dátilo ( $\_\cup\cup$ ), espondeu ( $\_\_$ ), pirríquio ( $\cup\cup$ ); tribaco ( $\cup\cup\cup$ ) e anapesto ( $\cup\cup\_\$ ).

<sup>11</sup> A formulação da Lei iâmbico/trocaica tem como base estudos experimentais sobre grupamentos rítmicos – Bolton (1894), Woodrow (1909, 1951), Fraisse (1974), Allen (1975), Bell (1977), Rice (1992). Em síntese, o experimento constitui-se na indagação aos sujeitos da pesquisa sobre quais seqüências de sons criadas artificialmente apresentam ritmo regular. Dadas seqüências com contraste em intensidade e outras com contraste em duração, os resultados demonstram que as primeiras são preferidas com proeminência inicial e as segundas com proeminência final.

<sup>12</sup> Lei iâmbico-trocaica

- a. Elementos que contrastam em intensidade formam naturalmente grupamentos com proeminência inicial.
- b. Elementos que contrastam em duração formam naturalmente grupamentos com proeminência final.

Temos, portanto, pés iâmbicos com proeminência final e contraste de duração em relação à estrutura silábica, representados em (12), e pés trocaicos com proeminência inicial e igual duração – duas sílabas ou duas moras –, representados em (13) (Hayes, 1995, p. 71).

(12) pés iâmbicos ( . x)

˘ –

(13) pés troqueus silábicos (x . )  
σ σ

moraicos	(x . )	(x)
	σ σ	σ
		└
	μ μ	μ μ

O autor explica que a existência de duas outras variações do iambo ( ˘ ˘ ) e ( ˘ ˘ ), nas quais não há contraste de duração, tem também duas outras motivações: a necessidade de analisar todas as sílabas em pés e a propriedade de atração do acento inerente às sílabas pesadas. Por outro lado, o pé troqueu irregular ( ˘ ˘ ), ou seja, com contraste de duração e proeminência inicial, não é aceito pelo modelo por infringir a Lei iâmbico/trocaica.

Para Hayes (1995), o inventário com os três padrões de acento citados prediz de melhor forma os sistemas de acento das línguas naturais. Em conjunto, atuam outros parâmetros para uma completa descrição dos sistemas acentuais. Ressaltamos que, na seleção de um tipo de pé métrico como caracterizador de um determinado sistema, o tipo de constituinte, a borda de posicionamento do cabeça e a sensibilidade ao peso silábico são concomitantemente selecionados.

Um parâmetro que requer seleção separadamente é o de exaustividade de construção do pé métrico. A construção dos pés é parametrizada em formação iterativa ou não-iterativa de modo a ser selecionada pela língua. A Regra Final, que atribui a proeminência relativa entre os pés que formam a palavra, também é um parâmetro a ser fixado em direita ou esquerda, de acordo com a posição do acento de palavra na língua.

A formação de pés degenerados também tem marcação paramétrica; línguas proíbem pés degenerados em diferentes graus. A proibição forte não permite pés degenerados categoricamente, enquanto a proibição fraca permite a sua formação quando em posições fortes, ou seja, quando dominados por uma outra marca na grade.

Quanto à extrametricidade, é importante mencionar que esta deve ser periférica e localizada na borda direita do constituinte; não sendo assim, ela é considerada marcada.

Uma síntese dos parâmetros propostos por Hayes (1995) é apresentada em (14).

- (14) tipo de pé: troqueu silábico, troqueu moraico, iambo;  
 direção de construção dos pés: direita para esquerda ou esquerda para direita;  
 construção: iterativa ou não-iterativa  
 regra final: direita ou esquerda  
 pé degenerado: proibição forte ou fraca.

Faz-se pertinente estabelecer algumas relações entre o modelo de Hayes (1995) e o de Halle e Vergnaud (1987) apresentado anteriormente. A primeira refere-se à não existência, na proposta de Hayes, de pés com cabeça medial, como permitido em Halle e Vergnaud através do parâmetro [-HT]. Pés com cabeça medial são incomuns nas línguas naturais.

O tipo de constituinte em Hayes (1995) restringe-se a somente binários denominados *pés métricos*; constituintes ilimitados existem no nível de palavra fonológica ou em acentos morfológicamente condicionados. A exaustividade de análise não é obrigatória ao contrário do que é postulado por Halle e Vergnaud, antes é um parâmetro a ser selecionado pela língua, podendo haver elementos não metrificados. Como consequência, a aceitação de pés degenerados deve também ser selecionada e a regra *conflation line* não se faz necessária.

Em síntese, o modelo de Hayes (1995) restringe a variedade de sistemas de acento a serem permitidos nas línguas naturais. Essa restrição não limita o poder explicativo do modelo, segundo o autor, mas, sim, contribui para uma análise mais eficaz e relacionada ao ritmo.

### 2.1.1.3 Halle & Idsardi (1995)

Para Halle e Idsardi (1995, p. 439), o acento é *a reflection of the groupings that speakers impose on sequences of linguistic elements*<sup>13</sup>. Da formação de grupos ou constituintes deriva a proeminência de alguns elementos em relação a outros, podendo-se

<sup>13</sup> um reflexo do grupamento que falantes impõem em seqüências de elementos lingüísticos.

assegurar, portanto, que o acento é produto da organização de segmentos lingüísticos em constituintes métricos.

A análise do acento com base nesses pressupostos requer três informações básicas segundo os autores, quais sejam a dos elementos que podem portar acento, a dos limites dos constituintes formados por esses elementos e a do elemento mais proeminente, o cabeça de constituinte. A gramática Universal prevê, para tanto, segundo Halle e Idsardi, um plano especial para o acento, composto pela linha de segmentos e pela linha de segmentos possíveis de portar acento, denominado *plano métrico*<sup>14</sup>, mostrado em (15) (Halle & Idsardi, 1995, p. 404).

(15) x x xx x x      Linha 0  
       auto-biographic      Linha de segmentos

Sob o plano métrico, é construída a grade métrica com as indicações de borda dos constituintes e de seu elemento mais proeminente. A primeira é feita pela marcação de um parêntese inicial em cada constituinte e a segunda, pela projeção do elemento mais proeminente de cada constituinte em uma linha imediatamente superior, a Linha 1. A projeção de informações de uma linha para outra imediatamente acima constitui o mecanismo de interface entre as linhas formadoras da grade métrica do modelo. Temos sua representação em (16) (Halle e Idsardi, 1995, p. 405).

(16)                    x              Linha 2 - elemento mais proeminente da palavra  
                           x    x    x)            Linha 1 - elementos mais proeminentes de cada constituinte  
                           (x x (xx (x x        Linha 0 - linha de segmentos possíveis portadores de acento  
                           auto-biographic

A construção da grade métrica dá-se por regras universais parametrizadas e por restrições que podem ser específicas de língua. A primeira regra, em (17), projeta os elementos possíveis de portar acento, selecionados por cada língua (Halle e Idsardi, 1995, p. 407).

<sup>14</sup> A existência de um plano métrico para a representação do acento opõe-se à hierarquia de constituintes (Selkirk, 1986). Para os autores, sílaba e acento são representados em planos distintos.

(17) Line 0 mark projection.

Project a Line 0 element for each *syllable head*<sup>15</sup>.

Para algumas línguas, é necessária, no entanto, uma extensão desse parâmetro. Isso ocorre em línguas sensíveis ao peso silábico, por exemplo, cuja estrutura interna das sílabas interfere na atribuição do acento. Faz-se necessário projetar o limite dessas sílabas através de parênteses, como em (18) (Halle e Idsardi, 1995, p. 407).

(18) Syllable Boundary Projection parameter

Project the left/right boundary of certain syllables onto Line 0<sup>16</sup>.

A projeção de limite de sílaba constrói um parêntese esquerdo ou direito para cada *X* projetado de *certas sílabas* ainda na Linha 0. Essa projeção pode ser motivada por propriedades da sílaba, como sílaba pesada, vogais longas, ou por propriedades idiossincráticas, como morfemas acentuados ou indutores de acento.

Os autores salientam que (17) e (18) são independentes, de forma que a projeção de elementos acentuáveis, governada por (17), se dá independentemente da projeção de limites de sílaba, governada por (18).

Cabe destacar que, no modelo, todos os parâmetros são ativados por cada língua pela existência de ambiente para sua atuação. Dessa forma, nem todos os parâmetros atuam em todas as línguas.

Um próximo parâmetro é o de localização do cabeça de constituinte, expresso em (19) (Halle e Idsardi, 1995, p. 408).

(19) Head location parameter

Project the left/right – most element of each constituent onto the next line of the grid<sup>17</sup>.

Dado parâmetro projeta o cabeça de cada constituinte em uma linha imediatamente acima; o número de cabeças será igual ao número de constituintes existentes. Para a

---

<sup>15</sup> Linha 0 projeção de marcas

Projete na Linha 0 elementos para cada núcleo silábico.

<sup>16</sup> Parâmetro de projeção de limite de sílabas

Projete o limite esquerdo/direito de certas sílabas na Linha 0.

<sup>17</sup> Parâmetro de localização do cabeça

Projete o elemento mais à esquerda/direita de cada constituinte na próxima linha da grade.



localização do acento principal, faz-se necessário delimitar a borda do constituinte de palavra, através do parâmetro *Edge-marking parameter*, em (20) (Halle e Idsardi, 1995, p. 408).

(20) Edge-marking parameter

Place a left/right parenthesis to the left/right of the left/right-most element in the string<sup>18</sup>.

Através da marcação de borda, podem-se excluir elementos periféricos não metrificados, apreendendo os efeitos da extrametricidade e, ainda, localizar o acento primário da palavra.

A aplicação do modelo de Halle e Idsardi (1995) aparece exemplificada em (21) através da língua Selkup (Kuznecova, Xelimskij e Gruškina 1980; Halle e Clements, 1983). Nessa língua, o acento cai na vogal longa mais à direita e, não sendo assim, na vogal inicial da palavra. Temos, portanto, a atribuição do acento governada por *Syllable Boundadry Projection*.

(21) Linha 0

Projete na Linha 0 um parêntese à esquerda de cada sílaba composta de vogal longa.

Localize um parêntese esquerdo à esquerda do elemento mais à esquerda da cadeia na Linha 0.

Projete o elemento mais à esquerda de cada constituinte (cabeça) na Linha 1.

Linha 1

Localize um parêntese direito à direita do elemento mais à direita na Linha 1.

Projete o elemento mais à direita de cada constituinte (cabeça) na próxima linha da grade.

Observemos a representação do modelo através da hipotetização de duas palavras da língua Selkup; uma composta somente por sílabas leves (L), primeira coluna, e outra contendo sílabas pesadas (H), segunda coluna (Halle e Idsardi, 1995, p. 413) em (22).

---

<sup>18</sup> Parâmetro de marcação de borda

Localize um parêntese esquerdo/direito à esquerda/direita do elemento mais à esquerda/direita da seqüência.

(22) Line 0 Project: L	x x x x x L L L L L	x (x x x (x x L H L L H L
Edge: LLL	(x x x x x L L L L L	(x (x x x (x x L H L L H L
Head: L	x (x x x x x L L L L L	x x x (x (x x x (x x L H L L H L
Line 1 Edge: RRR	x) (x x x x x L L L L L	x x x) (x (x x x (x x L H L L H L
Head: R	x x) (x x x x x L L L L L	x x x x) (x (x x x (x x L H L L H L

No exemplo, *Syllable boundary projection* projeta o limite de sílabas pesadas na segunda coluna, mas não atua em palavras compostas somente por sílabas leves, primeira coluna. A marcação de borda é que delimitará o constituinte nesta última e, em palavras com sílaba pesada, formará um novo constituinte na borda esquerda da palavra. A projeção dos cabeças de cada constituinte delimitado por *Syllable boundary projection* e *Edge-marking parameter* resulta em apenas um cabeça em palavras com sílabas leves e em três cabeças para palavras com vogal longa.

A nova aplicação dos parâmetros na Linha 1 requer que a borda marcada seja a borda direita, pois o acento cai na vogal longa mais à direita. O resultado expressa o fato de o acento cair mais à direita nas sílabas com vogais longas, mas, na primeira sílaba, em palavras compostas somente por sílabas leves. A não projeção de sílabas com vogal longa limita em uma possibilidade a localização do acento, logo a existência de um acento por palavra.

Como mencionado anteriormente, *Syllable boundary projection* não se restringe à projeção de estruturas silábicas. Em Turco, por exemplo, o acento cai na última sílaba da palavra, mas alguns morfemas posicionam o acento imediatamente à sua esquerda. Nesse caso, *Syllable boundary projection* projeta não sílabas pesadas, como em Selkup, mas, sim, esses morfemas idiossincráticos.

Temos, em (23), uma palavra sem morfema marcado, na primeira coluna, e, na segunda, uma palavra com o morfema *dur* que apresenta o citado comportamento (Halle e Idsardi, 1995, p. 417-418).

- (23) Parâmetros: Line 0 Project: L Edge: LLL Head: R  
Line 1 Edge: LLL Head: L

Line 0 Project: L	x x x adam-lar	x x (x x yorgun-dur-lar
Edge: LLL	(x x x adam-lar	(x x (x x yorgun-dur-lar
Head: R	x (x x x adam-lar	x x (x x (x x yorgun-dur-lar
Line 1 Edge: LLL	(x (x x x adam-lar	(x x (x x (x x yorgun-dur-lar
Head: L	x (x (x x x adam-lar	x (x x (x x (x x yorgun-dur-lar

Em Turco, *Syllable boundary projection* delimita constituintes para os morfemas idiossincráticos. A localização do cabeça à direita dos constituintes por *Head R* é responsável por localizar o acento à esquerda do morfema especificado.

Uma vez que os acentos das línguas naturais não se restringem a bordas de palavra ou são motivados por propriedades especiais de sílabas ou morfemas, faz-se necessário um último parâmetro, em (24), para a análise do acento de línguas cujos acentos derivam da organização exclusiva de constituintes (Halle e Idsardi, 1995, p. 418).

- (24) Iterative constituent construction parameter  
Insert a left/right boundary for each pair of elements<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Parâmetro de construção de constituintes iterativo.  
Insira um limite esquerdo/direito para cada par de elementos.

A construção de constituintes iterativos dá-se pela marcação de parênteses direitos ou esquerdos. Da seleção dos parênteses já deriva o direcionamento de construção – parênteses esquerdos constróem constituintes da direita para a esquerda, parênteses direitos constróem constituintes da esquerda para a direita.

Diferentemente de Halle e Vergnaud (1987), a presente proposta permite somente a construção de constituintes iterativos binários, em acordo com Hayes (1995). Exemplificamos, em (25), o padrão de acento do Warao (Halle e Idsardi, 1995, p. 418-419).

(25) Warao: o acento cai em cada sílaba par, contando do fim da palavra, sendo o acento primário o da penúltima sílaba.

Parâmetros: Line 0 Edge: RRR ICC: L Head: L

Line 1 Edge: RRR Head: R

Line 0 Edge: RRR	x x x x x x x ) yapurukitanehase	x x x xx) yiwaranae
ICC: L	(x x(x x(x x (x x) yapurukitanehase	x (x x (xx) yiwaranae
Head: L	x x x x (x x(x x(x x (x x) yapurukitanehase	x x x (x x (xx) yiwaranae
Line 1 Edge: RRR	x x x x ) (x x(x x(x x (x x) yapurukitanehase	x x ) x (x x (xx) yiwaranae
Head: R	x x x x x ) (x x(x x(x x (x x) yapurukitanehase	x x x ) x (x x (xx) yiwaranae

Da formação de constituintes iterativos deriva a construção de *constituintes fechados ou limitados*. A construção não é exaustiva na medida em que, quando em número ímpar, o último elemento é não metrificado.

Para atuar conjuntamente com os parâmetros universais, o modelo prevê *avoidance constraints*,<sup>20</sup> que podem ser específicas de língua. A função das restrições é limitar a aplicação dos parâmetros, impedindo a criação de certas configurações proibidas na língua dentro da grade métrica.

Nesse sentido, segundo os autores, as *avoidance constraints* assemelham-se ao *Princípio de Contorno Obrigatório* de McCarthy (1986) – em ambos os casos há a prevenção da criação de estruturas não aceitas na língua. A diferença reside no fato de as restrições do modelo poderem ser específicas de línguas.

A utilização de *avoidance constraints* pode ser observada no Latim. Nele, a última sílaba nunca recebe acento. Há, na língua, uma restrição que proíbe constituintes *órfãos* finais. A restrição configura-se como *avoid x(x#*, ou seja, sílabas pesadas finais não formam constituintes com um único elemento quando precedidas de outra sílaba.

(26) Line 0 Project: L <i>Avoid x(x#</i>	x x x x reprimitur	x x (x x reprimuntur
Edge: RLR	x x x)x reprimitur	x x (x )x reprimuntur
ICC: L	x (x x)x reprimitur	(x x (x )x reprimuntur
Head: L	x x (x x)x reprimitur	x x (x x (x )x reprimuntur
Line 1 Edge: RRR	x) x (x x)x reprimitur	x x) (x x (x )x reprimuntur
Head: R	x x) x (x x)x reprimitur	x x x) (x x (x )x reprimuntur

A restrição *avoid x(x#* impede a projeção de sílabas pesadas finais o que, por sua vez, impede a formação de um constituinte final. Já o parâmetro Edge:RLR exclui a última sílaba

<sup>20</sup> restrições de evitação.

da palavra. Vemos aqui a possibilidade de exclusão de sílabas periféricas sem a utilização da extrametricidade da forma como é utilizada nos modelos anteriores, ou seja, como recurso métrico.

O modelo de Halle e Idsardi (1995) busca simplificar a análise de acento. Segundo os autores, a simplificação começa pela eliminação de parênteses supérfluos. Um simples parêntese é suficiente para definir um constituinte métrico quando este é aberto, ou seja, constituinte ilimitado na proposta de Halle e Vergnaud (1987). A consequência direta, segundo Halle e Idsardi, é uma melhor caracterização de línguas cujo acento é ditado por peso silábico ou morfemas idiossincráticos.

Não sendo assim, a construção iterativa de constituintes descreve línguas cujos acentos derivam exclusivamente da organização dos constituintes e, pela proposta, possuem constituintes fechados ou limitados. A exclusividade de construções binárias por ICC permite elementos não metrificadas, ao contrário do postulado em Halle e Vergnaud (1987).

A extrametricidade não se faz necessária no modelo, ao contrário do postulado tanto pelo modelo de Halle e Vergnaud (1987) quanto pelo modelo de Hayes (1995). Como pôde ser visto na análise do Latim, a localização de borda da palavra exclui sílabas finais, podendo-se inferir que a exclusão de sílabas iniciais também é possível dentro do modelo pelo uso do mesmo recurso. Ainda, uma restrição específica da língua impede a projeção de sílabas pesadas finais: *avoid (x#*.

Quanto à binaridade dos constituintes, os autores enfatizam o fato de aproximar-se do postulado por Hayes (1995), mas advertem que não há a configuração de tipos específicos, com privilégio de troqueus ou iampos.

Os parâmetros podem estar presentes ou ausentes na língua. Se há ambiente para ICC, constituintes iterativos são formados, se não há ambiente, só são formados constituintes definidos por *Syllable boundary projection*.

A Fonologia Métrica proporcionou um maior poder explicativo para os estudos sobre os sistemas acentuais através da relação hierárquica de constituintes prosódicos. A partir da representação arbórea, modelos representacionais buscaram aprimorar esse poder explicativo. Os modelos métricos de Halle & Vergnaud (1987), Hayes (1995) e Halle e Idsardi (1995), citados nesta seção, representam passos importantes dado pela teoria na explicitação dos sistemas acentuais das línguas naturais. Veremos, em seção subsequente, que a Teoria da Otimidade vem, no mesmo sentido, contribuir para a explicitação dos sistemas lingüísticos e, em especial, para a análise do acento.

### 2.1.2 Teoria da Otimidade

A Teoria da Otimidade (TO) tem diferentes postulações sobre o funcionamento das línguas naturais quando comparada com os modelos lingüísticos anteriores. Podemos, no entanto, estabelecer alguns encontros entre a Teoria da Otimidade e a Teoria Gerativa, por exemplo, através da existência de uma gramática universal, conjunto de conhecimentos inatos comuns a todas as línguas. Podemos, também, aproximá-la de pressupostos conexionistas e teremos uma outra linha de desenvolvimento para a TO.

A *Teoria da Otimidade Standard*, proposta por Prince & Smolensky (1993), estabelece três componentes para o modelo: GENERator, CONstraint e EVALuator.

O componente CONstraint é a base de análise para o componente EVALuator, que avalia os candidatos a *output* gerados pelo terceiro componente, o GENERator. Assim, temos a seguinte relação: a partir de um *input*, GEN gera um conjunto de candidatos a *outputs* a serem analisados por EVAL com base na hierarquia de restrições que compõe CON.

A análise feita por EVAL é realizada em paralelo, ou seja, são avaliados todos os candidatos, levando em conta todas as restrições; o paralelismo é uma propriedade básica da TO. O candidato escolhido é o *output* ótimo, aquele que satisfaz de melhor forma a hierarquia de restrições. Sendo as restrições universais, a diferença entre as línguas resulta das diferentes hierarquias, nas quais estão organizadas as restrições.

No modelo, as restrições universais estão classificadas em dois grandes grupos: as de fidelidade e as de marcação. As restrições de fidelidade buscam assegurar a relação entre *output* e *input*, com o máximo de similaridade. Estariam associadas à percepção no sentido de que quanto maior o contraste, melhor é a percepção.

As restrições de marcação advogam por *outputs* não-marcados através de proibições. Estas estão associadas à produção, quanto menor o contraste, menor o esforço e, conseqüentemente, melhor a produção. São, portanto, duas forças antagônicas que asseguram *outputs* ótimos.

Há as restrições de alinhamento, que parecem não apresentar características específicas de um ou outro grupo, podendo compor um terceiro, segundo Bonilha (2003). McCarthy e Prince (1993) propõem a existência de uma família de restrições de alinhamento denominada alinhamento generalizado, *generalized alignment*<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> O alinhamento generalizado será apresentado em seção aparte. (ver 2.1.2.2).

Em TO, as restrições são violáveis. Para que um determinado candidato seja considerado gramatical, não é preciso que o mesmo satisfaça todos os princípios da gramática da língua. As violações podem ocorrer, porém não de forma aleatória; uma violação ocorre quando há conflito entre restrições.

É importante mencionar que os conflitos citados são resolvidos pela hierarquia de cada língua: uma determinada violação é permitida no *output* ótimo quando ocorre em uma restrição que ocupa a posição mais baixa da hierarquia em relação à outra restrição com a qual está em conflito. O posicionamento muito abaixo na hierarquia pode fazer com que uma determinada restrição não exerça nenhum papel avaliador na seleção do candidato ótimo.

Através da explicitação do processamento da gramática em TO, as relações entre componentes ficam mais claras. A operação é representada no *tableau* em (27).

(27)

/input/	restrição 1	restrição 2	restrição 3
☞ candidato 1			*
candidato 2		*!	
candidato 3	*!		

Dentre os candidatos criados por GEN, EVAL selecionou como candidato ótimo, indicado por ☞, o candidato 1 porque este viola a restrição 3, a mais inferior da hierarquia, enquanto os outros dois candidatos violam restrições dominantes em relação à restrição violada pelo candidato 1.

A relação hierárquica das restrições demonstra-se na ordenação destas na primeira linha do *tableau*; as violações são representadas pelos asteriscos, acrescidos de uma exclamação quando a violação for fatal, ou seja, capaz de retirar o candidato da concorrência, e o *output* ótimo é indicado por ☞.

Estabelecida a base do modelo, seguiremos com alguns aspectos importantes para o entendimento da análise da atribuição do acento, com base nesses pressupostos.



### 2.1.2.1 A atribuição do acento em Teoria da Otimidade

Ao tomar como modelo de análise a Teoria da Otimidade, a presente pesquisa tem o comprometimento de interpretar o processo de atribuição do acento através dos pressupostos de universalidade, violabilidade e paralelismo inerentes à teoria. É necessário, para tanto, observar a interpretação dada pelo modelo à atribuição do acento.

O caminho a ser percorrido para o entendimento desse processo retoma as propriedades do acento apresentadas anteriormente: distribuição rítmica, culminatividade, hierarquização e ausência de assimilação (ver 2.1).

Seis parâmetros básicos das regras de atribuição do acento em Fonologia Métrica são reinterpretados como restrições na preservação dessas propriedades: tipo de constituintes, direção de construção de pés, localização do cabeça de pé, sensibilidade ao peso silábico, proibição de pés degenerados e iteratividade de análise.

Reinterpretados, como restrições, a binaridade de pés ou a localização do cabeça, por exemplo, refletem tendências universais, são violáveis e atuam na avaliação de candidatos de acordo com a posição que ocupam na hierarquia de cada língua.

As quatro primeiras restrições a serem citadas estão relacionadas à propriedade rítmica do acento. A restrição de binaridade de pés é postulada, em TO, em Foot Binarity (Ft-Bin).

#### (28) FOOT BINARITY

Pés são binários em um nível de análise, sílabas ou moras.

Essa restrição requer a alternância em sílabas forte e fraca, refletindo uma tendência das línguas naturais. Como mencionado acima, enquanto restrição, Ft-Bin pode ser violada. Logo, a existência exclusiva de pés binários, proposto por Hayes (1995), exigiria que a restrição fosse não-dominanda em todas as línguas.

Uma função básica de Ft-Bin é, segundo Kager (1999), a exclusão de pés degenerados. Quando não-dominada na hierarquia, a restrição seleciona palavras com, no mínimo, um pé métrico binário, a restrição de palavra mínima (McCarthy e Prince, 1986, 1990).

A restrição Parse atua em conjunto com a restrição Ft-Bin na preservação da alternância rítmica regular, pois exige a alternância binária dada por Ft-Bin em toda a palavra.

## (29) PARSE

Toda sílaba/mora deve ser analisada em pés.

Assim como a restrição Ft-Bin, a restrição Parse pode ser selecionada em Parse-Syll, análise em sílabas, ou Parse- $\mu$ , análise moraic. Quando ranqueada acima na hierarquia, a restrição seleciona o candidato com análise iterativa exemplificada em (30).

## (30)

Parse-Syll >> Ft-Bin

	Parse-Syll	Ft-Bin $\mu$
a. marga(rída)	**!	
b. (márga)(rída)		*
c. (már)ga(rída)	*!	

A próxima restrição reflete a proibição natural das línguas à ocorrência de choque de acento. Apresentamos a restrição em (31).

## (31) NOCLASH

Sílabas acentuadas não são adjacentes.

Ao evitar sílabas adjacentes acentuadas, a restrição NoClash também advoga pela alternância regular do acento.

Uma última restrição relacionada ao ritmo é a exigência de que sílabas finais sejam não acentuadas.

## (32) NONFINALITY

O cabeça de palavra prosódica é não final na palavra prosódica.

Esta última restrição incorpora os efeitos da extrametricidade nas análises em Fonologia Métrica, sendo que, enquanto restrição, essa reflete uma tendência geral do ritmo nas línguas e está presente em todos os sistemas, atuando de acordo com sua posição na hierarquia.

A restrição Rooting, em (33), estabelece que toda palavra lexical deva ser uma palavra prosódica e está diretamente relacionada à propriedade de culminatividade do acento, segundo Kager (1999).

## (33) ROOTING

Toda palavra lexical deve ser acentuada.

Essa restrição possibilita pés degenerados e está em consonância com o postulado por Hayes (1995) de que pés degenerados são permitidos ou não em uma determinada língua, através do parâmetro de pé degenerado. O ranqueamento da restrição será determinante para a existência ou não de pés degenerados: o posicionamento de Rooting acima de Ft-Bin seleciona candidatos portadores de pés degenerados, demonstrado em (34) e, o contrário, o ranqueamento de Ft-Bin acima de Rooting seleciona candidatos não analisados em pés, exemplificado em (35).

## (34)

Rooting >> Ft-Bin

	Rooting	Ft-Bin
☞ a. (fê)		*
b. fe	*!	

## (35)

Ft-Bin >> Rooting

	Ft-Bin	Rooting
a. (fê)	*!	
☞ b. fe		*

Da forma como está configurada a restrição Rooting, a existência de pés degenerados parece estar restrita a posições fortes, conforme está referida na proibição fraca em Hayes (1995). A seleção de pés degenerados por Rooting está também condicionada à impossibilidade de um pé binário, ou seja, de candidatos monossilábicos. Observemos em (36).

## (36)

Rooting >> Ft-Bin

	Rooting	Ft-Bin
a. cafe	*!	
b. ca(fê)		*!
☞ c. (café)		

No modelo, a análise iterativa também pode selecionar pés degenerados. A iteratividade é selecionada pelo ranqueamento da restrição Parse, demonstrada em (30).

O parâmetro de sensibilidade ao peso silábico é interpretado, em TO, em Weight-to-stress, em (37). A restrição reflete o requisito natural das línguas de a proeminência de sonoridade intrínseca das sílabas pesadas ser registrada como proeminência de acento.

(37) WEIGHT-TO-STRESS (WSP)

Sílabas pesadas são acentuadas.

A restrição WSP proporciona a seleção de candidatos em que cada sílaba pesada seja portadora de um pé métrico, nos termos do postulado por Halle e Vergnaud (1987) e Halle e Idsardi (1995), através de *obligatory constituents* e *Syllable Boundary Projection parameter*. Quanto a este último parâmetro, é importante referir que tanto o peso silábico quanto as propriedades idiossincráticas podem ser projetadas, recebendo o mesmo tratamento. Em TO, o peso silábico não está relacionado a propriedades idiossincráticas. Estas propriedades, ou seja, aquelas derivadas do léxico profundo devem receber outra interpretação no modelo. O *input* em Teoria da Otimidade não pode ser marcado.

Kager (1999) acrescenta uma última propriedade àquelas definidas anteriormente (ver 2.1). Trata-se da propriedade demarcativa do acento, em (38) (Kager, 1999, p. 144).

(38) propriedade demarcativa: o acento tende a localizar-se na borda de constituintes (frases, palavras, radicais). O acento, assim, facilita o processamento de unidades gramaticais na percepção.

Em TO, as restrições de alinhamento buscam assegurar a adjacência entre bordas de constituintes, estando relacionadas, assim, com a propriedade demarcativa do acento. Uma primeira idéia de alinhamento pode ser percebida ainda nos modelos em Fonologia Métrica através da proposta de Halle e Idsardi (1995). Os autores, ao identificarem as fronteiras de pés, morfemas e sílabas pesadas com um único parêntese, que delimita a borda a ser considerada no constituinte em questão, prenunciam a idéia de alinhamento entre constituintes apresentada no modelo da otimidade. Sobre esse tema, trata a seção subsequente.

### 2.1.2.2 Alinhamento Generalizado

Segundo McCarthy e Prince (1993), as referências, nos estudos fonológicos, à ordenação entre bordas de constituintes, sejam estes prosódicos ou morfológicos, podem ser tratadas através de uma única família de restrições de boa-formação, denominada *Generalized Alignment* (GA).

#### (39) Generalized Alignment

Align (Cat1, Edge1, Cat2, Edge2) – def

$\forall$  Cat1  $\exists$  Cat2 such that Edge1 of Cat1 and Edge2 of Cat2 coincide.

Where

Cat1, Cat2  $\in$  PCat  $\cup$  GCat

Edge1, Edge2  $\in$  {Right, Left}

(McCarthy e Prince, 1993, p.2)

A restrição refere que uma designada borda de uma determinada categoria prosódica (PCat) ou gramatical (GCat) – nesta se incluem categorias morfológicas e sintáticas – coincide com uma designada borda de algum outro constituinte prosódico ou gramatical. Isso abrange alinhamento entre categorias prosódicas e categorias morfológicas Align (PCat, GCat), tanto como de categorias prosódicas entre si (PCat, PCat) ou, ainda, de categorias gramaticais entre si (GCat, GCat).

A expressão dessa generalidade de alinhamentos só é possível, segundo os autores, *in a system where it is imposed by constraints that evaluate the well-formedness of representations, without regard to the source of those representations* (McCarthy e Prince, 1993, p. 4)<sup>22</sup>. São estabelecidas, para tanto, propriedades fundamentais para GA com base nos pressupostos da Teoria da Otimidade (ver 2.1.2).

Como restrição, a GA possibilita inter-relacionar procedimentos distintos da fonologia, da morfologia e da sintaxe, de forma que essa relação possa ser violada minimamente.

---

<sup>22</sup> em um sistema onde essa generalidade é imposta por restrições que avaliem a boa-formação de representações, sem considerar a origem dessas representações.

Em relação à atribuição do acento, duas referências, em especial, são feitas pelos autores. A primeira é quanto ao direcionamento de construção de pés, presente nas propostas métricas com base em regras. O padrão acentual do Garawa (Furby, 1974; Hayes 1989, 1991 apud McCarthy e Prince, 1993) evidencia que o estabelecimento da direção de construção de pés não é suficiente para demonstrar o comportamento dos mesmos em palavras com número ímpar de sílabas. Observemos em (40) (McCarthy e Prince, 1993, p. 13).

(40) Garawa

O acento primário cai na sílaba inicial; o acento secundário cai na penúltima sílaba e o terciário cai a cada duas sílabas.

a) (´σ)

b) (´σ)(´σ)

c) (´σ)σ(´σ)

d) (´σ)σ(´σ)(´σ)

No Garawa, o direcionamento de construção dá-se da direita para a esquerda (Halle e Idsard, 1995). No entanto, podemos perceber, pelos exemplos em (40), uma quebra na construção de pés para garantir, segundo McCarthy e Prince, o alinhamento com a borda esquerda da palavra prosódica.

Dado que o direcionamento de construção não é possível dentro dos pressupostos da Teoria da Otimidade – tendo em vista que as restrições e seu ranqueamento servem como base para a análise de candidatos a *output* por EVAL e não para a sua construção – a GA explicita tal comportamento pelo alinhamento entre palavra prosódica e pé métrico.

(41) ALIGN-PrWd

Align (PrWd, Edge, Ft, Edge)

Toda borda direita/esquerda de uma palavra prosódica está alinhada com a borda direita/esquerda de um pé.

A aplicação da restrição observamos em (42)<sup>23</sup>.

(42)

	Align-PrWd
a) [[(σσ)σ]	
b) [σ(σσ)]	*!

O primeiro candidato é escolhido por satisfazer a restrição na qual cada palavra prosódica deve iniciar com um pé métrico. Nesses termos, GA relaciona-se com a restrição Edgemost (Prince e Smolensky, 1991, 1992, 1993), apresentada em (43).

(43) Edgemost: um item  $\varphi$  está situado na borda E de um domínio D.

Postulada dessa forma, a restrição Edgemost é mais restritiva por exigir que o item  $\varphi$  esteja contido no domínio D e, ainda, por exigir identidade entre a borda do domínio e a do item  $\varphi$  alinhado. Assim, Edgemost restringe a relação hierárquica entre Cat1 e Cat2 e requer paralelismo entre as bordas de Edge1 e Edge2. Segundo os autores, GA inclui Edgemost, ampliando as possibilidades de relação em termos de PCat e GCat mencionadas anteriormente.

Por outro lado, Align-PrWd da forma como é configurada refere-se, especificamente, a um pé métrico, pois um único pé alinhado com a borda esquerda da palavra satisfaz a restrição. O comportamento dos demais pés dentro da palavra é referido por Align-Ft.

(44) ALIGN-FT

Align (Ft, Edge, PrWd, Edge)

Toda borda direita/esquerda de um pé está alinhada com a borda direita/esquerda de uma palavra prosódica.

A restrição estabelece o comportamento de cada pé dentro da palavra. A diferença entre as duas restrição, Align-PrWd e Align-Ft, está na ordem de disposição dos constituintes (PrWD, Ft) (Ft, PrWd), logo na borda que deve ser alinhada. Tais restrições estão em conflito, no Garawa, quando em palavras ímpares (McCarthy e Prince, 1993, p. 14).

<sup>23</sup> Para simplificar a explicitação do funcionamento da GA, os autores estabelecem que as restrições Ft-Bin e Foot-Form (trochaic) são invioláveis, logo os candidatos estão restritos a pés troqueus silábicos.

(45)

Candidatos	Align-PrWd	Align-Ft
a) [(σσ)σ]		*
b)[σ(σσ)]	*!	

(46)

Candidatos	Align-PrWd	Align-Ft
a)[(σσ) <sub>1</sub> (σσ)]		* <sub>1</sub>
b)[σσ(σσ)]	*!	

Em palavras ímpares, o domínio da restrição Align-PrWd em relação à restrição Align-Ft escolhe o candidato (45 a) como *output* ótimo. Em palavras pares, a violação de Align-Ft deve-se ao não alinhamento do primeiro pé com a borda direita da palavra. Maior compreensão da avaliação feita por Align-Ft pode ser obtida na observação do *tableau* abaixo, no qual os pés são analisados separadamente (McCarthy e Prince, 1993, p. 16).

(47)

Candidato	Align-PrWd	Align-Ft		
		Ft1	Ft2	Ft3
a.[(σσ) <sub>1</sub> (σσ) <sub>2</sub> (σσ) <sub>3</sub> σ]		σσσσσ	σσσ!	σ
b.[(σσ) <sub>1</sub> (σσ) <sub>2</sub> σ (σσ) <sub>3</sub> ]		σσσσσ	σσσ!	
c.[(σσ) <sub>1</sub> σ (σσ) <sub>2</sub> (σσ) <sub>3</sub> ]		σσσσσ	σσ	

A análise de Align-Ft é *gradiente*. Nesse sentido, Align-Ft inclui os efeitos de direcionamento de pé das teorias baseadas em regras. Quando ranqueada acima de Align-PrWd, somente os efeitos de direcionamento são percebidos.

(48)

Candidato	Align-Ft			Align-PrWd
	Ft1	Ft2	Ft3	
a.[(σσ) <sub>1</sub> (σσ) <sub>2</sub> (σσ) <sub>3</sub> σ]	σσσσσ	σσσ!	σ	
b.[(σσ) <sub>1</sub> (σσ) <sub>2</sub> σ (σσ) <sub>3</sub> ]	σσσσσ	σσσ!		
c.[(σσ) <sub>1</sub> σ (σσ) <sub>2</sub> (σσ) <sub>3</sub> ]	σσσσσ	σσ!		
d.[σ (σσ) <sub>1</sub> (σσ) <sub>2</sub> (σσ) <sub>3</sub> ]	σσσσ	σσ		*



A violação de Align-Ft por cada pé que compõe a palavra pode, também, proporcionar uma análise não iterativa quando essa restrição está relacionada com Parse-Syll. O ranqueamento de Align-Ft acima de Parse-Syll seleciona candidatos com pés não iterativos, como em (49).

(49)

Candidatos	Align(Ft, R, PrWd, R)	Parse-Syll
a. [(σσ)(σσ)]	*!	
b. [σσ(σσ)]		**
c. [(σσ)σ]	*!	**

O candidato (49 b) é escolhido como *output* ótimo por não violar a restrição Align-Ft. A escansão das demais sílabas em pés acarreta a existência de pés não alinhados à borda da palavra e, conseqüentemente, a violação de Align-Ft. Na hierarquia contrária, Parse-Syll >> Align-Ft, a análise iterativa é selecionada.

Uma segunda referência feita pelos autores recai sobre a Regra Final existente nas análises métricas com base em regras. Em termos de GA, a proeminência de um pé em relação aos demais constitutivos da palavra é expressa em Align (PrWd, Edge, Head (PrWd), Edge).

(50) ALIGN-HEAD

Align (PrWd, Edge, H (PrWd), Edge)

Toda borda direita/esquerda de uma palavra prosódica está alinhada com a borda direita/esquerda do cabeça de palavra prosódica.

(51)

Candidatos	Align (PrWd, R, H(PrWd), R)
a. [σ(σσ)]	
b. [(σσ)σ]	*!

Trata-se do alinhamento de duas categorias prosódicas iguais, (PrWd, PrWd), com referência ao fato de que toda PrWd tem um cabeça e este está alinhado à sua direita ou esquerda. A mesma afirmação pode ser feita com relação ao pé métrico: todo pé métrico tem um cabeça que está alinhado à sua direita ou à sua esquerda. As restrições expressas em (52).

(52) Align (Ft,L, H(Ft), L)

Toda borda esquerda do pé está alinhada com a borda esquerda do cabeça de pé.

Align (Ft, R, H(Ft), R)

Toda borda direita do pé está alinhada com a borda direita do cabeça de pé.

Através do modelo da otimidade, a atribuição do acento recebe interpretações distintas das postuladas pela Fonologia Métrica. Uma diferença fundamental é o fato de restrições poderem ser violadas e atuarem de acordo com sua posição na hierarquia.

Para finalizar, é importante que uma última referência seja feita com relação ao modelo. Trata-se da postulação de que todas as restrições são universais e compõem o componente CON, comum à todas as línguas.

Hammond (1995) apresenta como possibilidade, no modelo, a existência de restrições paroquiais. Na definição do autor<sup>24</sup>, *a parochial constraint is one that refers to a specific lexical item in a specific language*<sup>25</sup>. Em sendo assim, as restrições paroquiais são resultantes da análise de uma língua em particular com relação a um item lexical específico ou, ainda, segundo nossa análise, generalizações específicas de uma língua com relação a um grupo lexical também específico.

---

<sup>24</sup> Comunicação pessoal do autor.

<sup>25</sup> a restrição paroquial é uma restrição que se refere a um item lexical específico em uma língua específica.

### 3 BASE DE ANÁLISE

#### 3.1 O acento do Latim, do Português Brasileiro e do Espanhol

Com base nos pressupostos da Fonologia Métrica, propostas métricas objetivam sistematizar a atribuição do acento das diferentes línguas naturais. Para o sistema de acento do Latim, selecionamos as propostas de Hayes (1995) e Jacobs (1997), a fim de representar dois diferentes posicionamentos frente ao pé métrico caracterizador desse sistema.

Para o Português Brasileiro, as propostas de Bisol (1992), Lee (1994), Massini-Cagliari (1999) asseguram uma revisão consistente dos principais pontos em debate, entre as propostas métricas, que envolvem o sistema acentual do Português. Com Lee (2002), apresentamos uma primeira visão, em Teoria da Otimidade, do sistema acentual do Português.

O Espanhol, por sua vez, tem na revisão das propostas de Harris (1983, 1995), Roca (1988) e Lipski (1997) a retomada dos principais pontos referentes a seu sistema acentual. Com base na Teoria da Otimidade, apresentamos a proposta de Hammond (1995).

Nosso objetivo é apresentar um panorama dos três sistemas acentuais capaz de embasar a discussão a ser realizada, no capítulo seguinte, com relação às línguas Portuguesa e Espanhola, objeto de nossa pesquisa. É importante reafirmar que a apresentação das propostas é restrita às referências aos não-verbos.

##### 3.1.1 Propostas para o acento do Latim

No sistema de acento do Latim Clássico, o acento primário somente recai nas três últimas sílabas da palavra, fato comumente denominado, nas propostas métricas, *restrição da janela de três sílabas*, sendo que a última sílaba nunca recebe acento e, por isso, é considerada extramétrica nos algoritmos.

O peso da penúltima sílaba é determinante para a posição do acento em Latim clássico da seguinte forma: sílaba penúltima pesada atrai o acento para si, formando palavras

paroxítonas; sílaba penúltima leve permite acento proparoxítono, com a formação de um pé troqueu dissílabo. Exemplos são apresentados em (53) (Quednau, 2002, p. 132).

(53) palavras de três ou mais sílabas:

a) com sílaba penúltima longa: *fidélis, magístram, turbulénta*

b) com sílaba penúltima breve: *fácilis, fémína, viðla, impérium*

palavras de duas sílabas: *silva, úmbra, rósa, hómo, líber*

palavras monossílabas: *spé, sús, sól, vír, cór*

Na Fonologia Métrica, destacam-se duas propostas para a descrição do sistema acentual do Latim: de Hayes (1995) e de Jacobs (1997). Os dois autores têm posicionamentos diferentes quanto ao pé métrico gerenciador do sistema de acento latino, quais sejam pé troqueu moraico e pé troqueu irregular.

### 3.1.1.1 Hayes (1995)

De acordo com a Hayes (1995), o algoritmo de atribuição do acento primário em Latim clássico tem, como regra, a marcação da última sílaba como extramétrica e a construção de um único troqueu moraico da direita para a esquerda da palavra, com regra final à direita. Vejamos exemplos em (54)<sup>26</sup> (Quednau, 2002, p. 134-135).

(54) a) ma gís <tram>                      im pé ri <um>

    ˘                      ¯                      ¯                      ˘                      ˘  
    (\*)                                           (\*)                      .)

b) Sán gui <nem>

    ¯                      ˘  
    (\*)                      )

c) síl <va>

    ¯  
    (\*)

<sup>26</sup> No decorrer do texto, ¯ significa sílaba pesada e ˘ significa sílaba leve.

A análise pelo pé troqueu moraico resulta, em palavras com penúltima sílaba pesada, em um pé monossilábico, pois as duas moras exigidas pelo troqueu moraico são satisfeitas. Em palavras com penúltima sílaba leve, as sílabas penúltima e antepenúltima completam as duas moras exigidas quando esta última também é leve. Caso contrário, ou seja, sendo a antepenúltima sílaba pesada, o pé troqueu moraico pula a penúltima sílaba, formando um pé monomoraico, como em (54 b).

Os dissílabos formados por uma sílaba penúltima pesada também satisfazem as duas moras exigidas pelo pé torqueu moraico (54 c). Quando os dissílabos têm a penúltima sílaba leve, portanto insuficiente para formar um pé canônico, devido à extrametricidade da sílaba final, torna-se necessário um *processo de incorporação* da última sílaba ao pé métrico, para que não se forme um pé degenerado, não permitido no sistema de acento latino.

Sendo a sílaba final leve, a incorporação desta satisfaz as duas moras necessárias para a formação do pé moraico. Quando ocorre o contrário, ou seja, sendo a sílaba incorporada pesada, é necessária, ainda, uma regra de *encurtamento iâmbico* para evitar a existência de três moras no pé métrico. Com o encurtamento iâmbico, a última sílaba passa a ser breve. Exemplos aparecem em (55) (Quednau, 2002, p. 138).

(55)	ró <sa>	hó <mo>	
	˘ ˘	˘ —	
	(*) ˘	(*) —	pé degenerado
	(* .)	(* .)	incorporação da última sílaba
	—	(* .)	encurtamento iâmbico

Os monossílabos lexicais são todos formados por uma sílaba pesada. A estrutura métrica é apresentada em (56).

(56)	spé	sál	vír	rém
	(̄*)	(̄*)	(̄*)	(̄*)

O acento do Latim clássico é assim descrito pela formação de um pé troqueu moraico na borda direita da palavra, sendo a última sílaba extramétrica. Pés degenerados não são permitidos e a Regra Final é à direita. Diferentemente, Jacobs (1997) propõe ser o pé troqueu irregular o melhor caracterizador do sistema de acento do Latim clássico.

## 3.1.1.2 Jacobs (1997)

Segundo a proposta de Jacobs (1997), o tipo de pé gerenciador do acento primário do Latim clássico é o pé troqueu irregular com extrametricidade final. O pé troqueu irregular caracteriza-se por permitir duração desigual nos dois membros do pé, possibilitando estruturas como ( \_ ◡ ). O algoritmo resulta na marcação da última sílaba como extramétrica e na construção de um pé troqueu irregular na borda direita da palavra, com regra final à direita.

(57)	ma gís <tram>	im pé ri <um>	
	◡     ¯	¯     ◡     ◡	
	(*)	(* .)	
	Sán gui <nem>		
	¯     ◡		
	(* .)		
	síl <va>		
	¯		
	(*)		
	ró <sa>	hó <mo>	
	◡     ◡	◡     ¯	
	(*)	(*)	pé degenerado
	(* .)	(* .)	incorporação da última sílaba
		(* .)	encurtamento iâmbico

Observemos, nos exemplos em (57), que o pé troqueu irregular apresenta estrutura métrica diferente da apresentada pelo pé troqueu moraico, proposto por Hayes (1995), somente quando a sílaba penúltima é leve e a sílaba antepenúltima é pesada devido a possibilitar a estrutura ( \_ ◡ ), não permitida pelo pé moraico.

Quednau (2002) defende a proposta de Jacobs (1997) para o sistema latino, ou seja, o pé troqueu irregular. Segundo a autora, três argumentos importantes justificam a análise do acento em Latim através do pé troqueu irregular: o processo de síncope, a redução de vogais e a possibilidade de justificar a mudança no processo de atribuição do acento do Latim clássico para o Latim vulgar através da passagem de um sistema de acento marcado para um sistema não-marcado.

Através da análise com base no troqueu irregular, podemos explicar o processo de síncope existente no Latim clássico e no Latim vulgar por uma mesma regra: o apagamento

do membro fraco do pé. Isso se deve, segundo a autora, ao tratamento igualitário dado pelo pé troqueu irregular a palavras com sílaba antepenúltima pesada e sílaba penúltima leve ( \_ \_ σ) e palavras com sílabas antepenúltima e penúltima leves ( \_ \_ σ). Exemplos de síncope em palavras latinas são apresentados em (58) (Quednau, 2002, p. 140).

- (58) oculus – oclus  
 stabulum – stablum  
 angulus – anglus

Conforme os exemplos, o processo de síncope ocorre tanto em palavras com antepenúltima sílaba pesada quanto em palavras com antepenúltima sílaba leve. O tratamento igualitário, que constitui a única diferença entre as análises com base no pé troqueu moraicó e com base no pé troqueu irregular, proporciona a existência de uma regra única para o tratamento do processo de síncope.

O tratamento diferenciado com relação à estrutura silábica de proparoxítonos dado pelo pé moraicó implicaria a formulação de duas regras: a de apagamento do membro fraco do pé e a de apagamento da sílaba não analisada em pés.

O segundo argumento apontado pela autora refere-se ao processo de redução da vogal que antecede a síncope. Tal processo é característico de línguas com pés de duração irregular e, por isso, o pé troqueu irregular pode caracterizar de melhor forma o sistema de acento do Latim vista a regularidade de duração inerente ao pé moraicó.

Um último argumento em favor da análise com base no pé troqueu irregular diz respeito à *possibilidade de descrever a evolução da estrutura métrica do Latim clássico para o latim vulgar como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado* (Quednau, 2002, p. 144).

A autora refere-se à marcação dos pés com relação à Lei Iâmbico-Trocaica de Hayes (1995) referida anteriormente (ver 2.1.1.2). Sendo o Latim clássico descrito através do pé troqueu irregular e o Latim vulgar descrito através do pé troqueu silábico, a mudança ocorrida pode ser justificada pela passagem de um sistema marcado para um sistema não-marcado.

### 3.1.1.3 O Latim vulgar

O Latim vulgar apresenta três diferenças na atribuição do acento (Maurer Jr., 1959, Williams, 1975, Ilari, 1992 apud Quednau, 2002, p. 132) em relação à regra do Latim clássico.

A primeira diferença ocorre em palavras cuja vogal da penúltima sílaba em palavras trissílabas é seguida do grupo consonantal oclusiva + /r/. Em Latim vulgar, o acento cai na penúltima sílaba, independente do peso desta, como em *intégrum*.

Uma segunda diferença dá-se na acentuação de compostos. Em Latim vulgar, o acento da forma primitiva é preservado, como no exemplo *contínet* (cum+ténet). Já em Latim clássico, a palavra recebe acento pela regra geral, de acordo com o peso da penúltima sílaba, *cóntinet*, *récipit*. Segundo Quednau, *isso equivale a deslocar o acento dos afixos para o radical* (Quednau, 2002, p. 133).

Uma última diferença estabelece-se em palavras com hiatos formados por *e* ou *i* na antepenúltima sílaba seguidos de vogal breve na penúltima sílaba. Nessas palavras, o acento cai na vogal da penúltima, independente do peso desta. Exemplos: *muliére*, *linteólum*.

Segundo Quednau (2002), tais diferenças apontam para uma tendência em direção ao padrão paroxítono e à insensibilidade ao peso silábico do sistema de acento do Latim vulgar. Assim, o pé troqueu silábico juntamente com a não extrametricidade da última sílaba são caracterizadores da atribuição do acento em Latim vulgar.

Sendo as línguas Portuguesa e Espanhola descendentes do Latim e tendo elas preservado a maior parte do léxico latino, o que inclui a posição do acento primário, algumas propostas métricas para ambas as línguas sugerem a manutenção da regra latina, ou seja, pé troqueu e sensibilidade ao peso silábico.

Outras, no entanto, afirmam que pelo fato de as línguas terem sido descendentes do Latim vulgar e não do Latim clássico, a sensibilidade não pode ter sido preservada, pois o Latim vulgar é insensível ao peso silábico. Soma-se a esse argumento a perda da distinção entre vogais longas e breves ainda no Latim vulgar e inexistente no Português e no Espanhol.

Há, também, propostas que, pela insensibilidade ao peso, diferenciam o pé métrico e o domínio de aplicação da regra de acento do Português e do Espanhol daqueles propostos para o Latim. O pé iambo construído no domínio do radical é capaz de derivar os padrões acentuais encontrados nas duas línguas, segundo tais autores, entre eles, Lee (1994) e Roca (1988).



### 3.1.2 Propostas para o acento do Português Brasileiro

Vários estudos visam a sistematizar a atribuição do acento primário do Português Brasileiro com base nos pressupostos da Fonologia Métrica. Dentre eles, citamos Bisol (1992), Lee (1994), Massini-Cagliari (1999) D'Andrade e Laks (1991), Alvarenga (1993), Wetzels (1992). Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 150), *um ponto de partida comum a todos os trabalhos citados é a observação de que o Português do Brasil possui três tipos de palavras quanto à acentuação: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.*

No entanto, segundo a autora, dois blocos são formados quanto ao domínio de atuação da regra de acento; autores que defendem o radical como domínio de atuação para a regra de acentuação e autores que defendem a palavra. Nesta seção, procuraremos apresentar, com base em alguns dos autores citados, esses dois blocos referidos por Massini-Cagliari. Assim, podemos evidenciar os principais pontos em discussão dentro das propostas métricas com relação ao sistema acentual do Português.

#### 3.1.2.1 Bisol (1992)

Segundo Bisol (1992), o sistema de acento do Português Brasileiro pode ser representado pelo algoritmo em (59).

#### (59) Regra do Acento Primário

Domínio: palavra derivacional

- i. Atribua um asterisco à sílaba pesada final, i. é sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, tipo (\* .), junto à borda direita da palavra.

(Bisol, 1992, p. 25)



Com a existência de uma consoante final, o algoritmo deriva tais palavras como contendo uma sílaba pesada final, aplicando a primeira parte da regra (i), em (62). Trata-se, assim, de um grupo integrado à regra geral da língua.

(62) caféC            araçáC  
       ( \* )            ( \* )

A proposta apresentada por Bisol (1992) caracteriza o acento do Português Brasileiro através de um pé troque binário, sensível ao peso da última sílaba. Wetzels (1992) também assegura ser o Português possuidor de padrão trocaico. Há, segundo o autor, uma regra específica da língua, que tem como domínio de aplicação o pé troque. Trata-se do *abaixamento datílico* e do *abaixamento espondeu* que operam nas vogais médias tônicas de proparoxítonos e paroxítonos com sílaba pesada final<sup>27</sup>.

### 3.1.2.2 Lee (1994)

A proposta de Lee (1994) vem, em sentido contrário do descrito na seção precedente, assegurar que o Português não é sensível ao peso silábico. O domínio da regra de acento – a palavra para verbos e o radical para não-verbos – é diferente para verbos e não-verbos. A postulação geral é a de que o acento do Português recai sobre a última vogal do radical. Observemos a regra em (63) (Lee, 1994, p. 39).

(63) a. Regra de acento do não-verbo  
       Domínio: radical derivacional  
       a. casos não-marcados: constituinte ilimitado, cabeça à direita  
       b. casos marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direita para esquerda, não-iterativo.

O acento não marcado, segundo Lee, cai na última vogal do radical (64 a) e o acento marcado (64 b) é constituído pelas paroxítonas terminadas em sílaba pesada e pelas proparoxítonas (Lee, 1994, p. 37-38).

---

<sup>27</sup> A respeito, ver Wetzels (1992).

- (64) a. *cás*]a      *tapét*]e      *coronél*]      *caquí*]
   
          (\*)           (. \*)           (. \*)           (. \*)
- b. *nível*]      *médic*]o
   
          (\* .)           (\* .)

Como observamos nos exemplos em (64), o acento oxítono com última sílaba leve é considerado não-marcado por Lee, devido à vogal da sílaba final ser a última vogal do radical. As paroxítonas seguem não marcadas, representadas também pelo pé iambo, demonstradas nos dois primeiros exemplos em (64 a).

Observemos que o domínio do acento é o radical, responsável por posicionar o pé métrico à direita, nas oxítonas, e mais à esquerda, nas paroxítonas. A proposta de Lee restringe o uso da extrametricidade, porém aumenta o número de regras, utilizando dois tipos de pés métricos: pé troqueu silábico e pé iambo.

Na proposta com base no pé iambo, o padrão trocaico se faz necessário para a atribuição de acento em proparoxítonos e paroxítonos com consoante final. É, no entanto, um pé marcado, diferentemente do proposto por Bisol (1992) e Wetzels (1992).

Com o domínio da regra sendo o radical, a justificativa para a localização do acento na última sílaba em palavras terminadas em consoante e, na penúltima sílaba, em palavras terminadas em vogal deve-se à existência ou não de vogal temática. Palavras paroxítonas têm vogal temática, que por sua natureza é sempre átona, proporcionando a localização do acento mais à esquerda. Palavras oxítonas têm acento mais à direita pela ausência de vogal temática.

### 3.1.2.3 Massini-Cagliari (1999)

Massini-Cagliari (1999, p. 126 ) afirma que as duas possibilidades de atribuição do acento do Português, representadas aqui pelas propostas de Bisol (1992) e Lee (1994), são possíveis e, por isso, *faz-se necessário pesar as duas opções para se fazer uma escolha*. Dois argumentos são citados, a fim de escolher o pé troqueu como padrão para o Português, segundo a autora.

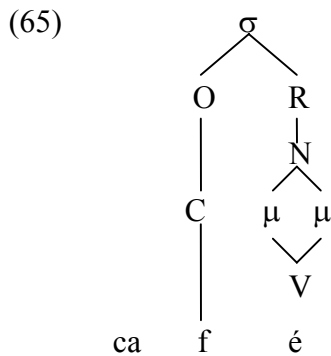
O primeiro refere-se ao fato de as propostas cujo pé iambo é tido como básico serem obrigadas a considerar o pé troqueu em alguns contextos, como nos proparoxítonos e nos paroxítonos com sílaba pesada final, sem que o contrário seja verdadeiro; as propostas trocaicas não precisam utilizar o pé iambo.

O segundo argumento é a existência de uma regra na língua cujo domínio é o pé troqueu, o que é considerado, pela Fonologia Prosódica atual, prova da existência de um constituinte. A autora refere-se ao *abaixamento datílico* e ao *abaixamento espondeu* citados anteriormente.

Dado que a direcionalidade e a borda de atuação do algoritmo não apresentam discordância entre os autores, esses parâmetros são reafirmados por Massini-Cagliari. Quanto ao pé métrico, no entanto, a autora argumenta a favor do pé troqueu moraico. Através desse tipo de pé, a autora considera o peso silábico tanto da última sílaba quanto da penúltima na atribuição do acento, diferente do postulado por Bisol (1992), que considera somente o peso da última sílaba como relevante para a regra de acento do Português (ver 3.1.2.1).

Consideramos pertinente referir a proposta da autora com mais detalhe devido ao tratamento dado aos casos marcados, quais sejam os oxítonos terminados em vogal, os paroxítonos terminados em consoante e os proparoxítonos.

Ao encontro do postulado por Bisol (1992), os oxítonos terminados em vogal podem ser mais bem derivados se considerarmos que a última sílaba desses oxítonos se comporta como pesada. No entanto, o peso deriva da vogal final, que ocupa duas posições no núcleo.



A postulação de que o Português possui vogais longas é controverso, mas, segundo a autora, o fato de as oxítonas terem sido introduzidas na língua depois do processo de perda da distinção quantitativa das vogais latinas permite considerar que a língua voltasse a considerar as vogais longas em um momento posterior. Essa parece ser a melhor explicação, para a autora, por não requerer uma regra de queda da consoante final exigida pela proposta por Bisol (1992).

(66) so.fá            já.ca.ré  
 (\*)                    (\*)

Quanto às proparoxítonas, Massini-Cagliari toma como base a proposta de Wetzels (1992). Para o autor, as proparoxítonas apresentam sufixos marcados lexicalmente como indutores de ritmo datílico. As proparoxítonas, portanto, são formadas por um pé ternário. A observação da autora é de que há proparoxítonos não derivados e, sendo assim, o ritmo datílico deve ser marcado no item lexical quando as palavras não são derivadas e, no sufixo, quando são derivadas.

(67) a.bó.bo.ra      fós.fo.ro      jú.pi.ter  
 (\* . .)      (\* . .)      (\* . .)

As paroxítonas com sílaba final pesada recebem, da mesma forma, marcação de ritmo espondaico, formando um binário dissílabo. A marcação dá-se igualmente no item lexical em palavras não-derivadas ou, no sufixo, quando derivadas.

(68) jér.sei      ór.gão      lá.pis  
 (\* .)      (\* .)      (\* .)

É importante fecharmos a seção com a retomada de alguns pontos importantes referentes às propostas. O Português Brasileiro tem como padrão o acento paroxítono quando terminado em vogal, seja pela inexistência de peso silábico, seja pela existência de vogal temática.

O padrão oxítono é não marcado quando a palavra termina em sílaba pesada ou quando não possui vogal temática. Por esta última, oxítonos terminados em vogal são incluídos nos casos não-marcados por não ser a vogal final uma vogal temática.

O acento proparoxítono e o paroxítono com consoante final são considerados marcados em todas as propostas. Trata-se de palavras com marcação lexical, pois não há motivação fonológica ou morfológica que justifique tais padrões.

As propostas referidas aqui sugerem que o estudo sobre o acento do Português Brasileiro não está esgotado. Todas as possibilidades de representação do sistema de acento são pertinentes e possíveis dentro do modelo teórico que as embasa. Logo, torna-se pertinente observarmos o mesmo algoritmo de acento sob perspectiva teórica diferente, ao que nos determos na próxima seção.

### 3.1.2.4 Lee (2002) em Teoria da Otimidade

Conforme visto na seção 3.1.2.2, para Lee, o acento do Português Brasileiro tem como domínio a raiz derivacional em não-verbos e é insensível ao peso silábico. Em sua proposta de 2002, com base na TO, o autor ratifica sua posição em relação ao sistema acentual do Português através de argumentos embasados nos pressupostos do modelo.

Os argumentos utilizados pelo autor derivam de uma primeira análise trocaica apresentada no início de seu texto. Segundo Lee, a análise através do pé troqueu apresenta problemas no tratamento de casos marcados, o que justifica a eleição do pé iambo como caracterizador do sistema acentual do Português.

Os *tableaux* abaixo (69) e (70) têm como base o pé troqueu derivado do ranqueamento das restrições Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L), Align (Ft, R, PrWd, R) e Parse - $\mu$  (Lee, 2002, p. 107-108).

(69)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft),L) >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> Parse

Candidatos	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Align (Ft, R, PrWd,R)	Parse
a. bo(níto)				*
b. (bóni)to			*!	*
c. (boni)to		*!	*	*
d. bo(ní)to	*!		*	**

(70)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft),L) >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> WSP >> Parse

Candidatos	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Align (Ft, R, PrWd, R)	WSP	Parse
a. for(mál)				*	*
b. (fór)mal			*!*	*	*
c. (fór)(mál)			*!*		
d. (fórmal)	*!	*			
e. (formál)	*!				

A restrição Ft-Bin deve restringir-se a moras para a configuração de um pé troqueu binário que garanta acento final em palavras cuja última sílaba é pesada e acento pré-final em palavras cuja última sílaba seja leve. A restrição WSP estabelece que sílabas pesadas devem portar acento; as restrições de alinhamento Align (Ft, L, H(Ft), L) e Align (Ft, R, PrWd, R)

asseguram o posicionamento à esquerda do cabeça no constituinte e o posicionamento à direita de pés na palavra, respectivamente.

Para os casos marcados é necessário acrescentar a restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$ , que não permite a acentuação da última sílaba ou mora.

(71) ALIGN  $\langle\sigma/\mu\rangle$

Toda sílaba ou mora final não é analisada em pés.

Essa restrição operaria nos casos marcados em forma de restrições paroquiais. As hierarquias são expressas em (72) (73) (Lee, 2002, p. 109).

(72)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft),L), Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  >> Align (Ft, R, PrWd, R) >>WSP >> Parse

Candidatos	FtBin	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Align $\langle\sigma/\mu\rangle$	Align (Ft, R, PrWd,R)	WSP	Parse
a. (jóve)m				*	*	
b. jo(vém)			*!			*

(73)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft),L), Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  >> Align (Ft, R, PrWd, R) >>WSP >> Parse

Candidatos	FtBin	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Align $\langle\sigma/\mu\rangle$	Align (Ft, R, PrWd, R)	WSP	Parse
a. (máqui)na				*		*
b. ma(quí)na			*!			*
c. (maquí)na		*!		*		*

A restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  faz com que o pé se alinhe mais à esquerda nos paroxítonos com sílaba final pesada e nos proparoxítonos. Essa restrição está em conflito com a restrição Align (Ft, R, PrWd, R), que requer pés mais à direita. Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  deve, portanto, preceder a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) para que o candidato ótimo seja escolhido.

Como o Português apresenta monossílabos acentuados, Lee propõe a interação de Rooting e Ft-Bin para gerar o *output* ótimo em (74).

(74)

Rooting >> Ft-Bin

Candidatos	Rooting	Ft-Bin
a. (fê)		*
b. fe	*!	



A restrição Rooting requer que toda palavra lexical tenha um acento e, por isso, está em conflito com a restrição Ft-Bin, que requer pés binários para portar o acento. O ranqueamento da primeira acima da segunda seleciona como *output* ótimo monossílabos acentuados, como em (74).

No entanto, o autor adverte que o ranqueamento em (74) não gera o *output* ótimo em dissílabos com sílaba final leve. O acréscimo de uma mora final, conforme Bisol (1992), é proposto em termos da restrição Dep- $\mu$ , (McCarthy and Prince, 1993; Green, 1996).

(75) DEP- $\mu$

Toda mora do *output* deve ter um correspondente no *input*.

O resultado da hierarquia com essa última restrição é apresentado em (76) e (77).

(76)

Rooting, Ft-Bin >> Dep- $\mu$

Candidatos	Rooting	Ft-Bin	Dep- $\mu$
a. (fê.)			*
b. (fé)		*!	
c. fe	*!		

(77)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft),L) >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> WSP >> Dep- $\mu$ , Parse

Candidatos	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Align (Ft, R, PrWd, R)	WSP	Dep- $\mu$	Parse
a. ca(fê.)					*	*
b. (café)		*!		*		
c. (cá.)fe			*!		*	*
d. (cáfe)				*!		
e. ca(fê)	*!		*	*		*

A análise com base no pé troqueu, segundo Lee (2002), apresenta problemas no tratamento de casos marcados. Primeiramente, nenhum falante realiza foneticamente a última vogal desses oxítonos, para que a ela seja acrescentada uma mora através da restrição Dep- $\mu$ . Ainda, o acréscimo de uma mora geraria o *output* não-ótimo, como em (78), devido à restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  estar presente no ranqueamento de casos marcados. O resultado em (77) decorre da não apresentação da restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  no *tableau*.

(78)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft),L), Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> WSP >> Dep- $\mu$ , Parse

Candidatos	Ft-Bin	Align (Ft,L, H(Ft),L)	Align $\langle\sigma/\mu\rangle$	Align (Ft,R, PrWd,R)	WSP	Dep- $\mu$	Parse
a. ca(fê.)			*!			*	*
b. (café)		*!	*		*		
c. (cáfe)			*!		*		
d. (cá.)fe				*		*	
e. ca(fê)	*!	*		*	*		*

Dessa forma, para os oxítonos com vogal final, seria necessário um diferente ranqueamento entre as restrições que operam nos casos marcados, sendo a restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  dominada por Align (Ft, R, PrWd, R), segundo o autor.

Ainda, segundo Lee, a análise trocaica não deriva o resultado correto quando na aplicação da regra de ritmo (Lieberman e Prince, 1977). Segundo essa regra, o acento primário move-se para a esquerda quando é afixado o sufixo -zinho ou -mente à palavra (79 a) ou, quando não há contexto para esse movimento, o acento é apagado (79 b). Os exemplos são reproduzidos em (79) (Lee, 2002, p. 114).

- (79) a) café, jacaré vs. càfezinho, jacàrezinho  
 formál, feliz vs. fòrmalménte, fèlizménte  
 b) só vs. sozínho

O resultado incorreto da aplicação da regra de ritmo decorre, segundo Lee, da ausência de lugar, no nível do pé, para o deslocamento do acento, pois trata-se de um pé monossilábico. Excluída a possibilidade de locomoção do acento, há o seu apagamento, resultando no *output* incorreto, expresso em (80) (Lee, 2002, p. 114).

- (80) cafeC + zinho  
 ( \* ) ( \* . )  
 ( \* ) ( \* )  
 (       \*     )  
 \*[kafezíju]

Por outro lado, a derivação através de um pé iambo permitirá que o acento se desloque para o lado fraco do pé, devido à sua estrutura ( . \*), processo a ser observado no final desta seção.

A análise através do pé iambo proporciona, também, uma diminuição dos casos marcados, os oxítonos com sílaba final leve. A partir da análise morfológica, Lee demonstra ser o acento da última vogal da raiz derivacional o acento padrão em Português, como em (81) (Lee, 2002, p. 115).

- (81) a. café, jacaré  
 b. formál, feliz  
 c. bonít+o, cás+a

Em uma interface morfologia-fonologia, a restrição, em termos de alinhamento generalizado, é Stem-to-Foot-Right, que requer adjacência entre a extrema direita da raiz e a extrema direita do pé métrico. A restrição é reformulada em *No-intervening constraint*, de forma que a sílaba não intervenha entre as bordas da raiz e do pé métrico, expressa em (82).

- (82) STEM-TO-FOOT-RIGHT  
 Align (Stem, R, Ft, R)  
 NoI-R (Stem, Ft,  $\sigma$ )

Temos, em (83), o seguinte ranqueamento para os casos não-marcados (Lee, 2002, p. 116).

- (83)  
 Align (Stem, R, Ft, R), Align(Ft, R, H(Ft),R) >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> Parse

Candidatos	Align (Stem, R, Ft, R)	Align (Ft, R, H(Ft),R)	Align (Ft, R, PrWd, R)	Parse
☞ a. (boní)to			*	*
b. (bóni)to		*!	*	*
c. bo(níto)		*!		*
d. bo(nitó)	*!			*

O alinhamento do pé com a borda direita do radical, requerido pela restrição Stem-Ft-R, seleciona o candidato ótimo em paroxítonos com sílaba final leve (83) e os oxítonos terminados ou não por sílaba pesada em (84) e (85). A restrição Stem-Ft-R reformulada como

*No-intervening constraint* desconsidera o fato de a consoante final da raiz ser excluída do pé métrico, pois a sílaba não intervém entre a borda da raiz e a borda do pé métrico (Lee, 2002, p. 117).

(84)

NoI-R, Align(Ft, R, H(Ft),R) &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, R, PrWd, R) &gt;&gt; Parse

Candidatos	NoI-R	Align (Ft, R, H(Ft),R)	Ft-Bin	Align (Ft, R, PrWd, R)	Parse
☞ a. a(nimál)					*
b. ani(mál)			*!		**
c. (aní)mal	*!			*	*

(85)

NoI-R, Align(Ft, R, H(Ft),R) &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, R, PrWd, R) &gt;&gt; Parse

Candidatos	NoI-R	Align (Ft, R, H(Ft),R)	Ft-Bin	Align (Ft, R, PrWd, R)	Parse
a. jaca(ré)			*!		**
☞ b. ja(caré)					*
c. (jacá)re	*!			*	*
d. (jáca)re	*!	*		*	*

Para os monossílabos, o acento é derivado de Rooting, a exemplo do proposto em (76). A inserção de uma mora, conforme na análise trocaica, violaria NoI-R, como em (86) (Lee, 2002, p. 117).

(86)

Rooting, NoI-R, Align(Ft, R, H(Ft),R) &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, R, PrWd,R)&gt;&gt; Parse

Candidatos	Rooting, NoI-R	Align (Ft, R, H(Ft),R)	Ft-Bin	Align (Ft, R, PrWd, R)	Parse
a. fe	*!				*
☞ b. (fê)			*		
c. (fê.)	*!			*	

Os proparoxítonos resultam da restrição Align (Ft, L, H(Ft),L), dominando a restrição Align (Ft, R, H(Ft),R) e os paroxítonos terminados em consoante resultam da restrição Align (Ft, R, H(Ft),R) dominada por Ft-Bin, em (87) e (88).

(87)

Rooting, NoI-R, Align(Ft, L, H(Ft),L) &gt;&gt; Align(Ft, R, H(Ft),R)

Candidatos	Rooting, NoI-R	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Align (Ft, R, H(Ft),R)
a. ma(quína)	*!		
☞ b. (máqui)na			*
c. (maquí)na		*!	
d. ma(quiná)	*!	*	

(88)

Rooting, NoI-R, Align(Ft, L, H(Ft),L), FtBin &gt;&gt; Align(Ft, R, H(Ft),R), Align (Ft, R, PrWd, R) &gt;&gt; Parse

Candidatos	Rooting, NoI-R	Align (Ft, L, H(Ft),L)	Ft-Bin	Align (Ft, R, H(Ft),R)	Align (Ft, R, PrWd, R)	Parse
a. jovem	*!*					**
☞ b. (jóvem)				*		
c. (jovém)		*!				
d. (jó)vem	*!		*		*	*
e. jo(vém)			*!			*

Na análise apresentada por Lee (2002), os acentos não-marcados derivam da dominância das restrições NoI-R e Align(Ft, R, H(Ft),R) em relação às demais restrições da hierarquia. A resolução de casos marcados implica o reordenamento das restrições Align (Ft, R, H(Ft),R), Align (Ft, L, H(Ft),L) e Ft-Bin. Uma síntese do ranqueamento de restrições envolvidas na análise iâmbica é apresentada em (89) (Lee, 2002, p. 119).

(89)

- i. acento não-marcado: Rooting; Stem-Ft-R; Align (Ft, R, H(Ft),R) >> Ft-Bin; Align (Ft, R, PrWd, R) >> Parse
- ii. acento marcado: Rooting; Stem-Ft-R(NoI-R), Align (Ft, L, H(Ft), L), Ft-Bin >> Align (Ft, R, H(Ft), R), Align (Ft, R, PrWd, R) >> Parse

Os argumentos utilizados em defesa da análise iâmbica derivam da ineficiência da análise trocaica em relação aos casos marcados. Segundo o autor, a proposta iâmbica é mais clara quanto a esse tratamento, especialmente em se tratando de oxítonos com vogal final.

A análise iâmbica proporciona, também, o resultado correto quando na aplicação da regra de ritmo, conforme em (90) (Lee, 2002, p. 119)

(90)

NoClash &gt;&gt; NoI-R, Align (Ft, R, H(Ft), R) &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, R, PrWd, R) &gt;&gt; Parse

candidatos	NoClash	NoI-R	Align (Ft, R, H(Ft), R)	Ft-Bin	Align (Ft, R, PrWd, R)	Parse
a. já(caré)(zí)nho	*!			*	*	**
<del>b.</del> b. já(cáre)(zí)nho			*	*	*	**

No exemplo, a regra de ritmo pode ser interpretada como uma inversão do lado que ocupa o cabeça de pé, a fim de evitar o choque de acento. Segundo Lee (2002), a regra de ritmo ocorre no nível do pé métrico, sendo necessário que este possibilite o deslocamento do acento, para que não ocorra o seu apagamento.

Algumas observações referentes à proposta de Lee (2002) serão apresentadas em uma seção posterior, juntamente com as observações sobre a proposta de Hammond (1995) para o Espanhol em Teoria da Otimidade. A razão de as propostas serem analisadas posteriormente deve-se ao fato de ambas defenderem uma análise iâmbica em Teoria da Otimidade. A referida seção terá, portanto, o objetivo buscar resoluções para os problemas apontados como decorrentes de uma análise trocaica por esses dois autores.

### 3.1.3 Propostas para o acento do Espanhol

Dentre os estudos que visam a sistematizar a atribuição do acento do Espanhol em Fonologia Métrica, nossa pesquisa optou por contemplar as propostas de Harris (1983, 1995), Roca (1988) e Lipski (1997).

Os trabalhos apresentam pontos concordantes e discordantes em relação ao domínio de aplicação da regra de acento e ao pé métrico caracterizador do sistema de forma semelhante à apresentada para o acento do Português. Porém, a extrametricidade é o tema em destaque na discussão estabelecida entre as propostas.

### 3.1.3.1 Harris (1983)

Primeiramente, é necessário estabelecer os padrões de acento da Língua Espanhola sobre os quais atuam as propostas métricas. Harris (1983) descreve os padrões de marcação do sistema acentual do Espanhol através das seguintes restrições listadas em (91).

- (91)
- a) O acento primário somente pode cair em uma das três últimas sílabas da palavra;
  - b) O acento paroxítono é não marcado em palavras com vogal final;
  - c) O acento oxítono é não marcado em palavras com consoante final;
  - d) O acento proparoxítono é impossível se a penúltima sílaba é pesada ou se a última sílaba contém um ditongo;
  - e) O acento proparoxítono é fortemente marcado se a última sílaba é fechada por consoante;
  - f) O acento paroxítono é impossível se a última sílaba contém um ditongo.

A primeira restrição estabelece que a posição do acento primário não é totalmente livre no Espanhol; ela se restringe às três últimas sílabas da palavra. As demais restrições evidenciam que o peso silábico é determinante na atribuição do acento, tanto para oxítonos quanto para proparoxítonos. Para dar conta de tais marcações, o autor propõe que o sistema acentual seja representado por um pé troqueado sensível à quantidade silábica.

Segundo Harris (1983), o algoritmo de acento do Espanhol tem como domínio de aplicação a palavra derivacional segmentada em radical e vogal temática. A segmentação justifica-se pelo fato de as vogais temáticas não participarem do processo de derivação, como em [cas]a / [cas]inha]. Para a extrametricidade, o domínio passa a ser o radical.

A regra de acento que atua sobre o domínio de palavra se constitui na formação de um constituinte binário, de cabeça à esquerda, sensível ao peso silábico e formado da direita para a esquerda. Observamos a aplicação do algoritmo em (92)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> A proposta de Harris (1983) é apresentada segundo o modelo de árvores métricas de Liberman e Prince (1977). Em nossa apresentação, optamos por utilizar a grade métrica parentetizada, modelo contemplado nas demais análises métricas do presente trabalho.

- (92) a) colór                      mujér  
 (\*)                                      (\*)
- b) sílla                              computadóra  
 (\* .)                                      (\* .)

Pela regra, os paroxítonos terminados em sílaba leve recebem um pé binário dissílabo na borda direita (92 b) e os oxítonos com sílaba pesada final recebem um pé binário monossílabo, computando as duas moras da rima (92 a). Ficam representados, assim, os padrões não marcados estabelecidos pelo autor e apresentados em (91). As palavras não contempladas pelo algoritmo possuem acento marcado, quais sejam as proparoxítonas, paroxítonas com sílaba final pesada e oxítonas com sílaba final leve.

Para as palavras proparoxítonas, Harris utiliza a extrametricidade. O elemento tido como extramétrico é, diferentemente do apresentado por Bisol (1992) para o Português, a última vogal do radical, como aparece em (93).

- (93) [ráp<i>d]o                      [orgán<i>c]o  
 (\* .)                                      (\* .)

A extrametricidade da última vogal do radical decorre da existência de pares mínimos como *sábana* e *sabána*, nos quais a atribuição de marca extramétrica à vogal temática de uma palavra e não à de outra é incoerente segundo o autor. Dessa forma, o elemento extramétrico deve estar no radical dessas palavras porque este é o responsável pela distinção existente entre as formas lexicais.

Ainda, a existência de pares sem vogal temática como *césped* e *mercéd* evidencia que a extrametricidade é uma marca lexical do radical e não da vogal temática. Nesses pares, a consoante final é extamétrica por ser periférica no domínio do radical, como em (94).

- (94) [céspe<d>]                      [úti<l>]  
 (\* .)                                      (\* .)

A disparidade entre o domínio do acento, a palavra, e o domínio da extrametricidade, o radical, é criticada por Roca (1988) devido a enfraquecer a *condição de perifericidade*, apresentada por Hayes (1982) como restrição à utilização da extrametricidade. Esta é uma das



críticas recebidas pela proposta de Harris (1983), da qual surgem as mudanças apresentadas em trabalhos posteriores (ver 3.1.3.2).

Os oxítonos com sílaba final leve recebem acento por *Strong foot rule*, regra de pé forte. Segundo essa regra, um segmento [-consonantal] na borda direita da raiz derivacional que não seja seguido por um elemento terminal recebe o nó de pé forte. Os exemplos são demonstrados em (95).

- (95) café                      dominó  
       (\*)                        (\*)

O nó de pé forte justifica-se pelas peculiaridades desse grupo de palavras, quais sejam a ausência de uma consoante final, diferentemente dos oxítonos *colór* e *mujér*, e a inexistência de uma vogal temática, ao contrário do que apresentam os paroxítonos e proparoxítonos *computadóra* e *rápido*.

### 3.1.3.2 Harris (1995)

Harris (1995) reitera a operacionalização da restrição de janela de três sílabas no sistema de acento do Espanhol. No entanto, restrições prosódicas ou segmentais podem reduzir o número de sílabas a serem alcançadas pelo acento primário, como no esquema em (96). A simbologia utilizada é a de C para consoante, V para vogal e G para glide (Harris, 1995, p. 870).

- (96) Two-syllable window
- (a) penult rhyme = GV: No.ryé.ga    \*(C<sup>́</sup>V.CGV.CV)
  - (b) penult rhyme = VG: Ja.máy.ca    \*(C<sup>́</sup>V.CVG.CV)
  - (c) penult rhyme = VC: a.lár.ma      \*(C<sup>́</sup>V.CVC.CV)
  - (d) final rhyme = GV: ca.rí.cya       \*(C<sup>́</sup>V.CV.CGV)
  - (e) final rhyme = VC: ca.ní.bal       \*(C<sup>́</sup>V.CV.CVC)
- One-syllable window
- (f) final rhyme = VG: ca.ráy            \*(C<sup>́</sup>V.CVG)

Segundo o autor, as restrições acima sugerem questões a serem explicadas por um algoritmo de acento para o Espanhol. São elas as que seguem abaixo.

- i. a sensibilidade ou insensibilidade ao peso do algoritmo de acento;
- ii. o status do glide e da consoante em rima quanto ao peso silábico;
- iii. a razão de o glide e a consoante, enquanto unidades de peso, terem tratamento diferenciado na restrição, ou seja, porque VG atrai acento para a última sílaba (96 f) e VC não atrai;
- iv. a razão de VC, se não considerada sílaba pesada, impedir o acento proparoxítono (96 c) da mesma forma que VG (96 b);
- v. a razão de VG final atrair o acento para a última sílaba (96 f) e GV somente atrair para a penúltima (96 a) (96 d);
- vi. o status do glide quanto à unidade portadora de acento e, sendo considerado unidade portadora de acento, como explicar o acento pré-proparoxítono em *lá.w.da.no*.

Com o objetivo de esclarecer tais questões, o autor propõe um algoritmo de acento cujo domínio é a palavra derivacional. Fatores morfológicos e idiossincráticos interagem na regra de atribuição do acento na formação de casos marcados. Em não-verbos, o acento não-marcado é o paroxítono com vogal final. O modelo utilizado pelo autor tem base no modelo proposto por Halle e Idsardi (1995).

Os parâmetros responsáveis pela construção da regra de acento em não-verbos são os que seguem em (97).

(97)

- a) Project • for each nuclear x
- b) Project ( for  $\sigma$ [...X<sub>N</sub>X...]
- c) Edge RRR
- d) ICC R
- e) Head L

Observamos a aplicação dos parâmetros em (98). Na primeira coluna, palavras sem sílaba pesada e, na segunda, palavras com sílaba pesada (Harris, 1995, p. 875).

(98)

	me xi ca no	can tan tes
Project •	• • • •	• • •
Project (		(• (• •
Blocks *(• #		(•
Edge RRR	• • • •)	(• (• •)
ICC R	(• • (• •)	
Delete unpaired	• • (• •)	• (• •)
Head	• • (• •)	• (• •)
	•	•

No exemplo, Project • projeta cada núcleo silábico e Project ( cria um limite esquerdo à esquerda de cada sílaba pesada na segunda coluna. A última sílaba pesada não tem projetado seu limite devido à restrição \*(• # existente na língua. A restrição funciona como um filtro, impedindo configurações proibidas pela língua.

(99) Restrição \*(• #

Ainda com relação ao exemplo, a regra de marcação de borda projeta um parêntese direito à direita do elemento mais à direita e ICC constrói constituintes binários iterativos a partir da borda direita da palavra. Devido ao acento primário restringir-se ao constituinte mais à direita, os demais constituintes são apagados por *Delete unpaired*<sup>29</sup>, regra que apaga todos os constituintes formados por um único parêntese esquerdo. Por fim, o cabeça de pé é projetado por Head L à esquerda do constituinte.

Os proparoxítonos têm acento atribuído pela atuação de morfemas indutores de acento. Esses morfemas podem ser radicais ou sufixos. Como exemplos de radicais indutores de acento temos MÉRIT+o, ÍDOL+o e de sufixos indutores temos kiló+METR+o, fonó+LOG+o, bené+FIC+o. Tais morfemas localizam o acento a sua esquerda e são projetados pela regra de marcação de borda de morfemas específicos Edge RRR<sub>*L*</sub>, na qual *L* indica deslocamento do acento para a esquerda. A regra é formulada, como em (100) (Harris, 1995, p. 878).

<sup>29</sup> Apague parêntese sem par.

(100) Edge:

$$\emptyset \rightarrow ) / \begin{array}{c} X ( ] \mathcal{L} ) ]_x^o \\ | \\ \bullet \end{array} \underline{\quad}$$

Pela regra, um parêntese direito é projetado na borda direita de um morfema marcado seguido de limite de palavra. Essa regra atua de forma disjuntiva com o parâmetro geral Edge RRR; quando há contexto para um o outro não se aplica e vice-versa. Sua aplicação pode ser observada em (101) (Harris, 1995, p. 880).

(101)	mé rit] $\mathcal{L}$ o
Project X	• • •
Edge RRR for $\mathcal{L}$	• • •
ICC	( • • ) •
Head L	( • • ) •
	•

No exemplo, Edge RRR  $\mathcal{L}$  insere um parêntese direito à direita do morfema marcado. ICC forma constituintes iterativos e Head L projeta o cabeça à esquerda do constituinte.

Da mesma forma como as consoantes em rima no exemplo *cantantes* (98), os glides em rima, VG, e em núcleos complexos, GV, são unidades de peso em Espanhol, o que explica o padrão proparoxítona de *láv.da.no*, em (102) (Harris, 1995, p. 881).

(102)	láv.da.n] $\mathcal{L}$ o	a.dw á.n] a
Project X	• • •	• • • •
Project (	( • • •	
Edge RRR $\mathcal{L}$	( • • ) •	• • • •
ICC		( • • ( • • )
Delete unpared		• • ( • • )
Head L	( • • ) •	• • ( • • )
	•	•

No exemplo, Project • projeta os núcleos silábicos, dentre os quais estão incluídos núcleos complexos, como em *a.dwá.na*. Project ( projeta sílabas pesadas constituídas por coda silábica (97 b), mas não núcleos complexos. Dessa forma, o peso de sílabas de estrutura CVC ou CVG é projetado por Project (, enquanto o peso de sílabas de núcleo complexo é projetado por Project •, que atribui uma marca para cada elemento do núcleo.

Ainda, no exemplo, Edge RRR<sub>ℓ</sub> projeta a borda de palavra, na segunda coluna, e o morfema indutor de acento, na primeira. ICC projeta constituintes iterativos e *Delete unpared* apaga o constituinte aberto, desnecessário para a atribuição do acento primário do Espanhol. Por fim, Head L projeta o cabeça à esquerda do constituinte formado.

Da mesma forma como operam os morfemas indutores de acento proparoxítono, [mérit]<sub>ℓ</sub> o], operam os morfemas indutores de acento oxítono, menú]<sub>R</sub>, localizando o acento à direita. No entanto, devido a formar parêntese direito, não opera de forma disjuntiva com Edge RRR, que projeta parêntese esquerdo. Observemos o exemplo em (103).

(103)	me n ú] <sub>R</sub>	
	<u>Project X</u>	• • _____
	<u>Edge RRR]<sub>R</sub></u>	• (• _____
	<u>Edge RRR</u>	• (• _____
	Head L	• (• _____
		• _____

Os oxítonos com consoante final não recebem acento por peso silábico porque essa consoante ocupa, na verdade, segundo Harris (1995), a posição de *onset*. O autor argumenta que tais palavras como *animál* e *caníbal*, por exemplo, apresentam vogal temática final, porém não realizada foneticamente. Tais palavras contrastam foneticamente pela realização ou não da vogal temática com *jaráb[e]* e *trámit[e]*.

Para a regra de acento, oxítonos com consoante final têm a mesma representação de *mexicáno* (98) e *mérito* (101), respectivamente. Palavras com VG final, também têm vogal temática final não realizada foneticamente e são representadas da mesma forma, em (104) (Harris, 1995, p. 883).

(104)	ma.mé.y]\mathcal{L}V	
	Project X	• • • •
	Edge RRR $\mathcal{L}$	• • • •
	ICC	• (• • •
	Head L	• (• • •
		•

Pela proposta explicitada acima, o autor responde as questões inicialmente propostas da seguinte maneira:

- i. o sistema de acento do Espanhol é sensível ao peso silábico;
- ii. tanto a consoante quanto o glide em rima são unidades de peso em Espanhol;
- iii. o fato de ambas, CVG e CVC, terem comportamentos diferenciados quando na penúltima (96 b) (96 c) ou na última sílaba (96 e) decorre do fato de, quando em sílaba final, a consoante final de *canibal* ser *onset* silábico e não coda; pela mesma explicação VG (96 f) em sílaba final atrai acento para a última sílaba (102);
- iv. por serem CVG e CVC sílabas pesadas quando penúltimas, ambas impedem acento antepenúltimo (96 b) (96 c);
- v. GV (96 a) e GV (96 d) são núcleos complexos e têm duas projeções por Project •. A diferença se estabelece por esta última possuir radical indutor de acento à esquerda.

A proposta de Harris (1995), na busca por explicações referentes aos padrões de marcação do acento do Espanhol, envolve propriedades morfológicas e idiossincráticas na derivação dos padrões de acento.

### 3.1.3.3 Lipski (1997)

Lipski apresenta uma proposta também favorável ao peso silábico, em conformidade com a apresentada por Harris (1983, 1995). O trabalho do autor refere-se especificamente a (i) *la naturaleza y el alcance de la extrametricidad*, (ii) *la sensibilidad o la insensibilidad a la cantidad*, (iii) *la medida en que las estructuras métricas del español pueden acomodarse a las tipologías universales propuestas en cuanto a tipos de pie y la marca relativa de las distintas configuraciones específicas* (Lipski, 1997, p 625).

Primeiramente, faz-se necessário apresentar o modelo de *la minimidad parametrizada* sob o qual se apresenta a proposta do autor. Segundo esse modelo, o pé métrico e o núcleo de pé podem ser parametrizados em *ativado* e *desativado*, de acordo com o mínimo de moras que os compõem. Quando *ativados*, o pé métrico ou o núcleo requerem uma única mora (monomoraico); quando *desativados*, os mesmos requerem duas moras (bimoraico). Temos, portanto, os seguintes parâmetros para o Espanhol, em (105).

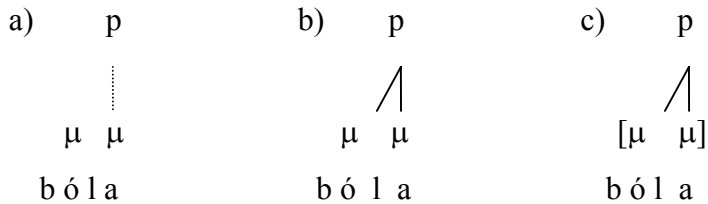
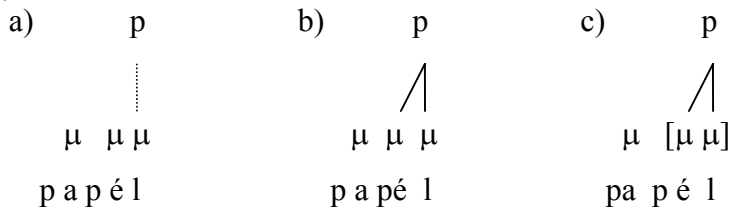
- (105) pé métrico:  $[\mu\mu\mu]$   
 direção: direita para a esquerda  
 dominância: esquerda  
 iteratividade: não iterativo  
 estrutura mínima: pé<sub>min</sub> : desativado  
 núcleo<sub>min</sub> : ativado

O modelo de *minimidad parametrizada* assegura que os seguintes pés sejam possíveis no Espanhol, em (106).

- (106) pé<sub>min</sub> e núcleo<sub>min</sub> ativados: pé monomoraico  $[\mu]$ , uma sílaba leve  
 pé<sub>min</sub> desativado e núcleo<sub>min</sub> ativado: pé dissílabo bimoraico  $[\mu\mu]$ , duas sílabas leves ou uma pesada  
 pé<sub>min</sub> desativado e núcleo<sub>min</sub> desativado: pé dissílabo trimoraico  $[[\mu\mu]\mu]$ , uma sílaba pesada e uma leve.

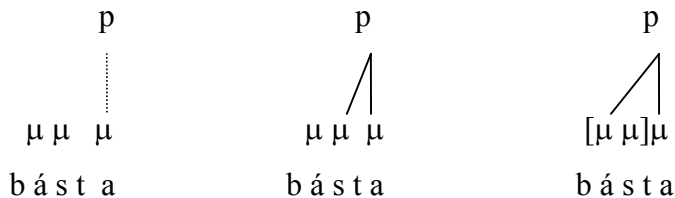
A representação métrica do modelo decorre dos seguintes passos. Primeiramente, associa-se o pé à extrema direita da palavra, a última mora existente (107 a). Após, completa-se o pé de modo a conter duas moras, parâmetro de pé<sub>min</sub> desativado (107 b), e se projeta o núcleo com uma mora, núcleo<sub>min</sub> ativado (107 c).

(107)



Desses parâmetros, derivam os padrões não-marcados, sendo eles os oxítonos com sílaba final pesada e paroxítonos com sílaba final leve. Em palavras com a penúltima sílaba pesada, a exigência de que a mora acentuada seja núcleo silábico faz com que a representação se dê da mesma forma como nas palavras cuja penúltima sílaba é leve, em (108).

(108)

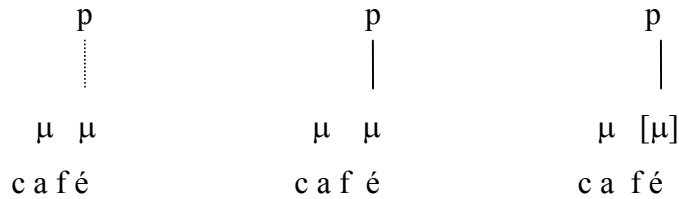
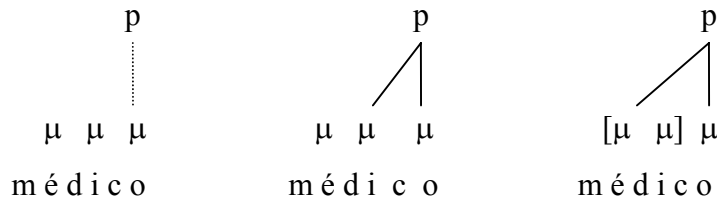


As palavras paroxítonas com sílaba final pesada constituem-se no único caso de uso da extrametricidade o que, segundo Lipski, não incorre nos problemas apontados para a proposta de Harris (1983) devido ao seu uso restrito. Sendo a consoante final extramétrica, a representação de palavras como *túnel*, *útil*, por exemplo, ocorre igualmente a representação de paroxítonos, como *bola*, derivada em (107).

O proparoxítonos apresentam o núcleo<sub>min</sub> desativado, ou seja, requerem duas moras no núcleo. Da mesma forma, os oxítonos têm parametrizado o pé<sub>min</sub> ativado, requerendo um pé monomoraico. Para esses dois grupos, marcações lexicais asseguram a diferente parametrização com relação aos casos não-marcados. Vejamos a representação em (109).



(109)



Uma última referência do autor é quanto à adequação do sistema de acento do Espanhol em relação às tipologias estabelecidas para os sistemas de acento das línguas naturais. As tipologias referidas pelo autor, Hayes (1985, 1992), McCarthy e Prince (1986), Prince (1992), não apresentam o pé métrico formado por uma sílaba pesada seguida de uma sílaba leve como pertencente aos sistemas sensíveis à quantidade.

Para MacCarthy e Prince (1986), esse tipo de pé é desautorizado categoricamente e, em Prince (1992), é considerado muito marcado ou desaconselhável. Por outro lado, palavras da Língua Espanhola como *casca*, *carta* demonstram que esse tipo de pé é muito comum na língua. Segundo Lipski, este é um tema que requer maiores investigações devido à existência de divergências *entre los datos del español (que nunca se há considerado una lengua 'exótica') y las muy bien argumentadas tipologías de pies*.

#### 3.1.3.4 Roca (1988)

Na proposta de Roca (1988), é defendido o padrão iâmbico e a insensibilidade ao peso silábico para o sistema de acento do Espanhol. Em referências à proposta de Harris (1983), o autor afirma ser tal proposta confusa e ambígua com relação ao uso da extrametricidade. Para evitar o uso irrestrito da extrametricidade, o autor propõe sua *autossegmentação*.

A *autossegmentação da extrametricidade* em “*extrametricidade de peso*” e “*extrametricidade acentual*” assegura que a extrametricidade de um elemento que influencie diretamente na regra de acento, no caso a sílaba, seja separada da extrametricidade de

elementos que influenciem indiretamente na regra, como a mora de coda. Observemos exemplos da aplicação da autosegmentação em (110).

(110) a. fá.ci<l>

$\mu$	$\mu$	$\mu$	moras
a	a		elementos acentuados
(*	.	)	pés métricos

b. mé. di.<co>

$\mu$	$\mu$	$\mu$	moras
a	a	<a>	elementos acentuados
(*	.	)	pés métricos

A extrametricidade em (110 a) dá-se em um elemento que não pode ser portador de acento, a consoante final /l/ em coda, influenciando, primeiramente, o peso da sílaba para, posteriormente, a sílaba influenciar a aplicação do acento. A extrametricidade em (110 b), todavia, ocorre em um elemento que pode ser portador de acento, a sílaba, influenciando diretamente na aplicação do acento. Roca exemplifica que algumas línguas podem requerer o uso da extrametricidade de peso, outras o uso da extrametricidade acentual e, outras, ainda, requerem o uso das duas, como o Árabe Damanesco, exemplificado em (111).

(111) m a d á : r e s (escolas)

$\mu$	$\mu\mu$	$\mu$ < $\mu$ >	moras
a	A	<a>	elementos acentuados
(*)			pés métricos

Para o Espanhol, Roca alerta que o uso da extrametricidade nos dois níveis permitiria um acento fortemente marcado: o proparoxítono terminado em sílaba pesada (112) (Roca, 2000, p 596, 597).

- (112) \*cá. ni. ba l  
 $\mu \mu \mu < \mu >$  moras  
 a a <a> elementos acentuados  
 (\* .) pés métricos

Por outro lado, o autor adverte que a utilização de extrametricidade restrita ao peso deixaria sem explicação palavras do Espanhol, como *orgánico*, proparoxítonas com última sílaba leve. Roca sugere a necessidade de uma nova análise, a fim de evitar a ambigüidade existente na proposta de Harris (1983) com relação ao uso da extrametricidade.

A proposta de Roca (1988) busca desfazer essa ambigüidade, propondo ser o radical o domínio, tanto das regras de acento quanto da extrametricidade. É sob o radical que devemos formar constituintes ilimitados de núcleo à direita, resultando em um padrão acentual cuja última vogal do radical recebe o acento, como em (113).

- (113) co.lór]      ca.fê]      ven.tá.n]a  
 (\*)            (\*)            (. \*)

Nas proparoxítonas e nas paroxítonas terminadas em consoante, a extrametricidade da última mora acentuável proporciona um acento pré-final nos casos marcados a seguir (114).

- (114) mé.d<i>.c]o      tú.n<e>]l  
 (\*)                    (\*)

O uso da extrametricidade, segundo o autor, restrita a elementos que possam ser portadores de acento, parece ser mais adequada para a representação do sistema de acento do Espanhol, na medida em que não infringe a condição de perifericidade e limita-se a um único plano de aplicação, o plano da extrametricidade acentual.

Podemos perceber que o debate em torno da regra de atribuição de acento do Espanhol recai sobre o tipo de pé métrico e o domínio de aplicação da regra, de forma semelhante ao observado no Português. Constituem consenso, porém, entre os autores, a direcionalidade de aplicação da regra, a borda em que atua o algoritmo e a restrição referente às três últimas sílabas, dentre as quais se pode situar o acento.

Para finalizar a revisão a que nos propusemos, apresentaremos a proposta de Hammond (1995) para o Espanhol com base nos pressupostos da Teoria da Otimidade.

### 3.1.3.5 Hammond (1995) em Teoria da Otimidade

Segundo Hammond (1995), a possibilidade de demonstrar o padrão de acento do Espanhol através do pé troqueu ou do pé iambo existe, mas pode ser desfeita através da observância dos casos marcados.

Através da Teoria da Otimidade, o autor opta pelo pé iambo em detrimento do pé troqueu devido ao primeiro possibilitar uma análise mais eficaz dos padrões de acento marcado. Observemos o ranqueamento das restrições com ambos os pés, iambo e troqueu, em (115) e (116), respectivamente (Hammond, 1995, p. 10, 13).

#### (115) Pé iambo

Rooting >> Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) >> Align (Ft, R, H(Ft), R) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

/moneda/	Rooting	Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R)	Align (Ft, R, H(Ft), R)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. moneda	*!			
b. mo(néda)		*!	*!	
c. mo(nedá)		*!		
d. (moné)da				*
e. (móne)da			*!	*

#### (116) Pé troqueu

Rooting >> Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

/moneda/	Rooting	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. moneda	*!		
b. mo(néda)			
c. mo(nedá)		*!	
d. (moné)da		*!	*!
e. (móne)da			*!

A diferença entre a análise iâmbica e a análise trocaica está na presença da restrição Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R), que torna extramétrica a última sílaba, no *tableau* dos casos não-marcados da análise iâmbica. Na análise com base no pé troqueu, a restrição Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) não opera nos casos não-marcados.

Para os casos marcados em não-verbos, não há, segundo Hammond (1995), condicionamento morfológico, conforme ocorre para os verbos em Espanhol. Sendo assim, o tratamento dos casos marcados deveria ocorrer através da marcação no léxico, o que feriria as bases da Teoria da Otimidade.

Segundo Hammond, a solução está na utilização de *restrições paroquiais*, demonstrada nessa proposta do Espanhol, mas extensiva para os demais casos de marcações lexicais em outras áreas da Fonologia. As restrições paroquiais são específicas de língua e possuem um contexto de atuação também específico.

Os casos marcados, em ambas as análises, seriam os proparoxítonos e oxítonos. Ressaltamos que não há referência ao peso silábico na proposta de Hammond, o que nos faz inferir ser o peso silábico irrelevante para o autor e, desse modo, serem representados da mesma maneira proparoxítonos e oxítonos com sílaba final leve ou pesada.

Na análise iâmbica, as restrições paroquiais necessárias para a análise de proparoxítonos, Align (pájaro, L, H(Ft), L), alinha o cabeça de pé com a extrema esquerda de uma palavra prosódica específica, no caso a palavra *pájaro*. Por governar o alinhamento de cabeça de pé, a restrição paroquial deve dominar Align (Ft, R, H(Ft), R), que exerce a mesma função.

Para proparoxítonos polissílabos, a restrição Align (américa, L, H(Ft), L) deve ser dominada por alinhamento do pé, Align (Ft, R, PrWd, R), para evitar o alinhamento com a borda esquerda da palavra, selecionando *outputs* como *\*américa*. O ranqueamento resultante para os proparoxítonos é Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> Align (pájaro, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, H(Ft), R).

Os oxítonos, por sua vez, têm alinhado o cabeça de pé com a extrema direita de uma palavra prosódica específica, Align (panamá, R, H(Ft), R), sendo necessário que a restrição domine Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R), para que seja possível o acento oxítono. Temos, portanto, duas diferentes posições para as restrições paroquiais; uma para as restrições referentes aos proparoxítonos e outra para as referentes aos oxítonos. As posições são demonstradas em (117) (Hammond, 1995, p. 11).

- (117) Align (panamá, R, H(Ft), R)  
 Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R)  
 Align (Ft, R, PrWd, R)  
 Align (pájaro, L, H(Ft), L)

Deve, no entanto, haver um mecanismo que impossibilite restrições de um tipo figurarem na posição de outro, formando *outputs* incorretos. Hammond propõe uma subdivisão da restrição de extrametricidade, Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) em *NoCloser* e *NoFurther*. As restrições paroquiais podem dominar *NoCloser*, mas não *NoFurther*. Como resultado, temos um mesmo ranqueamento para ambos os tipos de restrições paroquiais em (118) e (119).

(118)

Align (Ft, R, PrWd, R) >> Align (américa, L, H(Ft), L) >> Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) >> Align (Ft, R, H(Ft), R)

/america/	Align (Ft, R, PrWd, R)	Align (américa, L, H(Ft), L)	Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R)	Align (Ft, R, H(Ft), R)
a.ame(ricá)		***!	*	
b.ame(ríca)		**!	*	*
c.a(merí)ca		**!		
☞ d.a(méri)ca		*		*
e.(amé)rica	*!			
f.(áme)rica	*!			*

(119)

Align (Ft, R, PrWd, R) >> (panamá, R, H(Ft), R) >> Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) >> Align (Ft, R, H(Ft), R)

/panama/	Align (Ft, R, PrWd, R)	Align (panamá, R, H(Ft), R)	Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R)	Align (Ft, R, H(Ft), R)
a.(pána)ma		***!		*
b.(paná)ma		*!		
c.pa(ná)ma		*!	*	*
☞ d.pa(namá)			*	

Nos exemplos, o autor considera que a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) não é violada pela sílaba extramétrica final.

Na análise trocaica, as restrições paroquiais para oxítonos, Align (panamá, R, H(Ft), R), devem dominar pé troqueu, pois as duas restrições governam cabeça de pé. Os exemplos aparecem em (120) (Hammond, 1995, p. 14).

(120)

Align(panamá, R, H(Ft), R) &gt;&gt; Rooting &gt;&gt; Align(Ft, R, PrWd, R) &gt;&gt; Align(Ft, L, H(Ft), L)

/panama/	Align (panamá, R, H(Ft), R),	Rooting	Align (Ft, R, PrWd, R)	Align (Ft, L, H(Ft), L)
a. panama	*!	*	*	
b. (pána)ma	*!*		*	
c. (paná)ma	*!		*	*
d. pa(ná)ma	*!			
e. pa(namá)				*

Porém, as restrições para proparoxítonos, Align (américa, L, H(Ft), L), devem governar a localização do cabeça de pé e, também, governar a extrametricidade da sílaba final porque, como foi dito anteriormente, a restrição Align (PrWd, R, < $\sigma$ >, R) não figura no ranqueamento de casos não-marcados em uma análise trocaica.

A restrição para proparoxítonos é reformulada em Align (pájaro, R, < $\sigma$ >, R). O resultado é apresentado em (121) (Hammond, 1995, p. 14).

(121)

Align (pájaro, R, < $\sigma$ >, R) >> Rooting >> Align (Ft, R, PrWd, R) >> Align (Ft, L, H(Ft), L)

/pajaro/	Align (pájaro, R, < $\sigma$ >, R)	Rooting	Align (Ft, R, PrWd, R)	Align (Ft, L, H(Ft), L)
a. pajaro		*!	*!	
b. (pá)aro			(*)	
c. (pa)áro			(*)	*!
d. pa(já)ro	*!			
e. pa(jaró)	*!			*

O resultado apresentado pela análise iâmbica, caracterizada nos *tableaux* (115)(118)(119), demonstra um tratamento mais adequado dos casos marcados do que a análise trocaica devido às restrições paroquiais governarem somente a localização do cabeça de pé. Isso justifica a eleição da primeira como própria para o sistema de acento do Espanhol, segundo Hammond (1995)<sup>30</sup>.

A proposta de Hammond (1995) oferece um tratamento diferenciado para os casos de acentos marcados dentro das línguas, por meio do uso de restrições paroquiais. As restrições paroquiais constituem uma forma de interpretar os padrões de acento marcado dentro dos sistemas acentuais no modelo da otimidade.

<sup>30</sup> Outro argumento contra a análise com o pé troqueu é apresentado pelo autor através do exame das formas verbais. Optamos por não contemplá-lo em nossa apresentação devido ao recorte desta pesquisa

Apresentaremos, no próximo capítulo, nossa análise sobre os sistemas de acento do Português e do Espanhol, tendo como base os temas introduzidos pelas propostas apresentadas neste capítulo. Primeiramente, focalizaremos as relações que podem ser estabelecidas entre as propostas métricas e, também, entre o léxico de ambas as línguas. Após, serão discutidos os temas centrais que envolvem esses sistemas, em seções independentes, quais sejam o pé métrico, o peso silábico e o domínio de aplicação da regra de acento. Encerra o capítulo uma análise duas propostas em Teoria da Otimidade (Lee, 2002) (Hammond, 1995) referentes a ambos os sistemas.



## 4 UMA REANÁLISE DOS FATOS

### 4.1 O acento primário do Português e do Espanhol

Para os propósitos do presente trabalho, é necessário estabelecer as principais semelhanças entre os sistemas do Português e do Espanhol encontradas no decorrer da revisão de suas propostas acentuais.

Um ponto de partida comum é o de que o acento primário está restrito às três últimas sílabas da palavra: oxítona, paroxítona e proparoxítona<sup>31</sup>, tendo resguardada a restrição da *janela de três sílabas* citada na análise do acento do Latim clássico e vulgar.

O acento considerado não-marcado, em grande parte das propostas para as duas línguas, é o paroxítono com vogal final e o oxítono com consoante final. Uma vez considerados tais padrões como não-marcados, há, no sistema de ambas as línguas, para cada caso, o acento marcado correspondente.

Assim, para paroxítonos terminados em vogal, há paroxítonos com consoante final ou proparoxítonos e, para oxítonos terminados em consoante, há oxítonos com vogal final. Independentemente do algoritmo proposto, ao considerar-se um padrão não-marcado, deve ser prevista uma resolução para os casos marcados correspondentes.

Ainda que o acento oxítono com vogal final seja incorporado como não-marcado por algumas das propostas, o acento proparoxítono é consensualmente considerado marcado, juntamente com o paroxítono terminado em consoante. Essa assertiva vai de encontro ao considerado padrão não-marcado dentro do acento do Latim clássico, fato que sugere uma diferença entre o sistema de origem e os encontrados no Português e no Espanhol.

A existência de oxítonos e de monossílabos acentuados constituídos de sílaba leve são duas outras diferenças a serem consideradas na análise do sistema das duas línguas em relação ao sistema de acento do Latim clássico.

---

<sup>31</sup> A existência de pré-proparoxítonas em Espanhol resulta de grupos clíticos, como em *entrégaselos*.

A impossibilidade de alguns proparoxítonos em Português e em Espanhol, ao contrário, identifica-se com aquela existente no acento latino. Segundo Harris (1995), palavras proparoxítonas são inexistentes em Espanhol quando a penúltima sílaba é pesada, como em *\*álarma* e *\*Jámayca*. Para o Português, a mesma marcação pode ser referida, segundo Collischonn (2001).

Harris (1995) cita, também, a inexistência de proparoxítonos quando a última sílaba é pesada e de paroxítonos quando a última sílaba contém um ditongo decrescente, como *\*cáray*<sup>32</sup>. Por se referirem à última sílaba, que é extramétrica em Latim, esses padrões diferem-se do sistema latino.

Com relação ao Latim vulgar, algumas propostas resguardam a insensibilidade ao peso na análise das duas línguas, conforme é estabelecido por Lee (1994, 2002) e Roca (1988).

Podemos afirmar que, com relação às propostas para o acento latino, as duas línguas aqui estudadas apresentam diferenças e semelhanças. Dentre as diferenças está a existência de oxítonos e de monossílabos leves acentuados e, também, a marcação de proparoxítonos e paroxítonos com sílaba final pesada, antes considerados não-marcados no Latim. Tais diferenças, no entanto, são comuns a ambas as línguas, assegurando a identidade entre os sistemas.

Com relação às propostas métricas para o Espanhol e para o Português, podemos afirmar que as diferenças existentes entre tais propostas derivam de interpretações diferenciadas sobre um mesmo padrão de acento, com fundamento em diferentes modelos teóricos.

Para a maior clareza dessa afirmação, sintetizamos a representação métrica de cada padrão acentual através dos autores citados nas propostas métricas que compõem esta pesquisa.

O acento paroxítono com vogal final é não-marcado devido à sensibilidade ao peso silábico expressa no algoritmo (Bisol, 1992; Massini-Cagliari, 1999; Harris, 1983, 1995; Lipski, 1997) ou devido à posição não-marcada do acento das duas línguas ser a última vogal do radical (Lee, 1994, 2002; Roca, 1988).

O acento oxítono com consoante final é também não-marcado por conter a última sílaba pesada (Bisol, 1992; Massini-Cagliari, 1999; Harris, 1983; Lipski, 1997) ou por ser esta a portadora da última vogal do radical (Lee, 1994, 2002; Roca, 1988). Diferentemente, Harris

---

<sup>32</sup> As implicações derivadas de ditongos e hiatos na regra de acento não serão discutidas nesta pesquisa, o que requereria posicionamentos teóricos não abordados por este estudo.

(1995) afirma ser esse padrão acentual portador de vogal final não realizada foneticamente, sendo derivado conforme os paroxítonos com vogal final (ver seção 3.1.3.2).

Os oxítonos com vogal final têm a última sílaba pesada devido à existência de uma consoante abstrata em sua forma subjacente (Bisol, 1992) ou devido à vogal final ser longa (Massini-Cagliari, 1999). Harris (1983) formula a regra de pé forte para esses oxítonos, segundo a qual segmento [-consonantal] na borda direita da palavra não seguido de vogal temática tem a ele atribuído o acento.

Com base na observação de que esses oxítonos não contêm vogal temática, Lee (1994, 2002) e Roca (1988) afirmam serem esses oxítonos acentuados na última vogal do radical, conforme a mesma motivação daqueles terminados em consoante. Há, ainda, a possibilidade de serem os oxítonos terminados em vogal portadores de morfemas idiossincráticos que projetam o acento à direita, segundo Harris (1995) ou portadores de um pé monomoraico, segundo Lipski (1997).

Os proparoxítonos são consensualmente considerados padrões marcados. Para sua derivação, é necessário o uso da extrametricidade (Bisol, 1992; Harris, 1983; Roca, 1988) ou a formação de um pé datílico, seja pela presença de morfemas indutores de acento (Wetzels, 1992), seja por marcação lexical (Massini-Cagliari, 1999).

Podem, ainda, os proparoxítonos serem portadores de um pé trimoraico, segundo (Lipski, 1997) ou, segundo Harris (1995), terem morfemas indutores de acento à esquerda. Uma última possibilidade, em uma análise iâmbica, é a formação de um pé trocaico no domínio do radical (Lee, 1994, 2002).

Os paroxítonos com consoante final são igualmente considerados marcados em todas as propostas e sua derivação decorre do uso da extrametricidade, em Bisol (1992), Harris (1983), Roca (1988) e Lipski (1997), ou de um pé espondeu, em Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1999). Para Harris (1995), esses paroxítonos possuem morfemas indutores de acento à esquerda e, para Lee (1994, 2002), possuem pé troqueu marcado no domínio do radical.

Em virtude da variedade de derivações encontradas nas propostas métricas, podemos afirmar que, conforme o autor e o modelo teórico em que se enquadra cada proposta, diferentes interpretações são atribuídas aos mesmos padrões acentuais, tanto para o Português quanto para o Espanhol. Faz-se pertinente, portanto, aprofundar as relações entre os dois sistemas de acento, a fim de buscar evidências para a eleição de uma ou outra proposta.

Acreditamos ser necessária, como primeiro passo, a observação da distribuição dos padrões de acento citados pelas propostas no léxico de cada língua, ao que nos deteremos na próxima seção.

#### 4.1.1 A distribuição do acento no léxico do Português e do Espanhol

A fim de reiterarmos as semelhanças encontradas entre as duas línguas na observação das propostas métricas, é importante observarmos a distribuição dos padrões de acento no léxico de cada sistema lingüístico. Para tanto, referimos dados estatísticos sobre a distribuição dos padrões de acento no léxico do Português e do Espanhol, dos quais resultam questões importantes a serem consideradas.

Para a língua Espanhola, temos a distribuição estatística dos padrões acentuais em (122), adaptadas de Nuñez-Cedeño (1999, p. 221).

(122) paroxítonos terminados em vogal:	57.911	63,60%
oxítonos terminados em consoante:	24,642	27,00%
proparoxítonos terminados em vogal:	7,327	8,05%
oxítonos terminados em vogal:	573	0,63%
paroxítonos terminados em consoante:	512	0,56%
proparoxítonos terminados em consoante:	35	0,04%
Total:	91.000	100%

Segundo os dados, o padrão paroxítono com vogal final representa a grande maioria do léxico do Espanhol, somando 63,60% das 91.000 palavras selecionadas.

Segundo o autor, é importante retomarem-se os dados, desfazendo a grande desproporção que há entre a quantidade de palavras terminadas em vogal (72,32%) e a pequena quantidade de palavras terminadas em consoante (27,68%), conforme aparece em (123) (Nuñez-Cedeño, 1999, p. 221).

(123) terminados em vogal			terminados em consoantes		
paroxítonos:	57.911	88,00%	oxítonos:	24.642	97,00%
proparoxítonos:	7.327	11,10%	paroxítonos:	512	2,03%
oxítonos:	573	0,87%	proparoxítonos:	35	0,05%
Total:	65.811	100%	Total:	25.189	100%

Torna-se evidente, através dos dados mostrados em (123), que palavras terminadas em consoante são majoritariamente oxítonas, com 97% do total de dados, o que sugere considerá-las um padrão não marcado, ao lado das paroxítonas quando estas terminam em vogal.

Para o Português, dados estatísticos, como os de Mateus (2002), afirmam que 70% das palavras terminadas em vogal são paroxítonas. Segundo Bisol (1992), dentre as oxítonas, 78% terminam em consoante e 22% terminam em vogal. Em conjunto, os dados comprovam a grande similaridade na atribuição do acento em Português e em Espanhol.

Um questionamento constante quanto à distribuição do acento no léxico do Português e do Espanhol refere o fato de o léxico estar formado em grande parte por palavras de origem latina. A esse respeito, Roca (1988) afirma *la ubicación del acento se há preservado casi sin excepciones a lo largo de la historia, hecho este al que, razonablemente, la teoría del acento debería prestar más atención*. Citando Menéndez Pidal (1962, p. 36) conclui:

el acento se mantiene inalterable desde el tiempo de Plauto, de Horacio, de Prudêncio, hasta el de Cervantes y hasta el nuestro, informando como un alma a la palabra, y asegurando la identidad sustancial de ésta, a pesar de los cambios más profundos que sus demás elementos puedan sufrir.

Embora os autores se refiram especificamente à Língua Espanhola, parece-nos que a assertiva tem a mesma veracidade quando relacionada ao léxico do Português. Em sendo assim, a composição do léxico das duas línguas pode estar refletindo a manutenção da posição do acento do Latim.

É importante observar em relação a esse fato que, embora a posição do acento latino tenha sido preservada no léxico das duas línguas, mudanças estruturais outras sofridas pelas palavras provocaram mudanças na interpretação do sistema acentual. Essa reinterpretação do sistema de acento ocasionou, por exemplo, a inversão na marcação dos padrões acentuais com relação ao sistema latino – os já citados proparoxítonos e paroxítonos com sílaba final pesadas – e, também, a emergência de padrões antes não existentes, como os oxítonos e monossílabos leves acentuados.

Podemos, ainda, considerar que essa estabilidade da posição do acento durante a diacronia das línguas em análise é reforçada pelo fato de a sílaba tônica ser a sílaba menos propensa a sofrer regras ou processos, conforme apontam estudos fonológicos.

O contato com outros sistemas acentuais também precisa ser considerado. O Francês, o Inglês ou as línguas africanas proporcionaram a incorporação de padrões outros que não o latino. No Português e no Espanhol, oxítonos terminados em vogal são incorporados por empréstimos, *café, sofá*, permanecendo o acento oxítono em ambas as línguas.

#### 4.1.2 Os heterotônicos

Para finalizar a discussão sobre a similaridade dos dois sistemas acentuais, uma última referência precisa ser feita. Há, nesses sistemas, palavras semelhantes cujo acento está localizado em sílabas diferentes. Tais palavras são denominadas heterotônicos pelos livros didáticos de ensino de língua estrangeira e se consistem em vocábulos de mesma estrutura segmental nas duas línguas, porém com acentos diferenciados. Citamos exemplos em (124).

(124) Português	Espanhol
imbecíl	imbécil
nível	nivél
limíte	límite
cérebro	cerébro

Ainda que à primeira vista tais diferenças pareçam ir de encontro ao argumentado neste capítulo quanto à semelhança dos dois sistemas, a análise das diferentes posições do acento encontrada nos heterotônicos evidencia que tais divergências consistem na marcação do item lexical ou na adequação desse item à regra da língua. Observemos os resultados encontrados na análise apresentada, inicialmente, em Mena-Alves (2002).

- (125) *limíte, rubríca, atmósféra* – acento paroxítono, não-marcado em Português;  
*límite, rúbrica, atmósfera* – acento proparoxítono, marcado em Espanhol.

O contrário ocorre nos exemplos abaixo.

- (126) *cérebro, pântano, protótipo* – acento proparoxítono, marcado em Português;  
*cerébro, pantáno, prototípo* – acento paroxítono, não-marcado em Espanhol.

Nos próximos exemplos, as palavras oxítonas são não-marcadas em Português e o acento paroxítono é marcado em Espanhol.

- (127) *imbecíl, canibál, condór* – acento oxítono, não-marcado em Português;  
*imbécil, caníbal, cóndor* – acento paroxítono, marcado em Espanhol.

O contrário ocorre em palavras, como as registradas a seguir.

- (128) *nível, míssil, ímpar* – acento paroxítono, marcado em Português;  
*nivél, misíl, impár* – acento oxítono, não-marcado em Espanhol.

Palavras terminadas em ditongo crescente apresentam ora comportamento de ditongo, ora de hiato nas duas línguas, como mostram os exemplos em (129).

- |       |                   |                     |             |
|-------|-------------------|---------------------|-------------|
| (129) | po lí. <u>cia</u> | a ca de <u>mí.a</u> | (Português) |
|       | po li <u>cí.a</u> | a ca de <u>mía</u>  | (Espanhol)  |

A comparação entre as diferenças de acento permite-nos afirmar que, enquanto uma palavra incorpora-se à regra da língua no Português, a mesma palavra configura-se como acento marcado no Espanhol e vice-versa. Não foram observadas outras alterações na posição do acento além das apresentadas acima.

A análise revela, assim, que a mesma regularização ocorre em ambas as línguas com relação à regra de acento. Palavras com sílaba final pesada são regularizadas como oxítonas e palavras com sílaba final leve são regularizadas como paroxítonas<sup>33</sup>.

O heterotônicos, portanto, evidenciam que há uma mesma regra operando em ambas as línguas. Razões ainda a serem confirmadas podem ter motivado a permanência do acento e a marcação lexical ou possibilitado sua regularização, segundo as regras da língua, durante o percurso histórico próprio de cada uma.

Citamos, por exemplo, o fato de alguns vocábulos terem entrado na língua por via erudita, o que, segundo os estudos sociolinguísticos, favorece a manutenção do acento original ou, ao contrário, vocábulos terem sido incorporados por via popular, favorecendo sua regularização.

---

<sup>33</sup> A variação entre ditongo crescente e hiato nas duas línguas é outra questão instigante que, no entanto, requer estudo específico devido à complexidade do tema.

Vistos tais argumentos, assumimos que os sistemas de acento do Português e do Espanhol têm a mesma regra atuando na atribuição do acento primário às palavras da língua. Trata-se não só de semelhanças, mas, sim, de evidências a favor de um mesmo sistema acentual.

Resta-nos estabelecer o algoritmo responsável pela atribuição do acento nas duas línguas. Para tanto, analisaremos os parâmetros que operam nesse algoritmo nas próximas seções.

## 4.2 Os parâmetros acentuais para o Português e o Espanhol

### 4.2.1 O pé métrico

Os modelos para análise do acento com base na Fonologia Métrica partem do pressuposto comum de que o acento é uma unidade relacional, ou seja, resulta da relação de dominância entre unidades prosódicas. A unidade prosódica base da análise do acento é o pé métrico.

As análises métricas sugerem que o sistema de acento do Português e do Espanhol pode ser representado por basicamente dois pés métricos: pé troqueu (Bisol, 1992; Harris 1883, 1995; Massini-Cagliari, 1999; Lipski, 1997) e pé iambo (Lee, 1994; Roca, 1988; Hammond, 1995; Lee, 2002).

As propostas que sugerem o pé troqueu como caracterizador do sistema asseguram, também, a sensibilidade ao peso silábico. As propostas iâmbicas, por outro lado, apostam na insensibilidade do sistema ao peso da sílaba.

Na opção por um dos pés, referimo-nos, primeiramente, à discussão estabelecida anteriormente sobre o léxico do Português e do Espanhol. Segundo a análise, as duas línguas apresentam paroxítonos terminados em vogal como posição de acento não-marcada juntamente com os oxítonos terminados em consoante. Esses dois padrões de acento permitem-nos apresentar o pé troqueu moraico como o pé padrão para o Português e o Espanhol, tendo em vista a demonstração em (130).



(130)	Português	Espanhol
	parede	llave
	(* .)	(* .)
	colar	pared
	(*)	(*)

O pé troqueu moraico tem as estruturas (\*) e (\* .) que contemplam os dois padrões de acento ditos não-marcados nas duas línguas. Os pés troqueu silábico e iambo não evidenciarão tão claramente esses padrões, uma vez que o troqueu silábico não contemplaria o acento oxítono terminado em consoante e o pé iambo, por sua vez, não contemplaria os paroxítonos<sup>34</sup>.

Nesse momento, uma questão se faz pertinente: o resultado apresentado pelos dados revela o mesmo sistema acentual do Latim, segundo a proposta de Hayes (1995). O acento latino apresenta a última sílaba extramétrica e o pé troqueu moraico forma paroxítonas, quando a penúltima sílaba é pesada e proparoxítonas, quando a penúltima sílaba é leve. Ao incorporarmos a última sílaba, temos o padrão apresentado em (130) para o Espanhol e para o Português.

Massini-Cagliari (1999) afirma ser o acento do Português atribuído pela mesma regra de acento do Latim. Isso se deve a não existir mudança nos parâmetros dos quais é composta a regra de acento, mas, sim, no módulo do componente lexical no qual a regra é aplicada.

Sobre essa questão, argumentamos que o contínuo histórico, ou seja, o fato de as duas línguas serem derivadas do Latim vulgar, bem como as diferenças apontadas na seção anterior entre o sistema do Espanhol e do Português com relação ao sistema latino tornam controversa a afirmativa de que as duas línguas mantêm o mesmo sistema acentual do Latim.

Em uma análise em Teoria da Otimidade, a diferença entre os dois algoritmos de acento, o latino e o do Português e do Espanhol, é evidenciada mais claramente. Enquanto nas análises métricas observamos a manutenção dos parâmetros nos dois sistemas, ficando a diferença exclusivamente expressa por meio da ausência da extrametricidade da sílaba final, no modelo da otimidade, essa diferença é representada pelo reordenamento de restrições. Isso se deve ao fato de a extrametricidade ser reinterpretada como restrição em Teoria da Otimidade, e, em sendo assim, seu lugar na hierarquia de restrições que caracteriza cada

---

<sup>34</sup> O pé iambo, segundo Lee (1994), pode representar tais dados quando o domínio da regra é o radical. Essa discussão será realizada na seção reservada ao domínio da regra de acento.

língua não é a mesma, acarretando, conseqüentemente, a caracterização de algoritmos diferentes para cada sistema.

Podemos, no entanto, cogitar outra possível relação entre os três sistemas de acento. O pé troqueu irregular pode caracterizar o sistema do Português e do Espanhol, conforme proposto por Quednau (2002) para o Latim clássico. Vejam-se os exemplos em (131).

(131)	Português	Espanhol
	bilhete	billete
	(* .)	(* .)
	cadérno	cuadérno
	(* .)	(* .)

Para justificar o pé troqueu irregular, a autora apresenta três argumentos, a passagem de um pé irregular para um pé regular do Latim clássico para o Latim vulgar; o processo de síncope e o processo de redução da vogal.

Com relação ao primeiro argumento, o inverso teria ocorrido na passagem do Latim vulgar para o Espanhol e o Português, ou seja, a transição de um sistema não marcado para um marcado, uma vez que o Latim vulgar seria representado por um troqueu silábico e o Português e o Espanhol seriam representados por um troqueu irregular.

Com relação ao processo de síncope, segundo Quednau (2002), pode-se formular através do pé troqueu irregular uma só regra para a síncope: o apagamento do membro fraco do pé. Com o troqueu moraicó, há o apagamento do membro fraco do pé e o apagamento da sílaba não-analisada em pés.

Em Português, a síncope também ocorre em proparoxítonos, como pode ser observado em *xícara* → *xícra*; *fósforo* → *fósfro*, por exemplo. Neste trabalho, com fundamento em Teoria da Otimidade, outra generalização pode ser feita: o processo tem como justificativa a regularização de um pé binário<sup>35</sup>.

Ainda quanto à pertinência do troqueu irregular para o Português e para o Espanhol, a Teoria da Otimidade possibilita algumas considerações. No modelo, para fazer emergir um padrão irregular, a restrição Ft-Bin e a restrição WSP devem estar juntamente ranqueadas.

<sup>35</sup> O tema será discutido no capítulo 5.

Uma possibilidade é o ranqueamento de Ft-Bin restrito a sílabas ficar acima de WSP. Quando aplicada aos dados do Português e do Espanhol, a hierarquia gera candidatos com pé irregular, como em (132).

(132)

	Ft-Bin $\sigma$	WSP	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. tu(rís)mo	*!			*
b. turis(mó)	*!	*		
<del>c.</del> c. tu(rísmo)				
d. (túris)mo		*!		*
e. (túris)mo	*!	*		

No entanto, essa hierarquia seleciona o *output* incorreto quando as duas últimas sílabas são pesadas, conforme em (133).

(133)

	Ft-Bin $\sigma$	WSP	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
<del>a.</del> a. co(bértor)		*		
b. cober(tór)☺	*!	*		
c. co(bertór)		*	*!	
d. (cóber)tor		**!		*
e. (cóbertor)	*!	**		

Outra possibilidade é a restrição de Ft-Bin em moras ser ranqueada abaixo de Align (Ft, R, PrWd, R), que requer pés adjacentes com a borda direita da palavra prosódica, conforme demonstrado em (134).

(134)

Align (Ft, R, PrWd, R) &gt;&gt; Ft-Bin &gt;&gt; Align (Ft, L, H(Ft), L)

	Align (Ft, R, PrWd, R)	Ft-Bin $\mu$	WSP	Align (Ft, L, H(Ft), L)
<del>a.</del> a. ca(dérno)		*		
b. ca(dér)no	*!			
c. (cáder)no	*!	*	*	
d. (cáder)no		*	*!	

No entanto, o *output* correto não é selecionado em (135).

(135)

	Align (Ft, R, PrWd, R)	Ft-Bin $\mu$	WSP	Align (Ft, L, H(Ft), L)
☞ a. fan(tásma)☺		*	*	
b. fan(tás)ma	*!		*	
c. (fán)tasma	**!		*	
d. (fántas)ma	*!	*	*	
☞ e.(fántasma)		*	*	

No tableau em (135), a hierarquia apresentada promove o empate entre dois candidatos, pois, uma vez violada a restrição Ft-Bin por ambos os candidatos, há a permissividade de pés com mais de duas sílabas. Para promover o desempate a favor do *output* ótimo, deve atuar a restrição de alinhamento do cabeça de palavra prosódica, Align (PrWd, R, H(PrWd), R), selecionando o candidato com acento mais à direita, conforme o observado em (136).

(136)

Align (Ft, R, PrWd, R) >> Ft-Bin  $\mu$  >> WSP >> Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (PrWd, R, H(PrWd), R)

	Align (Ft, R, PrWd, R)	Ft-Bin $\mu$	WSP	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (PrWd, R, H(PrWd), R)
☞ a. fan(tásma)		*	*		*
b. fan(tás)ma	*!		*		*
c. (fán)tasma	**!		*		**
d. (fántas)ma	*!	*	*		**
e.(fántasma)		*	*		**

A atuação de Align (PrWd, R, H(PrWd), R) seleciona o candidato com acento paroxítono e pé troqueu irregular. Notemos, no entanto, que a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) não deve ser dominada em relação às demais restrições envolvidas no processo, para que o padrão trocaico irregular seja derivado.

Duas implicações decorrem da afirmativa expressa acima. A primeira é a de que, no sistema de acento do Português e do Espanhol, não há a formação iterativa de pés, pois, conforme o explicitado anteriormente, a restrição de alinhamento de pé com a borda da palavra prosódica deve ser dominada por Parse, para que uma análise seja iterativa ocorra..

Uma segunda implicação ocasionada pela análise com pés troqueus irregulares, portanto com a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) não dominada, é a não permissividade de pés

mais à esquerda, conforme o esperado nos proparoxítonos. Essa observação é decisiva para a eleição de um ou outro ordenamento, por esta pesquisa, a ser definida a seguir através da observação dos padrões marcados.

#### 4.2.1.1 O pé métrico e os padrões marcados

Os proparoxítonos e paroxítonos com consoante final são derivados, nas propostas métricas, através da extrametricidade. Em Teoria da Otimidade, a restrição NonFinality apreende os efeitos da extrametricidade, evitando sílabas acentuadas finais. A restrição decorre de uma tendência natural das línguas a evitar acentos finais. No Português e no Espanhol, a restrição parece ser não dominante visto serem os oxítonos uma tendência da língua quando terminados em consoante. Excluída essa possibilidade, tais padrões recebem outra interpretação neste trabalho.

É inequívoca a afirmação de que esses padrões acentuais são representados majoritariamente por vocábulos latinos e formam grupos lexicais marcados. Os proparoxítonos, especialmente, foram mantidos em alguns vocábulos ou alterados para o padrão paroxítono em outros. A possibilidade de incorporação às línguas é claramente observada nos heterotônicos citados anteriormente (ver 4.1.2).

Acreditamos que o grupo lexical formado pelos proparoxítonos e paroxítonos com sílaba pesada final pode ter possibilitado uma generalização particular da língua, o padrão trimoraico.

Tal padrão deriva das três moras formadoras do pé métrico em proparoxítonos do latim, quando na análise com o troqueu irregular, ou das duas moras mais a incorporação da sílaba não analisada em pés no troqueu moraico. Observemos em (137).

(137)

a) Troqueu irregular latino      Troqueu moraico latino

San gui <nem>

$\bar{\quad}$   $\acute{\quad}$   
(\*  $\quad$  .)

San gui <nem>

$\bar{\quad}$   $\acute{\quad}$   
(\*  $\quad$  )

## b) Pé trimoraico em Português e em Espanhol

fósforo	açúcar
$\bar{\quad} \cup \cup$ (* .)	$\cup \cup \bar{\quad}$ (* .)

Sem a extrametricidade da sílaba final, o padrão trimoraico permite somente proparoxítonos com penúltima leve, restrição já mencionada nas análises métricas, ou paroxítonos com sílaba pesada final. No exemplo em (137 b), a posição do pé trimoraico mais à esquerda ou mais à direita é permitida pela violação da restrição de alinhamento de pé, possibilitada pelo modelo da otimidade.

Conforme o observado anteriormente, sendo o pé troqueu irregular o caracterizador do algoritmo do Português e do Espanhol, não há a possibilidade de deslocamento do pé mais à esquerda, uma vez que a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) é não-dominada. Diferentemente, o ranqueamento de restrições responsável por selecionar pés troqueus moraicos permite pés mais à esquerda ou mais à direita, a fim de preservar a binaridade de moras, conforme o observado em (138).

(138)

Ft-Bin  $\mu$ , Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Bin $\mu$	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. fan(tásma)	*!		
☞ b. fan(tás)ma			*
c. (fân)tasma			**!
d. (fântas)ma	*!		*
e.(fântasma)	*!		

Pela necessidade expressa nos proparoxítonos de violação da restrição de alinhamento de pé com a borda direita da palavra prosódica, entendemos que o pé troqueu moraicico é o melhor caracterizador do algoritmo do Português e do Espanhol.

Outro padrão marcado a ser derivado é o referente aos monossílabos compostos de sílaba leve. Trata-se da não existência de restrição à palavra mínima em Português e em Espanhol. Em Teoria da Otimidade, vimos que a possibilidade de palavras monomoraicas acentuadas decorre do ranqueamento de Rooting >> Ft-Bin. A aceitação de monossílabos monomoraicos possibilita a emergência de um pé unitário.

Através do pé unitário, outro grupo de palavras pode ser incorporado aos monossílabos, os oxítonos compostos de sílaba final leve. Esse grupo lexical, cujo acento não deriva do pé troqueu moraico, pode ser generalizado como portador de um pé unitário da mesma forma que os monossílabos.

Um argumento relevante para evidenciar a pertinência do pé unitário é o fato de monossílabos serem duplicados de forma produtiva no Português, com a permanência do acento final. O contrário também é verdadeiro, oxítonos são reduzidos a monossílabos, conforme exemplificamos em (139)<sup>36</sup>.

- (139) a)      bí – bibí  
                   lelé  
                   loló  
                   titití  
                   pipí
- b)      avó – vó – vovó  
                   avô – vô – vovô  
                   Jozé – Zé – Zezé

A duplicação de monossílabos demonstra que o pé composto por uma única mora é preservado durante o processo, não havendo troca de acento para a sua regularização através de um pé trocaico, o que resultaria em formas como em \*bíbi, \*titítí, por exemplo. Da mesma forma, no processo de redução de oxítonos a monossílabos, o pé métrico de uma mora tem sua unidade preservada. Esses fatos estão evidenciados nos exemplos em (139).

Notemos que, em palavras polissilábicas cujo pé é trocaico, a redução deriva um padrão bimoraico, de acordo com a regra geral da língua. Nesse processo, a estrutura binária do pé também é preservada, sem que sejam encontradas reduções tipo \*ciclé (bicicléta), \*gráfi (fotografia), \*Faé (Rafaéla).

---

<sup>36</sup> No Espanhol monossílabos monomoraicos existem em número mais reduzido do que em Português. Isso pode justificar a menor existência de duplicações.

- (140) bicicléta – bíci  
 fotografia – fóto  
 motocicléta – móto  
 Rafaéla - Ráfa

Soma-se a esse argumento o fato de a maioria dos oxítonos serem dissilábicos ou trissilábicos, do que resulta a seguinte hipótese: quanto maior a palavra, menor a possibilidade de acento final devido ao ritmo binário imposto pela língua. Nesse sentido, as duplicações são, também, maximamente, trissílabas, o que permite hipotetizar que duplicações polissilábicas, como \*tititítí, por exemplo, são incomuns por infringirem o ritmo binário padrão da língua.

Em sendo assim, os padrões acentuais não decorrentes do pé troqueu moraico, em ambas as línguas, são grupos lexicais com acento diferenciado, oriundos do sistema latino ou da incorporação de empréstimos de línguas com as quais os dois sistemas mantiveram contato.

Nada impede que esses grupos contêmam palavras próprias do Português ou do Espanhol, pois a existência de tais grupos permite que novas palavras sejam a ele incorporadas. O que fica evidente é o fato de os padrões destes três grupos marcados não corresponderem à intuição lingüística de falantes das duas línguas, conforme o observado na avaliação e regularização do acento.

Por tais argumentos, acreditamos ser o pé troqueu moraico o pé caracterizador do sistema acentual do Português e do Espanhol nos casos não-marcados, em conformidade com Massini-Cagliari (1999) e Lipski (1997), e os pés compostos por três e uma mora serem caracterizadores de grupos lexicais com acento especial.

#### 4.2.2 O peso silábico

Um dos legítimos representantes dos sistemas sensíveis ao peso silábico é o sistema latino. Como visto anteriormente, o Latim clássico tem a atribuição do acento governada pelo peso da penúltima sílaba; se esta é pesada atrai o acento, derivando o padrão paroxítono ou, se é leve, deriva o padrão proparoxítono.



Os dados do Português e do Espanhol revelam um sistema também sensível ao peso silábico. Posição diferente é assumida por Roca (1988) e Lee (1994), na qual as duas línguas são consideradas insensíveis à quantidade silábica.

Um dos argumentos contra a sensibilidade ao peso do Português e do Espanhol é o fato de tais línguas serem derivadas do Latim vulgar, insensível à sensibilidade. Torna-se, assim, difícil sustentar a preservação da sensibilidade ao peso, característica do Latim clássico. Sobre esse fato, Lipski (1997, p. 660) tem um interessante posicionamento.

La sensibilidad a la cantidad del español no es la prolongación directa de la Regla del Acento Latino, sino que más bien es un desarrollo independiente que surgió después de un estadio insensible a la cantidad representado por el latín tardío y el español antiguo.

Segundo o autor, portanto, a sensibilidade ao peso não deriva do Latim clássico, e, sim, de um processo da própria língua Espanhola, que parece ter sido extensivo ao Português. O autor refere-se à apócope da vogal final de palavras originalmente paroxítonas, exemplificada em (141).

(141) amóre – amor  
 razón – razón  
 máre – már

A ausência da vogal final motivou a interpretação da última sílaba como pesada, devido à consoante final incorporar-se como coda da sílaba anterior. O resultado é a constituição de uma sílaba pesada, criando o contexto para a atuação da sensibilidade ao peso presente no algoritmo.

Em se tratando de línguas romances, notemos que, em Italiano, língua em que tal processo não foi produtivo, o pé troqueado silábico permanece como representante do sistema acentual, assim como a insensibilidade ao peso silábico, conforme a proposta de Nespor (1993).

Outro argumento contrário à sensibilidade ao peso dos algoritmos deriva da existência de palavras em que o peso silábico não é respeitado, quais sejam aquelas derivadas de empréstimos, como *pênalti*, por exemplo, e os paroxítonos terminados em sílaba pesada.

Quanto aos empréstimos, o número reduzido de ocorrências e o fato de tratar-se de palavras estrangeiras, portanto, com acento também estrangeiro, torna pouco consistente o argumento.

Em relação aos paroxítonos com sílaba final pesada, referimos as regras citadas por Collischonn (2002), nas quais tais palavras têm regularizado o acento na fala popular. Trata-se das regras de desnasalização (142a) e monotongação (142b) do ditongo final (Collischonn, 2002, p. 138).

(142) a) hom[ěj] > hom[i]

órf[ǎw] > órf[u]

viag[ěj] > viag[i]

b) móv[ejs] > móv[is]

jérs[ej] > jérs[i]

vol[ej] > vól[i]

A regularização desses padrões na fala popular evidencia o caráter marcado dessas palavras.

Ainda, Wetzels (2003) apresenta contra-evidências para outros dois argumentos a favor da insensibilidade do algoritmo do Português. Segundo o autor, algumas propostas que defendem a insensibilidade ao peso silábico referem o fato de algoritmos sensíveis ao peso serem exclusivos de línguas que contenham distinção entre vogais breves e longas.

Quanto a essa afirmação, Wetzels assegura ser sua origem resultante de uma interpretação equivocada do conceito de mora apresentado por Trubetzkoy. Através da teoria moraica, pode ser percebida a não correspondência entre a existência de vogais longas e sensibilidade ao peso silábico<sup>37</sup>.

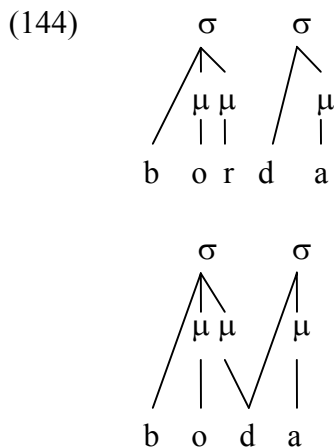
Ratifica essa afirmativa, o processo de perda do segmento /r/ em coda ocorrente em uma variedade do Espanhol dominicano, a partir do qual há a conseqüente geminação da consoante *onset* da sílaba seguinte, como processo compensatório. Reproduzimos os exemplos do autor em (143).

---

<sup>37</sup> Ver Wetzels (2003) para maiores informações.

- (143) karta → katta (carta)                      kata (ele cata)  
 barba → babba (barba)                      baba (saliva)  
 borda → bodda (a bordo)                      boda (casamento)

As palavras que contêm a consoante geminada contrastam com aquelas da segunda coluna. Para tanto, o processo de geminação da consoante deve contar com uma estrutura moraica para que esta contemple o processo, segundo a assertiva de Hayes (1989, p. 279 apud Wetzels, 2003) de que *total assimilation of consonants is formally equivalent to segment deletion followed by the association of the onset consonant to the stranded mora*<sup>38</sup>, conforme em (144).



Segundo Wetzels (2003), se essa visão do processo de geminação está correta, essa variedade do Espanhol dominicano tem uma estrutura moraica que distingue sílabas pesadas de sílabas leves, embora não possua distinção entre vogais longas e breves. Essa interpretação de Wetzels implica dizer que há a possibilidade de avaliação de peso silábico pelo algoritmo de acento do Espanhol independente da existência de vogais longas.

Um segundo argumento referido pelas propostas que defendem a insensibilidade ao peso do algoritmo do Português é, segundo Wetzels, o fato de não poderem coexistir análises de base quantitativa e não quantitativa em subsistemas diferentes em uma mesma língua. Sobre essa questão, o autor refere a existência de línguas, como o Turco, por exemplo, nas quais coexistem subsistemas sensíveis e não sensíveis ao peso silábico, o que não possibilita utilizar tal generalização, como um argumento de tipologias de acento.

<sup>38</sup> deleção total de consoantes é formalmente equivalente à deleção de segmentos seguida pela associação da consoante em *onset* da mora desassociada.

Diante de tais posicionamentos frente ao pé métrico e à sensibilidade ao peso silábico com relação ao algoritmo de acento do Português e do Espanhol, uma questão permanece: há a possibilidade de o pé métrico e a sensibilidade ao peso receberem outra interpretação se o domínio de aplicação da regra for o radical e não a palavra derivacional? Esse fato será abordado na seção subsequente.

#### 4.2.3 O domínio

Lee (1994, 2002) e Roca (1988) propõem ser o domínio de aplicação da regra de acento o radical derivacional. Para tanto, os autores apresentam os argumentos mostrados na análise que se segue.

O acento padrão em Português e em Espanhol, para ambos os autores, é a última vogal do radical, seja em paroxítonos como *margaríd]a*, seja em oxítonos como *colár] e café]*. Nessa generalização, apenas não estão incluídos os proparoxítonos e os paroxítonos com consoante final. Estes são os padrões derivados do sistema latino, o que justifica a permanência do padrão trocaico para a análise dessas formas concomitantemente com o padrão iâmbico para os casos não-marcados.

Uma das principais diferenças decorrentes da análise com base no radical é a incorporação de oxítonos com vogal final aos padrões não marcados. Segundo Lee (1994), essa incorporação promove um tratamento mais adequado dos casos marcados, seja nas análises em Fonologia Métrica, seja nas análises em Teoria da Otimidade.

Cabe, no entanto, justificar o motivo pelo qual esse padrão acentual não compõe a intuição lingüística dos falantes, no sentido de que palavras terminadas em vogal são regularizadas como paroxítonas sem que seja observada a produção de oxítonos nessas formas lingüísticas.

É importante citar aqui, que os oxítonos com sílaba final leve são considerados produtivos no Português, segundo alguns autores. Dentre eles, Lopes (1979) aponta como evidências para a produtividade desse padrão acentual os seguintes argumentos, reproduzidos em (145), com base em Collischonn (2002, p. 141).

(145)

- a) oxítonos decorrentes de empréstimos são integrados ao vocabulário nativo, como *crochê, sofá, parque*;
- b) há oxítonos nativos, como *badó, ceró, banzé, xodó, tutú, xixí*;
- c) oxítonos novos estão sendo integrados ao vocabulário nativo, como *petê, miserê*;
- d) as duplicações terminam em vogal acentuada, conforme em *lelé, loló, pipí*.

No entanto, a incorporação de empréstimos, a existência de alguns oxítonos nativos e as duplicações podem ser justificadas pela identificação dessas palavras com um grupo lexical reconhecido pelo falante como pertencente à sua língua, embora não seja este derivado da regra geral. Essa possibilidade já foi citada anteriormente (ver 4.2.1.1), mas receberá melhores evidências quando na análise em Teoria da Otimidade (ver capítulo 5).

Em especial, a análise conjunta do Português e do Espanhol demonstra, através dos heterotônicos, que há a regularização do acento oxítono, conforme em *cangurú – cangüro*, palavras do Português e do Espanhol, respectivamente ou, ainda, em palavras como *tricô – tricót, crochê – crochét*, nas quais a preservação da consoante em coda do vocábulo estrangeiro acarreta a regularização do pé bimoraico.

Nas análises em Teoria da Otimidade, outra questão se faz pertinente. A emergência de um padrão trocaico em uma análise iâmbica, conforme proposta por Lee (2002), requer o reordenamento de restrições durante a análise dos casos marcados. O reordenamento de restrições, após concluída a aquisição de uma língua, é questão controversa dentro dos pressupostos do modelo.

Assumimos, portanto, em nossa proposta, a palavra derivacional como domínio de atuação da regra de acento.

Uma vez definidos os parâmetros que atuam no algoritmo de acento comum ao Espanhol e ao Português, segundo nossa análise, faz-se necessário reverem-se as restrições atuantes nesses dois sistemas segundo as propostas em Teoria da Otimidade citadas nesta pesquisa, haja visto que tais propostas defendem a insensibilidade ao peso silábico e o pé iambo como caracterizadores do acento desses sistemas.

### 4.3 As propostas em Teoria da Otimidade

No capítulo 3, foram apresentadas as propostas de Lee (2002) e de Hammond (1995), em Teoria da Otimidade, para os sistemas acentuais do Português e do Espanhol. Tais propostas sugerem um sistema com base no pé iambo e insensível à quantidade silábica.

A proposta de Lee (2002) resulta da interação morfologia/fonologia, sendo o radical o domínio para a análise do acento. Diferentemente, a proposta de Hammond (1995) resulta de restrições paroquiais específicas a itens lexicais.

Nesta seção, discutiremos ambas as propostas na viabilização de soluções para a análise de base trocaica, rechaçada pelos autores em detrimento da análise através do pé iambo.

A proposta de Lee (2002) tem os seguintes argumentos contra uma análise trocaica.

- i. a última vogal de oxítonos como *café*, *sofá* nunca é realizada foneticamente como longa para que a ela seja atribuído peso silábico;
- ii. oxítonos com vogal final necessitam de ranqueamento diferente dos demais casos marcados em uma análise trocaica;
- iii. a regra de ritmo tem resultado incorreto quando aplicada a palavras cujos pés são trocaicos.

Quanto ao primeiro argumento (i), realmente não se têm evidências para a consideração de que as vogais finais de oxítonos sejam consideradas longas. Conforme Massini-Cagliari (1999, p. 130) *mesmo que isto [alongamento da vogal] seja comprovado através de estudos acústicos e que não seja um mero efeito de alongamento diante de pausa, ainda resta a questão “do ovo e da galinha”: a sílaba é longa porque é acentuada ou é acentuada porque é longa?*

Em relação ao segundo argumento, duas observações precisam ser feitas. Primeiramente, o pé sugerido por Bisol (1992) para a análise do Português é o pé troqueu silábico<sup>39</sup> formado após a aplicação de uma primeira regra que constrói um pé binário na última sílaba da palavra quando pesada. A análise tem como base o modelo de regras de Halle e Vergnaud (1987), o que torna extremamente pertinente a posição da autora. Em Teoria da

---

<sup>39</sup> O termo silábico é empregado aqui para referir uma análise insensível ao peso, sem relação com os pés estabelecidos por Hayes (1995), haja visto que a proposta da autora antecede a tipologia de pés proposta pelo autor.

Otimidade, no entanto, não há ordenamento de regras, o que torna inviável a tentativa de aplicar essa proposta no modelo.

A segunda observação refere-se ao fato de os oxítonos com vogal final não terem a eles inserida uma mora, ao contrário, a presença de uma mora na subjacência dos oxítonos é observada pela regra de aplicação do acento, segundo a autora. Os oxítonos, assim, enquadram-se na regra geral de atribuição de um pé binário à sílaba pesada final.

Logo, acreditamos que, na análise de Lee (2002), a restrição Dep- $\mu$ , da forma como está postulada, não reflete a posição da autora com relação aos oxítonos. Ainda, o *output* incorreto derivado da presença da restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  no *tableau* dos referidos oxítonos justifica-se pelo fato os oxítonos (tableau 78) não serem casos marcados, da forma como é postulado por Bisol (1992). Sem a presença dessa restrição, o *output* ótimo é selecionado como foi demonstrado em (77).

Quanto ao terceiro argumento apresentado por Lee (2002), relacionado à aplicação da regra de ritmo, o resultado correto deriva da observação de que, segundo Bisol (1992), a consoante abstrata presente nos oxítonos, como *café*, por exemplo, está manifestada nas formas derivadas, conforme em *caféteira*, *cafézinho*. Logo, o acento dessas formas derivadas não resulta na incorreção apresentada por Lee (2002) em uma análise em Teoria da Otimidade, um vez que não há a estrutura *caféC+zinho* mas, sim, *caféZinho* com a consoante abstrata manifesta como /z/.

Cabe-nos, ainda, com relação à proposta de Lee (2002), uma última observação referente à utilização das restrições Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  e Dep- $\mu$  como restrições paroquiais na análise de padrões marcados. Como visto anteriormente, a restrição Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  é considerada uma restrição universal por refletir a tendência rítmica natural das línguas em evitar acentos finais. Dessa forma, a restrição universal, Align  $\langle\sigma/\mu\rangle$  não poderia atuar como restrição paroquial devido ao fato de restrições dessa natureza serem específicas de língua e terem contextos particulares de atuação.

Com relação à proposta de Hammond (1995), essa faz emergir um padrão trocaico nos casos não-marcados através de restrições paroquiais referentes a itens lexicais. Na proposta, o sistema acentual do Espanhol não é sensível ao peso silábico e tem o acento oxítono de *papél* e *mujér* derivado como caso marcado, fato contrário ao consensualmente estabelecido pelas propostas métricas, pela distribuição dos padrões de acento no léxico e, também, pela regularização presente nos heterotônicos.

A proposta, ainda, instiga a seguinte reflexão: sendo as restrições paroquiais específicas de itens lexicais, veta-se a possibilidade de generalizações lingüísticas por parte da gramática das línguas, pelas quais os grupos de oxítonos com sílaba leve ou proparoxítonos, por exemplo, seriam reconhecidos pelos falantes.

Dado, também, o fato de as restrições paroquiais que atuam em ambos os grupos terem configurações básicas semelhantes para os itens – Align (pájaro, L, H(Ft), L), Align (médico, L, H(Ft), L), Align (méxico, L, H(Ft), L) por um lado e Align (café, R, H(Ft), R), Align (panamá, R, H(Ft), R) por outro – não há por que considerar que tais itens não sejam reconhecidos como um grupo lexical e tenham a ele relacionada uma única restrição.

Pode ser afirmado, portanto, que as análises em Teoria da Otimidade apresentadas por essa discussão se embasam em argumentos contrários a uma análise trocaica, como forma de assegurar a eleição por uma análise iâmbica. No entanto, os problemas relativos à análise trocaica podem receber outra interpretação, conforme será apresentado no próximo capítulo.



## 5 UMA PROPOSTA UNIFICADA PARA O PORTUGUÊS E O ESPANHOL

Com base nos pressupostos da Teoria da Otimidade, podemos representar os sistemas acentuais do Português e do Espanhol através de um mesmo ranqueamento de restrições. As restrições que governam a atribuição do acento primário são as que seguem, em (146).

### (146) FT-BIN

Pés são binários em um nível de análise mora/sílaba.

ALIGN (Ft, L, H (Ft), L)

A borda esquerda do pé é adjacente à borda esquerda do cabeça de pé.

ALIGN (Ft, R, PrWd, R)

A borda direita do pé é adjacente à borda direita da palavra prosódica.

ROOTING

Toda palavra lexical deve ser acentuada.

PARSE

Toda sílaba/mora deve ser analisada em pés.

Em nossa proposta, o sistema acentual do Português e do Espanhol é sensível ao peso silábico, pois sílaba pesada final atrai o acento, derivando o padrão oxítono e sílaba penúltima pesada atrai o acento, impedindo o padrão proparoxítono. O pé métrico gerenciador da atribuição do acento é o troqueu, atuando no domínio da palavra.

Para derivar o padrão moraico em Teoria da Otimidade, temos que restringir a restrição Ft-Bin a moras. O alinhamento do cabeça à esquerda, formando o padrão trocaico, é resultante da restrição Align (Ft, L, H (Ft), L). As duas restrições advogam por causas diferentes, complementando-se na definição de um padrão trocaico. Logo, não estão em

conflito e são representadas por linhas pontilhadas<sup>40</sup>. Os tableaux em (147) e (148) evidenciam tal fato.

(147)

Ft-Bin  $\mu$ , Align (Ft, L, H (Ft), L)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)
a. (lugár)	*!	*
b. (lúgar)	*!	
☞ c. lu(gár)		
d. (lú)gar	*!	

(148)

FtBin  $\mu$ , Align (Ft, L, H (Ft), L)

	FtBin	Align (Ft, L, H (Ft), L)
a. (casá)		*!
☞ b. (cá)sa		
c. ca(sá)	*!	
d. (cá)sa	*!	

A exigência de duas moras pela restrição Ft-Bin forma um pé monossilábico em oxítonos com sílaba final pesada e um pé dissilábico em paroxítonos com sílabas finais leves.

Nas duas línguas em análise, tão comum quanto os pés formados por duas sílabas leves, como em *cása*, *mála*, são os pés formados por uma sílaba pesada e outra leve, como em *cásca*, *cámpo*. O limite de duas moras do pé moraico faz com que a última sílaba não seja analisada em pés, como em (149) e (150).

(149)

Ft-Bin  $\mu$ , Align (Ft, L, H (Ft), L)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)
a. (campó)	*!	*
b. (cámpo)	*!	
c. cam(pó)	*!	
☞ d. (cám)po		

<sup>40</sup> Para garantir a clareza da proposta, optamos por exemplificar a análise com palavras de uma única língua, o Português. Porém as palavras utilizadas têm estrutura segmental igual à do Espanhol, podendo haver contraste na escrita, como em *jacaré* – *yacaré*, *xícara* – *jícara*, *açúcar* – *azúcar*, por exemplo, ou na forma fonética.

(150)

Ft-Bin  $\mu$ , Align (Ft, L, H (Ft), L)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)
a. ma(estró)	*!	*
b. ma(éstro)	*!	
☞ c. ma(és)tro		
d. (mães)tro	*!	
e. (máestro)	*!	

Assim, em vocábulos com estrutura ( \_ \_ ), há um deslocamento do pé mais à esquerda, para que o limite de moras não seja violado.

Uma vez que a posição do acento primário deve restringir-se às três últimas sílabas da palavra, o constituinte do qual deriva o acento primário deve estar localizado na borda direita da palavra. Para tanto, a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) requer o alinhamento de pés com a borda direita da palavra. Vejam-se os casos exemplificados em (151) e (152).

(151)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. a(campár)	*!	*	
b. a(cámpar)	*!		
☞ c. acam(pár)			
d. a(cám)par			*!

(152)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. ca(misá)		*!	
☞ b. ca(mísa)			
c. cami(sá)	*!		
d. (cámi)sa			*!
e. (cámisa)	*!		

A restrição de alinhamento de pé com a borda direita da palavra prosódica é necessária para decidir entre os candidatos (151 c) e (151 d), no primeiro *tableau* e entre os candidatos (152 b) e (152 d), no segundo. A restrição não está em conflito com Align (Ft, L, H(Ft), L), mas deve ser dominada por Ft-Bin para que o candidato ótimo contenha necessariamente um

pé binário. Em (153), a restrição Align (Ft, R, PrWd, R) aparece dominando Ft-Bin, tornando esta restrição irrelevante, pois seleciona candidatos cujos pés violam Ft-Bin. O ranqueamento de Parse- $\mu$  resultará na seleção do *output* incorreto, como em (154).

(153)

Align (Ft, R, PrWd, R), Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L)

	Align (Ft, R, PrWd, R)	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)
a. fan(tasmá)		*	*!
b. fan(tásma)		*	
c. fan(tás)ma☺	*!		
c. (fán)tasma	*!		
e. (fântasma)		*	
f. fantas(má)		*	

(154)

Ft-Bin, Align (Ft, R, PrWd, R), Align (Ft, L, H (Ft), L)

	Align (Ft, R, PrWd, R)	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Parse- $\mu$
a. fan(tasmá)		*	*!	**
b. fan(tásma)		*		**!
c. fan(tás)ma☺	*!			***
c. (fán)tasma	*!			***
e. (fântasma)		*		
f. fantas(má)		*		****!

Com o ranqueamento de Align (Ft, R, PrWd, R) abaixo de Ft-Bin, o candidato ótimo é selecionado, sem que seja necessária a incorporação de Parse. Essa hierarquia permitirá, também, o deslocamento mais à esquerda do pé métrico em proparoxítonos, o que será demonstrado no decorrer do capítulo.

É importante observar que, nos demais resultados apresentados, a restrição Parse, que exige que todas as sílabas ou moras sejam analisadas em pés, não necessita estar operante. Logo, está ranqueada abaixo de Align (Ft, R, PrWd, R), proporcionando uma análise não iterativa de pés na atribuição do acento primário<sup>41</sup> (ver 3.4).

<sup>41</sup> O fato de o Português e o Espanhol terem acento secundário evidencia que a análise em pés é iterativa, segundo McCarthy e Prince (1993). Em sendo assim, a restrição Parse-Syll deve dominar a restrição de alinhamento de pés (Ft, R, PrWd, R). Em uma primeira análise, evidenciamos que os resultados expostos aqui para o acento primário não são alterados quando em uma análise iterativa. Optamos, então, por manter a análise sem a restrição Parse-Syll e discutir o tema em uma seção posterior, referente ao acento secundário, em 5.1.

Assim, o ranqueamento de Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R) é responsável pela seleção de *outputs* ótimos em todos os casos não-marcados. Os casos marcados – aquelas palavras em que o acento é proparoxítono, paroxítono com sílaba final pesada e oxítono com sílaba final leve – resultam em três grupos com tratamento específico no léxico das duas línguas. A justificativa para a existência de tais grupos foi analisada no capítulo anterior e se resume na permanência de itens lexicais com acento latino – os proparoxítonos e paroxítonos com sílaba final leve – e na aceitação de monossílabos leves acentuados.

No entanto, a existência de grupos específicos com tratamento também específico em uma determinada língua parece ir de encontro às postulações da Teoria da Otimidade referentes à universalidade de restrições. Nossa posição é a de que generalizações específicas de línguas podem ser interpretadas como restrições paroquiais.

O uso de restrições paroquiais trata-se de uma possibilidade na teoria, primeiramente expressa por Hammond (1995), sendo que, para o autor, as restrições paroquiais são específicas de itens lexicais. No entanto, haja visto que as restrições paroquiais teriam a mesma configuração básica para um número representativo de vocábulos na língua, pode-se considerar que, por generalização, a restrição se estenda a um grupo lexical.

O que é importante frisar é o fato de essas restrições não serem universais e, por isso, não figurarem no componente CON. (ver seção 2.1.2). Antes, tais restrições se configuram como específicas de uma língua, evidenciando comportamentos lingüísticos particulares.

Sendo as restrições paroquiais específicas de língua, podemos cogitar a hipótese de sua não pertinência nesta proposta devido a seu objetivo ser o de analisar duas línguas, o Português e o Espanhol. Estariam envolvidas, portanto, restrições paroquiais comuns a duas línguas.

Nosso argumento se embasa no que consideramos ser a justificativa para a existência de tais generalizações, ou seja, na permanência majoritária de vocábulos com acento latino e na aceitação de monossílabos leves acentuados. Temos, portanto, restrições paroquiais comuns às línguas Portuguesa e Espanhola por essas restrições estarem relacionadas a grupos lexicais derivados de percursos históricos também comuns a ambas as línguas.

Sincronicamente, proparoxítonos e paroxítonos com sílaba final pesada são generalizados como portadores de um pé trimoraico. A limitação de três moras deriva do pé troqueu irregular caracterizador do acento latino, segundo Quednau (2002), ou do pé troqueu moraico mais a sílaba pulada, segundo Hayes (1992).

Conforme o observado na atuação da restrição Ft-Bin, o limite de três moras é o responsável pelo posicionamento do pé à direita ou mais à esquerda na palavra da seguinte forma:

- i. sendo as três últimas sílabas leves, as três moras são completadas com a inclusão das três sílabas no pé, gerando acento proparoxítono, como em *médico*;
- ii. sendo a última sílaba pesada, as três moras são compostas por esta sílaba e a sílaba penúltima, gerando acento paroxítono, conforme em *açúcar*;
- iii. sendo a última sílaba leve e a penúltima pesada, o pé ternário completa-se com as duas sílabas, ocasionando acento paroxítono, como em *maestro*;
- iv. sendo as duas últimas sílabas leves e a antepenúltima pesada, o pé métrico forma-se mais à esquerda para compor as três moras exigidas por ele, como em *fósforo*.

As configurações apresentadas acima representam as restrições operantes nas línguas em análise quanto à possibilidade de acento proparoxítono, expressas anteriormente na seção 4.1 através de Harris (1995) e Collischonn (2002).

Seguindo os pressupostos da Teoria da Otimidade, propomos que a restrição paroquial que atua nos proparoxítonos e paroxítonos com sílaba final pesada é Ft-Ter, conforme em (155), que posicionada acima das demais restrições que governam o acento, interage com estas na escolha do *output* ótimo.

(155) Ft-Ter

Pés são ternários em moras.

A configuração de Ft-ter como uma restrição paroquial incorre no posicionamento frente a uma questão corrente nos estudos sobre o acento acerca da universalidade ou não do padrão ternário. Segundo Kager, se por um lado há argumentos para a inclusão do ritmo ternário no inventário universal de pés, por outro há evidências para a suficiência de pés binários no tratamento do acento em ritmos ternários (Hammond 1990; Kager, 1993).

No sistema acentual do Português e do Espanhol, a postulação da existência dos dois tipos de pés, binário e ternário, não atesta para a universalidade do padrão ternário. Antes, o pé ternário decorre de uma generalização específica das duas línguas motivada pela manutenção de um grupo com acento marcado nos dois sistemas.

Em (156), é selecionado o padrão proparoxítono em palavras com sílabas leves e, em (157), é derivado o padrão paroxítono com a sílaba última pesada.

(156)

Ft-Ter &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Ter	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. me(díco)	*!		*	
b. me(díco)	*!			
c. (mé)dico	*!	*		**
d. (médi)co	*!			*
e. (médico)		*		

(157)

Ft-Ter &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Ter	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. a(çucár)		*	*!	
b. a(çucar)		*		
c. açu(cár)	*!			
d. (áçu)car	*!			*
e. (áçucar)	*!	*		

Em (158), é selecionado o padrão paroxítono por ser a penúltima sílaba pesada e, em (159) é selecionado o padrão proparoxítono por serem as duas sílabas finais leves.

(158)

Ft-Ter &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Ter	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. ma(éstro)		*		
b. ma(és)tro	*!			*
c. (má)estro	*!	*		**
d. (mães)tro		*		*
e. (máestro)	*!	*		

(159)

Ft-Ter &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Ter	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. fos(fóro)	*!			
b. fos(fó)ro	*!	*		*
c. (fós)foro	*!			**
d. (fósfo)ro		*		*
e. (fósforo)	*!	*		

Através dos exemplos acima, observamos que a impossibilidade de palavras proparoxítonas com penúltima sílaba pesada é determinada pela limitação de pés ternários em mora. A restrição possibilita, assim, relacionar os dois grupos de acento marcado, proparoxítono e paroxítono com sílaba final pesada, o que não era evidenciado na análise métrica. A correlação entre tais grupos pode ser evidenciada, no Português, pelas regras de *abaixamento datílico* e *abaixamento espondeu*, próprias de cada grupo.

Através da restrição Ft-Ter, o processo de síncope que ocorre nos proparoxítonos pode ser justificado pela regularização deste grupo à regra geral da língua, ou seja, a não ação da restrição Ft-ter implica a conversão à um pé binário moraico, seja ele composto de duas sílabas leves, como em *xícara* → *xícra*, seja ele composto de uma sílaba pesada, como em *fósforo* → *fósfro*. Observemos a representação em (160) e (161).

(160)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (xícrá)		*!	
☞ b. (xícra)			
c. xi(crá)	*!		
d. (xí)cra	*!		*

(161)

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (fosfró)	*!	*	
b. (fósfro)	*!		
c. fos(fró)	*!		
☞ d. (fós)fro			*

A restrição paroquial que atua em um segundo grupo – o dos oxítonos com sílaba final leve – decorre da existência de monossílabos leves acentuados. Ao encontro do postulado por Néspor (1993) para o Italiano, esses oxítonos têm um pé composto por uma única sílaba, da mesma forma que os monossílabos.

Como o Português e o Espanhol são sensíveis ao peso silábico, monossílabos pesados são incorporados à regra geral da língua, como no Latim, e monossílabos leves, com uma



única mora, formam um grupo específico, no qual se incluem os oxítonos com sílaba final leve.

Evidências para a relação aqui estabelecida são encontradas nos processos de duplicação de monossílabos (162 a) e redução de oxítonos (162 b), nos quais o acento final é preservado, já mencionados anteriormente (ver 4.2.1.1).

(162) a)    lelê  
              titití  
              loló

b)        avó – vó – vovó  
            José – Zé – Zezé

Se os oxítonos com vogal final fossem derivados por um pé iambo, a sua redução a monossílabos não poderia ser justificada ou, ainda, se esses oxítonos fossem compostos por uma sílaba final pesada, o processo de redução consistiria em monossílabos bimoraicos. A observação desses processos, envolvendo monossílabos e oxítonos, é, portanto, indispensável para uma melhor análise da atribuição do acento.

Propomos, assim, que a restrição paroquial envolvida na seleção de *outputs* oxítonos com sílaba final leve seja Ft-Un, definida em (163).

(163) Ft-Un

Pés são unitários em moras.

Em (164), temos candidatos monossilábicos e, em (165), oxítonos com mais de uma sílaba.

(164)

Ft-Un >> Rooting >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Un	Rooting	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. fe		*!			
b.(fé)			*		

(165)

Ft-Un &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H (Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Un	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. ja(caré)	*!		*	
b. ja(cáre)	*!			
c. jaca(ré)		*		
d. (jáca)re	*!			*
e. (jácare)	*!	*		

Embora a restrição paroquial Ft-Un não seja necessária para a seleção de monossílabos leves acentuados, visto que Rooting estabelece que toda palavra lexical deva conter um acento, Ft-Un possibilita a análise de oxítonos com a mesma configuração de pés encontrada nos monossílabos, evidenciando, assim, a correlação expressa pelos processos de redução e duplicação.

Merece destaque o fato de que as restrições paroquiais Ft-Ter e Ft-Un, quando atuantes em candidatos de outro grupo marcado, selecionam padrões marcados existentes nas línguas em análise; além disso, não possibilitam a emergência de padrões inexistentes na língua. Esse resultado coerente com o funcionamento da língua não é alcançado pela proposta de Hammond (1995) em relação às restrições paroquiais Align (panamá, R, H(Ft), R) e Align (américa, L, H(Ft)L), as quais possibilitam a emergência de padrões *outputs* incorretos se não for considerada a subdivisão da extrametricidade proposta pelo autor (ver 3.1.3.5).

A atuação de Ft-Ter, na análise de candidatos da qual não pode emergir o padrão proparoxítono, resulta no padrão paroxítono com sílaba pesada final, conforme apresentado em (157). A atuação de Ft-Un, na análise de candidatos da qual não pode emergir o padrão oxítono, resulta, igualmente, no padrão paroxítono com sílaba pesada final, como em (166)<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Um pequeno grupo de paroxítonos não pode ser derivado da atuação das restrições paroquiais propostas. São eles paroxítonos de estrutura ( \_ \_ ), exemplificados pelos que seguem: órgão, órfão, bênção, álbum, ordem, revólver, repórter, câncer. Tais paroxítonos possuem mais do que as três moras permitidas pelas restrições paroquiais ou têm um pé moraico deslocado mais à esquerda, o que exigiria a atuação da restrição NonFinality não presente em nossa proposta pelos motivos já citados em 4.2.1.1.

(166)

Ft-Un &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Un	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. a(çucár)	*!	*	*!	
b. a(çúcar)	*!	*		
c. açu(cár)	*!			
d. (áçu)car	*!			*
e. (açucar)	*!	*		
f. a(çú)car		*		*

Por outro lado, as mesmas restrições paroquiais demonstram que proparoxítonos formados por uma sílaba leve e duas outras pesadas, de estrutura ( \_ \_ \_ ), são selecionados como *outputs* ótimos (167). Embora esses proparoxítonos não sejam derivados do sistema acentual latino, acreditamos que a possibilidade de sua existência, pela hierarquia de restrições, tenha permitido a incorporação à língua de vocábulos como *Émerson*, por exemplo, no Português.

(167)

Ft-Ter &gt;&gt; Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) &gt;&gt; Align (Ft, R, PrWd, R)

	Ft-Ter	Ft-Bin	Align (Ft, L, H (Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. e(mersón)	*!	*	*	
b. e(mérson)	*!	*		
c. emer(són)	*!			
d. (é)merson	*!	*		**
e. (émer)son		*		*
f. (émerson)	*!	*		

O que fica evidente através da análise com restrições paroquiais é que, embora possam ser incluídos vocábulos outros que não os latinos no grupo de casos marcados, as restrições paroquiais não refletem a intuição lingüística dos falantes na avaliação e regularização do acento. Antes, são grupos específicos, nos quais o padrão geral da língua não atuou por motivos outros ainda a serem investigados.

A análise conjunta do Espanhol e do Português fornece evidências para tal afirmação. Os vocábulos denominados heterotônicos demonstram que o ranqueamento de restrições atuou na mudança de padrões acentuais ditos marcados quando permitido durante o percurso diacrônico de ambas as línguas.

Atualmente, vocábulos com acento estrangeiro podem sofrer o mesmo processo de regularização quando incorporados à língua. A regularização dependa, talvez, da atuação das mesmas restrições que impediram, no passado, a regularização dos heterotônicos.

Em sendo assim, a hierarquia de restrições responsável pela atribuição de acento em Português e em Espanhol pode ser resumida, como em (168).

(168)

i) Padrões não marcados:

Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

ii) Padrões marcados:

(a) proparoxítonos e paroxítonos com sílaba final pesada

Ft-Ter >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

(b) oxítonos com sílaba final leve e monossílabos com sílaba leve

Ft-Un >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

A hierarquia aqui defendida não requer o reordenamento de restrições para a análise dos casos marcados, o que pode ser interpretado como um argumento robusto na sustentação da proposta. As restrições paroquiais atuam em contextos específicos, posicionadas acima das demais restrições que gerenciam o processo de atribuição do acento, interagindo com estas na seleção do *output* ótimo. Essa interação garante que os *outputs* respeitem minimamente o padrão geral da língua, evitando a seleção de padrões inexistentes nas línguas em análise.

### 5.1 Implicações para a análise do acento secundário

Pelo observado anteriormente (ver nota 40), línguas com acento secundário podem ser resultantes de uma análise iterativa de pés. Em teoria da otimidade a análise iterativa exige a dominância da restrição Parse em relação às demais restrições e, especialmente, em relação à restrição de alinhamento de pé com a palavra prosódica. Tendo as línguas Portuguesa e Espanhola acentos secundários, convém observar as implicações da análise aqui proposta para ambas as línguas em uma análise iterativa.

Uma primeira observação pode ser feita, ainda com relação às análises em Fonologia Métrica. Retomamos, para tanto, a análise de Collischonn (1994) para o acento secundário do Português.

Segundo Collischonn (1994), o acento secundário do Português Brasileiro deriva de uma regra de atribuição de acento distinta da que gera o acento primário, visto aquele ser insensível à quantidade silábica e atuar no nível pós-lexical. Evidências para a insensibilidade ao peso são reproduzidas em (169) (Collischonn, 1994, p. 45).

(169) là gar tí xa                      à mor tè ci mén to

Quanto à atuação no nível pós-lexical, a autora observa dois processos fonológicos de ressilabação. São eles a ditongação e a epêntese, que apresentamos em (170) (Collischonn, 1994, p. 45).

(170) pè di a tra      pe diá tra  
ro dò vi á rio      ro do viá rio

in dig ná do      in di [gi] ná do  
in fec ção      in fè [ki] ção

Segundo a autora, a ditongação e a epêntese ocorrem anteriormente à regra de atribuição do acento secundário, para que possamos explicar a possibilidade de localização do acento expressa na segunda coluna, em (170). Sendo a atribuição do acento secundário posterior a esses processos, torna-se evidente que sua atuação ocorre no nível pós-lexical.

Com relação ao pé monossilábico, nas análises métricas para o Português, uma evidência é relevante em relação à postulação de que oxítonos têm acento derivado desse tipo de pé. O pé monossilábico pode evidenciar a posição do acento secundário em *abacaxi*, por exemplo.

Segundo Collischonn (1994), a palavra *abacaxi* tem acento secundário distribuído, como é demonstrado em (171) (Collischonn, 1994, p. 44).

(171)  
a bà ca xí ~ à ba ca xí

A adoção do pé iambo para o Português, conforme o postulado por Lee (1994), acarretaria um número par de sílabas após a posição do acento primário, ocasionando um acento secundário fixo na primeira sílaba, conforme é observado nas demais palavras com um número par de sílabas pré-tônicas, o que contradiz a variação apresentada por Collischonn (1994).

(172) pé monossilábico

a bà ca xí	à ba ca xí
(* .)(*)	(* . .)(*)

pé iambo

à ba ca xí	*a bà ca xí
(* .)(. *)	(*)(. *)

É importante enfatizar que a proposta de Collischonn (1994) tem como base teórica a proposta de Halle e Vergnaud (1987). No modelo, a ordenação de regras permite as asserções feitas pela autora com relação ao ordenamento de regras e à variação da posição do acento secundário. Em Teoria da Otimidade a ordenação em níveis lexicais e pós-lexicais é tema ainda em discussão, bem como a variação lingüística.

Para o Espanhol, o acento secundário é atribuído no nível da frase fonológica, segundo Harris (1995), não sendo pertinentes as mesmas relações estabelecidas para o Português.

Em virtude de a Teoria da Otimidade ser o modelo no qual se embasa nossa proposta, as referências aqui feitas referentemente ao acento secundário limitam-se a observações, com o objetivo exclusivo de demonstrar a pertinência da proposta para o acento primário aqui defendida, também em uma análise iterativa.

Nas palavras trissílabas, os seguintes resultados são encontrados em uma análise iterativa. A restrição NoClash é acrescentada à hierarquia, a fim de evitar choques de acento, conforme aparece nos *tableaux* seguintes.

(173)

NoClash >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Parse- $\mu$  >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	NoClash	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Parse- $\mu$	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (mé)(nína)	*!	*			**
☞ b. me(nína)				*	
c. (méni)(na)		*!			*
d. (méni)na			*!	*	*
e. (ménina)		*!			

(174)

NoClash >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Parse- $\mu$  >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	NoClash	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Parse- $\mu$	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (fú)(tébol)	*!	**			**
b. fu(teból)		*!	*	*	
☞ c. (fúte)(ból)					*
d. (fú)(teból)		**!	*		**
e. (fúte)bol				**!	*
f. fute(ból)				**!	

(175)

NoClash >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Parse- $\mu$  >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	NoClash	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Parse- $\mu$	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (ca)(déno)	*!	**			**
b. ca(déno)		*!		*	
c. (cáder)(nó)		*!			*
d. (cá)(dér)(nó)	**!	**			***
☞ e. ca(dér)no				**	*

(176)

NoClash >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Parse- $\mu$  >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	NoClash	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Parse- $\mu$	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (pér)(gúntar)	*!	*			**
b. per(gúntar)		*!		**	
c. (pér)(gún)(tár)	**!				***
☞ d. (pér)gun(tár)				**	**
e. pergun(tár)				****!	

No entanto, Parse- $\mu$  deve dominar Ft-Bin para que haja acento secundário em palavras com estrutura ( \_ \_ \_ ), como em (177).

(177)

NoClash >>Parse- $\mu$  >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	NoClash	Parse- $\mu$	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (có)(bértor)	*!		**!		**
b. co(bér)tor		***!			*
c. cober(tór)		***!			
☞ d. (cóber)(tór)			*		*
e. (có)ber(tór)		**!	*		**

Contudo, o ranqueamento de Parse acima de Ft-Bin proporciona uma análise incorreta dos candidatos apresentados nos *tableaux* anteriores, conforme o exemplo, em (178).

(178)

NoClash >>Parse- $\mu$  >> Ft-Bin, Align (Ft, L, H(Ft), L) >> Align (Ft, R, PrWd, R)

	NoClash	Parse- $\mu$	Ft-Bin	Align (Ft, L, H(Ft), L)	Align (Ft, R, PrWd, R)
a. (mé)(nína)	*!		*		**
b. me(nína)☺		*!			
c. (méni)(na)			*		*!
d. (méni)na		*!		*	*
☞ e. (ménina)			*		

Para os casos marcados, a derivação correta do acento secundário em uma análise iterativa requer que as restrições paroquiais atuem unicamente na análise do pé final da palavra prosódica, para que demais pés unitários ou ternários não sejam derivados.

Essa última observação pode significar uma diferença importante a ser considerada entre a atribuição do acento primário e do secundário, quando em uma análise com fundamento em Teoria da Otimidade. Parece-nos, assim, que a hierarquia de restrições envolvida na atribuição do acento primário não deve ser a mesma atuante na derivação do acento secundário, afirmação a ser confirmada por estudos futuros.

Podemos concluir em relação ao exposto nesta seção que a avaliação de candidatos com análise iterativa de pés resulta na seleção de candidatos ótimos quanto à posição do acento primário. Quanto à posição do acento secundário, no entanto, é necessária uma investigação específica, que contemple estudos maiores em virtude da complexidade do tema.



## CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objeto de estudo os sistemas acentuais das línguas Portuguesa e Espanhola, com referência específica às formas nominais. Dois questionamentos instigaram o desenvolvimento deste trabalho: até que ponto são coincidentes os sistemas acentuais do Português e do Espanhol? Que implicações decorrem dessas coincidências no processo de aquisição do Espanhol como língua estrangeira por falantes de Português?

No decorrer das investigações, muitas foram as surpresas. Durante a busca por referenciais teóricos, citações sobre a semelhança entre os dois sistemas puderam ser observadas (Lee, 2002) (Collischonn, 2002) sem que, no entanto, o alcance dessa similaridade fosse questionado em qualquer das investigações realizadas.

Esta pesquisa centrou-se, basicamente, na análise das propostas métricas para o acento do Português e do Espanhol e a para a língua latina, origem compartilhada pelas duas línguas.

A revisão das propostas acentuais possibilitou a observação de que as duas línguas possuem, majoritariamente, acento paroxítono quando o vocábulo é terminado em vogal e acento oxítono quando terminado em consoante. Há, também, três grupos marginais a essa regra geral: os oxítonos com sílaba final leve, os paroxítonos com consoante final e os proparoxítonos.

A observação mais atenta dos estudos já realizados possibilitou, também, evidenciar que autores se dividem em basicamente dois posicionamentos frente a cada sistema. Para o Português, Bisol (1992), Massini-Cagliari (1999), Wetzels (1992) defendem a análise trocaica sensível à quantidade silábica. Por outro lado, Lee (1994) defende a análise iâmbica e a insensibilidade do algoritmo.

Para o Espanhol, os mesmos dois grupos podem ser observados através de Harris (1983, 1995), Lipski (1997), representando o primeiro grupo e Roca (1988), representando o segundo.

Em conjunto, as análises evidenciaram que a diversidade de propostas buscam descrever o mesmo padrão acentual para ambas as línguas. Outras duas observações foram importantes para essa constatação.

A análise estatística da distribuição dos padrões atestados pelas propostas possibilitou a observação de que a distribuição tem valores muito semelhantes para as duas línguas. Os acentos paroxítonos são a maioria, ao lado os oxítonos terminados em consoante. Os demais padrões somam percentuais reduzidos frente a esses dois.

A análise dos denominados heterotônicos – aqueles vocábulos com igual estrutura segmental nas duas línguas, porém com a posição do acento diferenciada – revelou ser um argumento determinante no sentido de que possibilitou evidenciar que as duas línguas têm a mesma regra gerenciando a regularização do acento nos sistemas. Entre os heterotônicos, proparoxítonos são regularizados como paroxítonos e paroxítonos terminados em consoante são regularizados como oxítonos.

Dessa forma, foi constatado que os dois sistemas apresentam o mesmo algoritmo de acento, seja este derivado da origem latina em comum ou pelo contato lingüístico reforçado, provavelmente, pela aproximação geográfica nos dois continentes, europeu e americano.

A Teoria da Otimidade, ao propor que as diferenças existentes entre as línguas naturais resultam de diferentes ordenamentos de restrições universais, caracteriza-se como uma teoria capaz de assegurar a interação entre as línguas e, da mesma forma, a interação entre restrições dentro de cada língua. Dessa forma, a observância da atribuição do acento nas duas línguas através dos pressupostos da TO pode assegurar a identidade entre os sistemas.

Um mesmo ranqueamento de restrições pode ser evidenciado para ambas as línguas, composto por três restrições básicas: Ft-Bin, Align (Ft, L H(Ft), L), Align (Ft, R, PrWd R). Através dessa hierarquia, são derivados os padrões de acento não marcados, estabelecidos pelas propostas em Fonologia Métrica, pela análise distribucional desses acentos no léxico de cada língua e, também, pela regularização evidenciada nos heterotônicos.

Completam essa hierarquia as restrições paroquiais, que asseguram tratamento específico para os grupos lexicais também específicos encontrados nas duas línguas: Foot-Ternário (Ft-Ter) e Foot-Unitário (Ft-Un).

A restrição Ft-Ter pôde evidenciar que os grupos formados por proparoxítonos e paroxítonos com sílaba pesada final possuem relação entre si, ou seja, a proposta aqui apresentada foi capaz de captar que, devido ao limite de três moras expresso pela restrição Ft-Ter, alguns acentos proparoxítonos não podem ser derivados, pois há, prioritariamente, a derivação de paroxítonos com sílaba pesada final. Isso vem ao encontro das restrições a certas configurações de acento expressas pelas propostas métricas, especialmente as citadas por Harris (1995) para o Espanhol, mas extensivas ao Português.

Ainda com relação aos acentos proparoxítonos e paroxítonos com sílaba pesada final, destacamos que Ft-Ter possibilita a geração desses padrões acentuais sem o uso da extrametricidade. A restrição capta a relação existente entre os dois padrões de acento citados, demonstrando que a locomoção mais à esquerda do pé métrico em proparoxítonos deve-se a exigência de três moras pela restrição, ou seja, quando o número de três moras não é satisfeito pelas duas sílabas finais, o pé locomove-se mais à esquerda para compor o número de moras exigido, conforme em *(fósfo)ro*. O processo é o mesmo responsável por localizar mais à esquerda o pé moraico em paroxítonos com estrutura ( \_ )\_ , como em *campo*, por exemplo.

Para o outro grupo lexical existente nas duas línguas, os oxítonos com sílaba leve final, a restrição paroquial atuante é Foot-Unitário. A restrição relaciona esses oxítonos à possibilidade de monossílabos acentuados nas duas línguas, sendo ambos derivados de um pé composto por uma única mora.

A restrição justifica-se, basicamente, pelos processos de redução e duplicação entre os referidos oxítonos e os monossílabos, nos quais há a permanência do acento final. Citamos, como exemplo, o conjunto *avó – vó – vovó* do Português, em que se podem evidenciar os dois processos, e *mamá* (mamãe) *papá* (papai) do Espanhol.

A observação desses processos permite evidenciar que o acento final é mantido quando há a redução de oxítonos ou quando há a duplicação de monossílabos em decorrência da preservação do pé métrico, nesse caso o pé unitário. A mesma preservação é observada no processo de redução de palavras polissilábicas, como *bíci, fóto*, por exemplo, nas quais o pé métrico binário é preservado. Reduções do tipo \*ciclê (bicicleta) ou \*tográ (fotografia), que não preservam a estrutura do pé métrico são incomuns na língua.

Cabe, ainda, responder a segunda pergunta norteadora desta pesquisa: quais as implicações decorrentes da similaridade dos sistemas em uma sala de aula de língua Espanhola para falantes de Português?

Uma vez estabelecida a identidade entre os dois sistemas acentuais, a aquisição do acento em vocábulos espanhóis por brasileiros resume-se à incorporação de vocábulos à regra geral ou a um grupo lexical com acento especial. Os vocábulos *nível* e *cérebro*, por exemplo, devem incorporar-se à regra geral quando, no Espanhol, têm a forma *nivél* e *cerébro*. Ao contrário, os vocábulos *límite* e *canibál* devem ser incorporados ao grupo com acento especial, quando em Espanhol, mostram-se como *límite* e *caníbal*.

Os resultados ratificam a necessidade de estudos contrativos ou comparativos entre as duas línguas, a fim de embasar métodos e materiais de ensino. Especificamente com relação

ao acento, os resultados desta pesquisa possibilitam avaliar a pertinência de atividades e materiais de ensino que incluam atividades sobre o tema.

Como observação final, referimos a pendência de algumas questões surgidas durante a análise. Referimo-nos à variação encontrada nos heterotônicos com relação aos ditongos crescentes e hiatos em *polícia/polición*, *democracia/democrácia*; ao motivo pelo qual ocorreu ou não a regularização nos heterotônicos; à variação do acento secundário em Teoria da Otimidade; às implicações das restrições paroquiais para o processo de aquisição do acento em Português e em Espanhol, entre outras questões, que ficam como sugestão para estudos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dezembro 1994.

\_\_\_\_\_. O acento: duas alternativas de análise. Porto Alegre: PUCRS, 1992. (não publicado).

CEDEÑO, Rafael Nuñez; MORALES-FRONT, Alfonso. *Fonologia generativa contemporânea de la lengua española*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1999.

COLLICHONN, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos do português brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 125-155.

\_\_\_\_\_. Acento secundário em Português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 43-53, dezembro 1994.

COROMINAS, J; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1981.

COSTA, João. *Gramática, conflitos e violações: introdução à Teoria da otimidade*. Lisboa: Caminho, 2001.

d'ANDRADE, Ernesto; LAKS, Bernard. Na crista da onda: o acento de palavra em português. *Actas do VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa: APL, 1993.

FERNÁNDEZ, Juana Gil. *Panorama de la fonología española actual*. Madrid: Arco Libros, 2000. p. 255-272.

HALLE, Morris; IDSARDI, William. General properties of stress and metrical structure. In: GOLDSMITH, J. (org). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 367-402.

\_\_\_\_\_; VERNAUD, J. R. *An essay on stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.

HAMMOND, Mike. *There is no lexicon*. ROA, 1995. [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]

HARRIS, James W. How different in verb stress in spanish? *Probus* 13, p. 241-259, 1989.

\_\_\_\_\_. Projection and edge marking in the computation of stress in Spanish. In: GOLDSMITH, J. (org). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 867-887.

\_\_\_\_\_. *Syllable structure and stress in Spanish: a non linear analysis*. Cambridge: MIT Press, 1983.

HAYES, Bruce. *Metrical stress theory: principles and studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOCHBERG, Judith. Acquisition data and phonological theory: the case of Spanish stress. *BLS* 13, Berkeley, 1987.

JACOBS, Haike. Latin enclitic stress revised. *Linguistic Inquiry*. v 28, n. 4, p. 649-661, 1997.

KAGER, René. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 143-191.

\_\_\_\_\_. The metrical theory of word stress. In: GOLDSMITH, J. (org). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 403-445.

\_\_\_\_\_. *Ternarity rhythm in alignment theory*. ROA. [<http://rucss.rutgers.edu/roa.html>]

LEE, Seung-Hwa. A regra do acento do português: outra alternativa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 37-42, 1994.

\_\_\_\_\_. Primary stress in Portuguese non-verbs. In: REIS, C. (org). *Estudos em fonética e fonologia do português*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2002.

LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v.8, n.2, p. 249-336, 1977.

LIPSKI, John M. El acento de palabra en español: la interacción de las moras y la minimidad. In: FERNÁNDEZ, Juana Gil. *Panorama de la fonología española actual*. Madrid: Arco Libros, 2000. p. 625-660.

\_\_\_\_\_. Spanish word stress: the interaction of moras and minimality. In: MARTÍNEZ-GIL, Fernando. MORALES-FRONT, Alfonso. *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997. p. 559-594.

\_\_\_\_\_. Spanish word stress: the interaction of moras and minimality. In: MARTÍNEZ-GIL, Fernando. MORALES-FRONT, Alfonso. *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997. p. 559-594.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MATEUS, Maria Helena. *The phonology of portuguese*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 109-128.

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda. (org). *Introdução a estudos do português brasileiro*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-79.

McCARTHY, John J.; PRINCE, Alan S. *Generalized Alignment*. ROA, 1993. [<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>]

MENA-ALVES, Leticia. Uma discussão sobre o acento em Português e em Espanhol. V Encontro do CELSul. Curitiba: UFPR, 2002.

NESPOR, Marina. *Le strutture del linguaggio: fonologia*. Bologna: il Mulino, 1993.

NUÑEZ-CEDEÑO, Rafael; MORALES-FRONT, Alfonso. *Fonología Generativa contemporánea de la lengua española*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1999. p. 203-230.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. Optimality Theory: constraint interaction and generative grammar. Report n. RuCCS-TR-2. New Brunswick, NJ: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993.

QUEDNAU, Laura Rosane. Atribuição de acento em latim: em defesa do troqueu irregular. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 37, p. 131-148, março 2002.

ROCA, Ignácio M. Consecuencias teóricas del acento de palabra en español. In: FERNÁNDEZ, Juana Gil. *Panorama de la fonología española actual*. Madrid: Arco Libros, 2000. p. 583-624.

\_\_\_\_\_. Theoretical implications of Spanish word stress. *Linguistic Inquiry*, Cambridge:MIT, n. 19, p. 393-423, 1988.

SALTARELLI, Mario. Stress in Spanish and Latin: where morphology meets prosody. In: MARTÍNEZ-GIL, Fernando. MORALES-FRONT, Alfonso. *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997. p. 665-694.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. HULST, Harry Van Der, SMITH (orgs). *The structure of phonological representations* (part. II). Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1992.

WETZELS, W. Leo. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 23, p. 19-55, julho-dezembro 1992.

\_\_\_\_\_. On the weight issue in Portuguese, a typological investigation. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 107-133, dezembro 2003.

## ANEXO

### Lista de heterotônicos

#### Português

academía  
acrobáta  
alergía  
anestesia  
álcool  
alguém  
asfixia  
atmosfera  
burocracia  
democracia  
canibál  
cangurú  
cérebro  
condór  
elétrom  
elogio  
futebol  
gaúcho  
ímã  
imbecíl  
ímpar  
limite  
magia  
míssil  
nível  
pântano  
policia  
protótipo  
rubrica  
sintóma  
telefone  
têxtil  
herói

#### Espanhol

académia  
acróbata  
alérgia  
anestésia  
alcohol  
álguien  
asfixia  
atmósfera  
burocracia  
democrácia  
caníbal  
cangúro  
cerébro  
cóndor  
electrón  
elógio  
fútbol  
gáucho  
imán  
imbécil  
ímpar  
límite  
mágia  
missíl  
nivél  
pantáno  
policia  
prototípo  
rúbrica  
sintoma  
teléfono  
textíl  
héroe